

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
LITERATURA BRASILEIRA E TEORIA LITERÁRIA

Soneto

+

Fallo, me avoz do longe a voz piedosa,  
Que ~~o~~ a distancia, na insólita,  
E parece chorar fúnebre e saudososa  
E virá flor do todo e Váburga

Divina voz de Amor miraculosa  
Quasi a convelar pela ~~o~~ bellaça  
De um imelicta de myrtimora  
Spiritualizada na purga...

Nem Crepusculos e horas visionarias,  
Que o Myrtério de subito acicada  
Por obliqua e prosas, solitarias: —

Resentiram a sua, magica, e ~~o~~  
De rido cabalytico, que ~~o~~  
Sautardast no ~~o~~ anto de ~~o~~

8-4-14

~~Ernani Rosas~~  
ER. Rosas

# ESPECTROS DO TEXTO

( Resgate de Poemas Inéditos de Ernani Rosas )

Zilma Gesser Nunes

Florianópolis, fevereiro de 1995

ZILMA GESSER NUNES

## *ESPECTROS DO TEXTO*

( Resgate de Poemas Inéditos de Ernani Rosas )

Dissertação apresentada  
como requisito à obtenção do  
título de "Mestre em Letras", área  
de concentração em Literatura  
Brasileira. Curso de Pós-  
Graduação em Letras – Literatura  
Brasileira e Teoria Literária.  
Universidade Federal de Santa  
Catarina.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Zahidé Lupinacci Muzart

Florianópolis

1995

*ESPECTROS DO TEXTO*  
( Resgate de Poemas Inéditos de Ernani Rosas)

Zilma Gesser Nunes

Esta dissertação foi julgada para obtenção do título de:

**MESTRE EM LETRAS**

Área de concentração em Literatura Brasileira, e aprovada em sua forma final, pelo Curso de Pós-Graduação em Letras - Literatura Brasileira e Teoria Literária da UFSC.

Orientadora



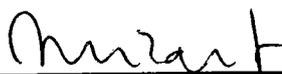
Profª Drª Zahidé Lupinacci Muzart

Coordenador  
do Curso

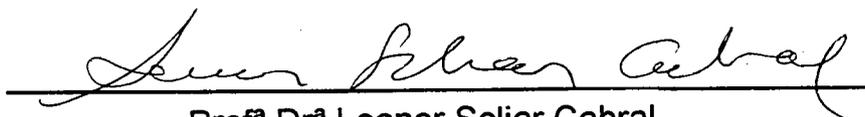


Prof. Dr. Walter Carlos Costa

Banca  
Examinadora



Profª Drª Zahidé Lupinacci Muzart



Profª Drª Leonor Scliar Cabral



Profª Drª Maria da Glória Bordini

Florianópolis, fevereiro de 1995

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores e colegas do Curso, com quem aprendi, dividi e somei experiências.

Ao Prof. Dr. Paschoal Apóstolo Pítsica – Presidente da Academia Catarinense de Letras, pelo apoio, tornando possível o acesso ao acervo de Ernani Rosas.

Ao Prof. Iaponan Soares pelo incentivo à pesquisa.

À CAPES pelo financiamento.

A pessoas especiais, com as quais contei nos momentos mais difíceis, particularmente Luiz, Valéria e Zenir.

Quero agradecer, de forma especial, à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Zahidé Lupinacci Muzart, minha orientadora e incentivadora. Agradeço-lhe, também, a sugestão do trabalho e o empréstimo do material bibliográfico.

## RESUMO

Este trabalho apresenta a transcrição de duzentos e seis poemas autógrafos, inéditos de Ernani Rosas (1886-1955), bem como a descrição das marcas deixadas, pelo poeta, em seus textos. Todos os poemas são apresentados de forma que possam ser lidos integralmente, tal qual foram deixados pelo escritor nos manuscritos. Todas as rasuras, anotações marginais e vacilações do autor são apresentadas em notas laterais, com sinais definidos para caracterizá-las como tal. A transcrição aqui realizada não abrange a obra de Ernani Rosas em sua totalidade, sendo que há ainda, na Academia Catarinense de Letras, material inédito. Os poemas aqui reunidos são uma contribuição para um trabalho futuro, de edição crítica/genética, edição da obra completa ou estudo mais aprofundado do autor, ressaltando-se a necessidade de transcrição do material inédito para que o poeta possa ser revelado integralmente.

## ABSTRACT

This work presents a transcription of two hundred and six of Ernani Rosas' unpublished autographic poems (1886-1955), as well as a description of the marks left by the poet in his texts. The poems are presented so that they can be read integrally, exactly as the author left them in the manuscripts. All erasure, marginal notations and vacillations of the author are indicated in side notes, by specific signs. This transcription does not comprehend the whole of Ernani Rosas' production, since there is more unpublished material in the Academia Catarinense de Letras. The poems collected here are a contribution to a future work of a critical/genetic edition, complete work edition, or a deeper study of the author. In order for the poet to be fully revealed, further transcription of the entire unpublished material is still needed.

## SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	7
1.1- O Ressurgimento da Palavra Poética .....	8
1.2- Ernani Rosas: poeta do desterro literário .....	10
1.3- Critérios para a transcrição dos poemas.....	13
1.3.1- A opção teórica.....	13
1.3.2- O material .....	16
1.3.3- A transcrição.....	17
2- O TEXTO TRANSCRITO - a voz do poeta.....	21
3- PALAVRAS FINAIS... e a história não termina.....	272
4- BIBLIOGRAFIA.....	276
5- ANEXOS.....	283
6- ÍNDICE DOS POEMAS TRANSCRITOS.....	303

*Falam as trevas mudas: Soneto*

*Nós somos fráguas de punzir inerte  
não temos corações, somos de gelo!  
igualamo-nos a Judas, ao pesadelo...  
sem brío é o nosso sangue e fogo verde...*

*Nossas raízes brotam dos avernos  
do fundo de um vulcão, há muito extinto  
vivemos do éter não de estranho instinto  
do poente rubro de perpétuo inferno...*

*Hã no Letes sonolento de queixumes  
que banham os nossos pés de água fremente  
e em tédio a nossa vida se resume...*

*Cativos subir os montes procuramos  
desuendar o porvir nunca encontramos  
solução p'ros mortais indiferentes!*



*E. Rosas*

**I**

**INTRODUÇÃO**

## 1.1- O Ressurgimento da Palavra Poética

*... captar a pulsação de uma folha de papel já manchada pela tinta - eis a primordial experiência de quem sente pela primeira vez em outro, a angústia da criação literária. O papel e as palavras revelam vivos; o autor se descobre, deixando à mostra os seus efeitos e as suas insuficiências, sem pudor e sem reserva. Ir além, entregá-lo ao público nesse estado, é desmistificar um escritor. Reduzi-lo, no entanto, à condição de homem é amá-lo ainda mais: conhecê-lo no instante exato em que luta com a virgindade do papel numa tentativa absurda de erguer vidas humanas.*

Silviano Santiago

Ernani Rosas, poeta nascido e embalado no berço do Simbolismo, dormiu, por longo tempo, em arquivos, à margem da história da literatura. Fazê-lo despertar, por meio do resgate de sua obra, é o objetivo primordial desta dissertação, como também, compreender, a partir das marcas deixadas pelo poeta, o seu processo de criação. Arrancá-lo de uma "lassidão espectral"<sup>1</sup> e dar-lhe voz é uma questão essencial. O texto manchado, o papel danificado, as rasuras, as anotações marginais, as versões... ou seja, os espectros do texto, marcas que evocam a própria alma da poesia de Ernani Rosas, são essas marcas que elucidam o processo de criação poética e revelam o texto como um todo, possibilitando múltiplas leituras. A importância do resgate dos poemas de Ernani Rosas se justifica, se levamos em conta as impressões de leitura de críticos que o apontam como "poeta mágico"<sup>2</sup>, "um dos mais singulares e significativos"<sup>3</sup>,

1 Expressão utilizada por Ernani Rosas, no poema "Noite Egípcia", transcrito à página 78 desta dissertação. O poeta utiliza-se, frequentemente, de termos que nos remetem à idéia de coisas diluídas, impalpáveis, muito utilizados pelos poetas simbolistas. Há uma reincidência vocabular notada em expressões como "espectra-se uma voz", "sombra espectral", "lassidão espectral", "a noite espectra assombro".

2 Cf. MUZART, Zahidé L. Ernani Rosas, o último simbolista. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 17 out. 1988. p. 6.

3 MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952, v.2, p. 157.

"um enigma"<sup>4</sup>, "um poeta singular entre os poetas", afirmando que "há nele uma modernidade de tendências que o aparenta aos modernistas portugueses em geral e uma estranha percepção do mundo subconsciente, que talvez só encontre igual em Mário de Sá-Carneiro"<sup>5</sup>.

A oportunidade que se tem hoje de resgatar os poemas de Ernani Rosas está relacionada à "obra do acaso", segundo revela o escritor laponan Soares<sup>6</sup> : a Academia Catarinense de Letras recebeu uma caixa proveniente do Rio de Janeiro, com alguns manuscritos que se supunham de Oscar Rosas (poeta e jornalista catarinense). Uma investigação revelou que esses papéis não eram de Oscar Rosas, mas de seu filho, o que frustrou as expectativas dos pesquisadores catarinenses, que depositaram o material no acervo da Biblioteca Pública do Estado, para um futuro estudo do valor literário daqueles papéis. Iaponan Soares foi quem mais tarde (re)descobriu Ernani Rosas e resgatou o material para o acervo da Academia Catarinense de Letras. A maior parte desses poemas continua arquivada, constitui um raro material não lido.

Transcrevo aqui duzentos e seis textos de Ernani Rosas, dando continuidade ao trabalho já iniciado por alguns pesquisadores. Ana Lize Brancher defendeu, na UFSC, a dissertação de mestrado intitulada *De Sedas, Penumbas, Volúpias - A Poética Êxul de Ernani Rosas*, em 1993, na qual transcreveu 147 poemas. Iaponan Soares e Danila Varella organizaram a publicação de *Poesias de Ernani Rosas* (1989), pela Fundação Catarinense de Cultura, com transcrição de 88 poemas. Já o próprio autor, lançou, no Rio de Janeiro, duas plaquetes: *Poemas do Ópio*, 1918 e *Certa Lenda Numa Tarde*, 1917 e um folheto, sem data, intitulado *Silêncios*.

Resgatar os textos de Ernani Rosas será preencher uma lacuna das páginas da história e recuperar um pedaço da literatura catarinense escrita, porém calada no tempo. Passo a passo, articulando as informações deixadas junto aos textos, transcrevendo os poemas, decifrando as rasuras se poderá delinear o perfil de uma obra e de um poeta.

4 CAMPOS, Augusto de. O Enigma Ernani Rosas. *Revista da USP*, São Paulo, p. 157, set. / out. / nov. 1990.

5 BERARDINELLI, Cleonice. "Ernani Rosas e Sá-Carneiro". IN: *Estudos de literatura portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 47.

6 SOARES, Iaponan. *Entrevista informal*. Florianópolis, 14 out. 1994. Revelou-me dados sobre os manuscritos de Ernani Rosas. A respeito dessa questão Soares publicou o artigo: Encontros com o poeta Ernani Rosas. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 11 nov. 1990.

## 1.2- Ernani Rosas: poeta do desterro literário

*A vitalidade de uma literatura não se mede apenas pelo mérito daqueles autores que a crítica passou em julgado e entronizou definitivamente como "maiores". Mede-se também - e é forte a tentação de escrever **sobretudo** - pelo valor dos autores ditos "menores" que, negligenciados pelos contemporâneos, só tardiamente, o mais das vezes depois de mortos, conseguem se impor.*

José Paulo Paes

Ernani Salomão Rosas Ribeiro d'Almeida nasceu na cidade de Desterro, a 31 de março de 1886, filho do poeta e jornalista catarinense Oscar Rosas e de Dona Julieta Chaves Escobar Rosas. Logo nos primeiros anos de vida a família transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde Ernani Rosas viveu até a morte, em janeiro de 1955. Sendo o pai escritor, amigo de poetas como Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Araújo Figueredo e sendo o avô paterno, professor, Ernani, desde muito cedo, teve contato com o ambiente literário.

Viveu sempre como poeta e, segundo Andrade Muricy<sup>7</sup>, se exerceu alguns cargos modestos, foi pela contingência do destino. Morrendo o pai (1925), viu-se, como filho mais velho, na obrigação de sustentar a mãe e as duas irmãs: Corália e Berenice.

E assim viveu, no Rio de Janeiro boêmio, segundo Uelinton Farias Alves<sup>8</sup>, entre a Lapa e a Piedade. Afirma, ainda, Alves que, embora alguns críticos e amigos indiquem a colaboração de Ernani em alguns jornais, destacando *Imparcial*, *Maçã* e *A Época*, nada pôde ser encontrado que denunciasse sua participação efetiva.

Desfrutava de importantes amizades no meio literário, como Andrade Muricy, o primeiro escritor a dar espaço ao nome de Ernani Rosas em uma

---

7 MURICY, op. cit., p.36.

8 ALVES, Uelinton Farias. Revisitando Ernani Rosas. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 23 abr.1990. p. 6.

antologia e Luís de Montalvor, de quem recebeu insistentes convites para colaborar da Revista *Orpheu*, de Portugal<sup>9</sup>.

Classificado como poeta simbolista, Ernani Rosas só poderá ser objeto de análise aprofundada a partir do momento em que o conjunto de sua obra for revelado<sup>10</sup>. Pouco se sabe da sua poesia. As antologias de poetas catarinenses<sup>11</sup>, bem como os dicionários literários<sup>12</sup>, quando o citam, é sempre remetendo a uma mesma fonte: Andrade Muricy<sup>13</sup>. É, até hoje, um poeta desconhecido, esquecido pela ausência de seu nome nos livros de literatura. A história se constrói num jogo, que Flora Süssekind coloca "entre a lembrança e o esquecimento, preservação e silêncio". Existe, portanto, a necessidade de uma "reavaliação permanente desse jogo, para o que se necessita mergulhar constantemente nas águas de *Mnemosyne* e *Lethe*"<sup>14</sup>.

Julgando o ocorrido com os poemas de Ernani Rosas, "guardados" há quase meio século (sua produção está compreendida entre 1904 e 1953), é que se percebe a importância da contínua e extenuante pesquisa, que deve

...remexer as latas de lixo da história da cultura brasileira, porque aí às vezes se encontram figuras como as de Gregório de Matos, Sousândrade, Qorpo-Santo. E se diversos são os motivos e os mecanismos que levaram tais personagens ao esquecimento, também diversos são os procedimentos e interesses que podem levar alguém a deter-se arqueologicamente, nesses 'restos' dispersos pela nossa história cultural<sup>15</sup>.

Diz ainda Süssekind que a esse tipo de poeta, como foi o Sapateiro Silva, "um poeta sem beca", costuma sempre acompanhar um qualificativo como "louco", "obscuro", "curioso". Além de um qualificativo, no caso de Ernani Rosas, percebe-se que seu nome é sempre acompanhado do epíteto "filho

9 Embora Ernani Rosas tenha sido convidado a colaborar na Revista *Orpheu*, convite registrado em carta de Luís de Montalvor (cf. Morreu Ernani Rosas o último poeta simbolista catarinense. *Anuário Catarinense*, 1956, p. 130), seus poemas nunca apareceram nessa Revista. Segundo Arnaldo Saraiva (cf. *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português*, 1986, p. 109) há diversos equívocos que ele pretende esclarecer nesse livro. Dentre eles, o de Andrade Muricy, em supor que Ernani Rosas e outros brasileiros teriam colaborado com o *Orpheu*.

10 PÍTSICA, Paschoal Apóstolo, *Entrevista informal*. Florianópolis, 14 out. 1994. O Presidente da Academia Catarinense de Letras, em uma das entrevistas informais que me concedeu, afirmou que em 1993 Arnaldo Saraiva - escritor português interessado nas relações entre o modernismo brasileiro e o modernismo português - em visita àquela Academia, destacou a importância do trabalho de transcrição dos textos de Ernani Rosas.

11 Podemos destacar:

SACHET, Celestino e SOARES, Iaponan. *Presença da literatura catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1989, p. 70-71.

SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1985, p. 58 e 68.

JUNKES, Lauro. *Poesia em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979, p. 110-113.

12 Encontrei referências em:

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 597.

PAES, José Paulo e MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, s/d, p. 221.

13 MURICY, op. cit.

14 SÜSSEKIND, Flora. *O sapateiro Silva*. Rio de Janeiro: FCRB, Centro de Pesquisas, Setor de Filologia, 1983, p. 8.

15 SÜSSEKIND, p.9.

de Oscar Rosas", que tem o valor de uma autorização. O resgate da obra de Ermani Rosas contribuirá, portanto, para a legitimação de sua existência, deixando de ser um "enigma"<sup>16</sup> ou de fazer parte da relação de "outros poetas", apontados como "figuras menores ou epigonais"<sup>17</sup>.

---

16 CAMPOS, op. cit.

17 MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira. Simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 1984, p. 78-79.

### 1.3- Critérios para a transcrição dos poemas

*Há quem relute em admitir que o texto poético, tal qual se nos dá, pronto, aos nossos olhos encantados de leitores, haja sofrido um longo e não raro atormentado processo de gênese e modelagem.*

Philippe Willemart

#### 1.3.1- A opção teórica

Captar os espectros do texto, surpreender o autor no instante da criação, decifrar uma folha manchada, ou seja, transcrever os poemas de Ernani Rosas. Para isso torna-se necessária uma prévia discussão teórica que nos remete, inicialmente, à Filologia como principal referência, disciplina que responde a muitas das necessidades metodológicas da Crítica Textual. É uma disciplina que inspira a segurança e a definição de critérios que até hoje têm sido utilizados para o estabelecimento crítico de um texto.

A Filologia, para Mattoso Câmara<sup>18</sup>, "significa literalmente "amor à ciência", usada a princípio com o sentido de erudição, especialmente quando interessada na exegese dos textos literários. Hoje designa, estritamente, o estudo da língua na literatura, distinto portanto da lingüística".

Ismael Coutinho<sup>19</sup> designa a Filologia como "ciência que estuda a literatura de um povo ou de uma época e a língua que lhe serviu de instrumento".

A Filologia utiliza-se de um método muito definido e específico para a elaboração de uma edição crítica. Esse método pressupõe uma série de etapas a serem seguidas.

---

18 Cf. GIL, Fernando (Org.) Filologia. IN: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 17, (Literatura-Texto) Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989, p.210 e seguintes.

19 COUTINHO, Ismael. *Gramática histórica*. 4. ed., Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958, p.19.

É interessante notar, de acordo com Câmara, acima citado, "como esse rigor nos métodos de investigação, preconizado pela Filologia é, a todo momento, exposto a uma ruptura, uma vez que a mesma Filologia trabalha com a atribuição de significados variáveis". A instrumentalização filológica utiliza-se, em seu aparato, de referências como: "métodos cada vez mais seguros", "normas", "justificação", "regras", "domínio", "segurança e perfeição para o estabelecimento do texto", "fixar o texto". Todas essas referências nos remetem à noção de "sacralidade do texto" que é inerente ao conceito de Filologia. Percebe-se, porém, que há uma tentativa de introduzir uma noção nova de sacralidade do texto<sup>20</sup>. O texto sendo tratado com a idéia de futuro, preservado intacto, porém restaurado e tornado preciso nos seus significados. A Filologia pretende com isso dar um estatuto mais dinâmico ao texto e considerá-lo "não como um valor estabelecido, mas como uma perene aproximação do valor".<sup>21</sup>

A partir da década de 70, mais especificamente na França, com Louis Hay, que criou uma equipe para reparar os manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine, surge a Crítica Genética, se impondo com novas propostas, discutindo e ampliando conceitos que até então eram tidos como normativos, no campo da edição crítica.

Podemos, a partir da definição do propósito de cada uma das duas disciplinas, discutir as suas peculiaridades.

A Filologia "concentra-se no texto, para explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado"<sup>22</sup>.

A Crítica Genética "analisa o documento autógrafa - documento vindo da mão do criador, não passando por processo de publicação para compreender, no próprio movimento da escritura, os mecanismos da produção, elucidar os caminhos seguidos pelo escritor e entender o processo que presidiu o nascimento da obra"<sup>23</sup>.

As duas disciplinas diferem no que diz respeito à sua dinâmica. A Filologia, de caráter mais estático, trata o texto como algo que se possa estabelecer como definitivo, enquanto a Crítica Genética pressupõe um caráter dinâmico, levando em conta o processo do fazer literário, dando maior estatuto ao sujeito da escritura. Neste sentido, podemos citar

---

20 GIL, p.211.

21 GIL, p. 216.

22 SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica*, (Crítica Textual). São Paulo: Cultrix, 1977, p.75.

23 SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: uma introdução, fundamentos dos estudos genéticos sobre os manuscritos literários*, São Paulo: EDUC, 1992, p. 19.

Leodegário de Azevedo Filho<sup>24</sup> que diz ser a Crítica Genética "uma espécie de Filologia em movimento e aponta para a necessidade de discutir em termos teóricos a própria gênese do texto, para que o modelo genético não se reduza a uma atividade puramente descritiva ou mecânica". Dentro dessa postura teórica são definidas etapas em que cumpre, num primeiro momento, descrever e elucidar o processo de criação, para, a seguir, adotar uma opção teórica e crítica para a tarefa analítica das variantes. Esta opção pode ser de base fenomenológica ou ontológica, ou, ainda, pode buscar subsídios na hermenêutica ou na psicanálise. Segundo Leodegário, no texto acima citado, são estes os principais caminhos percorridos pelos críticos, além de outras opções que podem estar relacionadas com as influências do contexto social.

Aqui se faz necessário esclarecer que, de acordo com os objetivos deste trabalho, não se pretende entrar no campo da análise dos textos de Ernani Rosas. Esta etapa requer mais tempo e maior aprofundamento teórico. Hoje, damos os primeiros passos que, de acordo com os propósitos traçados aqui, pretendem revelar o poeta Ernani Rosas e o seu processo de criação.

A adoção de uma postura teórica, para definição de critérios, foi inspirada pela possibilidade de diálogo entre a segurança da Filologia e a abertura instaurada pela Crítica Genética. Há aspectos, para os quais a Crítica Genética não chegou ainda a uma padronização, como por exemplo a definição de um código comum para transcrição. Cecília Salles justifica esta afirmativa, argumentando que "isto acontece, por um lado, em virtude das peculiaridades de cada escritor, que exigem uma codificação também específica ou singular"<sup>25</sup>.

Desta forma, há que se combinar critérios definidos pelas duas disciplinas. Antônio Houaiss<sup>26</sup> recomenda a "Introdução ao texto crítico das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis" como uma "súmula de princípios ecdóticos modernos aplicáveis a qualquer texto de valor lingüístico e literário". Estes princípios, sugeridos por Houaiss, caracterizam-se por sustentarem uma base filológica, dando, porém, aquela abertura necessária ao tratamento do texto como um processo dinâmico. As bases gerais estabelecidas, diz o autor, o são *a priori* e "deverão ser objeto de periódicas alterações, no sentido de serem progressivamente

---

24 Ver a esse respeito: AZEVEDO FILHO, Leodegário. A criação literária vista no espelho dos manuscritos. In: // ENCONTRO DE EDIÇÃO CRÍTICA E CRÍTICA GENÉTICA, USP, s/d, p.395-403.

25 SALLES, op. cit., p.56-57.

26 Cf. HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*, São Paulo: HUCITEC, Brasília, INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983, p.275 e seguintes.

particularizadas, ao sabor do desenvolvimento da tarefa de estabelecimento do texto crítico, em face das ocorrências concretas".

A fundamentação teórica deste trabalho instaura-se, portanto, a partir da possibilidade de articulação das duas disciplinas, combinando elementos que possam contribuir para a elaboração do trabalho e o resgate dos poemas de Ernani Rosas, ainda calados no acervo da Academia Catarinense de Letras.

### 1.3.2- O Material

Os textos de Ernani Rosas que estão no acervo da Academia Catarinense de Letras foram organizados por Ana Lize Brancher em 31 envelopes, anotados os títulos, com o total aproximado de 610 poemas avulsos (há muitos fragmentos) e 37 plaquetes com 260 poemas (dentro das plaquetes há 80 avulsos). Em dissertação de mestrado, defendida em julho de 1993, Ana Lize transcreveu 108 poemas escolhidos das plaquetes e mais 39 avulsos, dos envelopes.

As plaquetes, diz Augusto de Campos<sup>27</sup>, são preciosas mas modestíssimas, tanto que nem capa possuem: *Certa Lenda Numa Tarde* - Paráfrasis de Narciso por Rictus da Cruz (anotado a mão: Ernani Rosas filho de Oscar Rosas), oito folhas, sem data de edição, contendo os poemas "Sombra idílica", "As ninfas" e "Narciso", com datas esparsas que vão de 1913 a 1917. *Silêncios*, conforme informações de Andrade Muricy<sup>28</sup>, é um folheto de quatro páginas, não numeradas. Na primeira, que é ao mesmo tempo a capa, vem o título, isolado, não havendo sequer o nome do autor; a segunda está em branco e na terceira e na quarta aparece o poema.

As plaquetes do acervo da Academia são montadas por processo manual. São escritas a mão, com exceção de uma, que é a máquina. Possuem uma capa de papel pardo, onde estão anotados o nome do autor ou pseudônimo, o local (sempre Rio de Janeiro) e as datas.

Os poemas avulsos, objeto de estudo deste trabalho, são manuscritos, poucos são os datiloscritos, registrados em papel com ou sem pauta,

---

27 CAMPOS, op. cit., p. 17. O escritor relata ter recebido de Andrade Muricy duas plaquetes de Ernani Rosas: *Certa Lenda Numa Tarde* e *Silêncios*.

28 MURICY, op. cit., p. 347.

recortados em tamanhos diversos e nas mais variadas formas: folhas destacadas de blocos ou cadernetas, tiras recortadas de papel almaço ou pedaços muito pequenos de papel, alguns escritos só na frente, outros, na frente e no verso. Não há uniformidade em nenhum aspecto, as tintas se misturam, formando um mosaico: diversas tonalidades de azul e vermelho, verde e preto. Além disso, o poeta utiliza-se do lápis e, por diversas vezes, mistura cores em um mesmo poema, ou faz alterações com cores diferentes.

Quanto à grafia, há uma nuance de formas que vai da letra desenhada ao rabisco quase ilegível.

Os poemas possuem um ou dois títulos e, às vezes, não trazem título algum, ou somente a anotação "Soneto".

A grande maioria é datada e assinada de maneira diversificada. O poema mais antigo é de 1904, "Uma mulher perdida", e a última data anotada é a de 1953, em dezessete poemas. Quanto à autoria, temos os seguintes pseudônimos de Ernani Rosas: Rictus da Cruz, Narciso Caspio, Antonio Luzo, A. Luzo, N. Luzo, Alda Trigueiros, Narciso Luzo, D. Narciso Luzo. Aparecem, ainda, as assinaturas: Ernani Rosas, E. Rosas, E Rosas, de Rosas Ribeiro, ERR e E. R. Rosas, E. R., E\_\_\_\_\_.

### 1.3.3- A Transcrição

A importância da transcrição de um texto, de acordo com a Crítica Genética, está na valorização do prototexto, ou seja, o texto escrito pela mão do autor, com todas as suas vacilações e opções. Jean-Bellemin Noël ressalta a importância dessa etapa da pesquisa. Cunhou o vocábulo "avant-texte" para designar o resultado dessa reconstrução dos percursos da escritura. Define o prototexto como "uma certa reconstrução dos antecedentes de um texto, estabelecida pelo crítico com o auxílio de um método específico, destinada a ser objeto de uma leitura em continuidade com o dado definitivo"<sup>29</sup>. Almuth Grésillon chama de "antetexto"<sup>30</sup> o conjunto das marcas conservadas no texto. Considerando a importância dada pelos

29 Apud PINTO, Maria Cecília de Moraes. De Lanson a Louis Hay: crítica de fontes e crítica genética. In: ANAIS DO 1º CONGRESSO ABRALIC. 1988, p. 323.

30 GRÉSILLON, Almuth. Alguns pontos sobre a história da crítica genética. *Estudos Avançados*. 11 (5), 1991, p. 9.

críticos ao conjunto das marcas deixadas pelo escritor, no sentido de fazer ressurgir a sua obra, é que se justifica a presente forma de transcrição dos textos de Ernani Rosas. Trabalhei exclusivamente com textos autógrafos, seja por processo manual (em sua grande maioria os textos são manuscritos), ou mecânico (existem poucos datiloscritos). Todas as imperfeições, rasuras, versões e vacilações do autor também foram objeto de transcrição, sem, contudo, querer levar o leitor/crítico ao julgamento equivocado de que o texto de Ernani Rosas se constitui em apenas uma etapa inicial da escrita. O texto na íntegra proporciona a possibilidade de uma leitura, dentre muitas que poderão surgir depois, a partir de um trabalho de interpretação. Essa questão é discutida por Maria Zilda Cury que redefine a posição da crítica textual, enquanto "discurso plural, que entra na diversidade dos jogos de linguagem, desmistificando-se a si mesma como discurso único de legitimação do saber"<sup>31</sup>.

Para a transcrição dos poemas, tomei por critério, primeiramente, proceder a uma listagem por ordem cronológica (ver anexo nº 1), de todo o material avulso, uma vez que a organização por envelopes não favorece a pesquisa<sup>32</sup>. Pronta a listagem, resolvi seguir a transcrição na ordem cronológica, tomando-a como guia para a orientação do meu trabalho. Iniciei, então, por 1904, com o poema "Uma mulher perdida" e cheguei a 1932, com "Surpresa do Destino".

Transcrevi o total de duzentos e seis poemas, utilizando-me do programa de Computador "Word for Windows". Alinhei o texto à margem esquerda da página, sendo que reservei a margem direita para anotar as alterações feitas pelo autor, ou danos causados pela ação do tempo sobre o papel ou sobre a tinta. Reservei o espaço de rodapé para notas referentes a correções ou observações relevantes relacionadas à transcrição e à inteligibilidade do texto. Cada texto é acompanhado da descrição material, indicada por um asterisco, antes da primeira nota de rodapé.

Os sinais utilizados para a transcrição foram os seguintes:

- [ ] substituição de vocábulos, pontuação, versos
- < > acréscimos
- || || supressão

31 CURY, Maria Zilda. A pesquisa em acervos e o remanejamento da crítica. *Manuscrtica*, São Paulo, n. 4, APML, 1993, p. 80.

32 Para Jean-Yves Tadié, "encontrar a ordem cronológica em que aparecem as idéias e as invenções esclarece, de modo singular, a obra literária". Cf. TADIÉ, Jean-Yves. A crítica genética. In: *A crítica literária do século xx*. Trad. Wilma Freitas de Carvalho, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1987, p. 293.

- | | alteração (por exemplo: de gênero, número, inversão de ordem, maiúsculas/minúsculas)
- (( )) abreviatura desenvolvida
- [---] ilegível ( os traços correspondem ao possível número de letras da palavra)
- [....] texto mutilado
- > palavra corrigida (ex.: supertição > superstição)

sublinhado: texto com outras rasuras<sup>33</sup>, que não as descritas acima (ex.: palavras ou letras reelaboradas ou sobrepostas).

Os sinais utilizados para a transcrição das notas da margem direita, apontam as alterações feitas pelo autor, enquanto que os sinais utilizados dentro dos textos, apontam as diferenças entre as versões de um mesmo poema.

Há alguns princípios básicos<sup>34</sup> que, em uma transcrição, precisam ser observados:

- . Qualquer simplificação não deve, a título nenhum, trair forma, valor ou função lingüística.

- . O conceito de erro óbvio, *lapsus calami*, na tradição manuscrita, só será acolhido quando outro não couber, caso em que o texto transcrito terá, em seu aparato, sempre a constatação do fato e suas circunstâncias.

- . A ortografia será atualizada, em harmonia com o sistema vigente atual.

- . São simplificáveis:

- as letras consonânticas dobradas,
- os dígrafos helenizantes.

- . São substituíveis as letras:

- k por c ou qu,
- y por i,
- w por v ou u, salvo em estrangeirismo.

O emprego das maiúsculas conformar-se-á com o texto de base.

A acentuação gráfica conformar-se-á ao sistema ortográfico vigente na atualidade.

Acrescente-se a isso a necessidade de respeitar:

- . a pontuação do autor,
- . a disposição dos versos nas linhas,

<sup>33</sup> As rasuras sublinhadas são as que não apresentam uma variação. Por exemplo a palavra riscada e não eliminada; a palavra reformulada, porém não alterada. Não estão incluídas aqui as palavras manchadas pela tinta da caneta e as outras rasuras (de acréscimo, substituição, supressão, ou qualquer alteração na palavra; para estas há sinal próprio, na transcrição).

<sup>34</sup> HOUAISS, Antônio, op. cit., indica uma lista minuciosa de princípios básicos para uma transcrição, dos quais cito alguns, importantes para o presente trabalho.

- . a disposição dos poemas por página (cada poema ou fragmento foi anotado em página separada),
  - . em certos casos, algumas palavras não foram atualizadas, quando para compor rima interna ou eco (ex.: oiro, cousa, soidão),
  - . onde a crase é facultativa optei por colocá-la (ex.: à sua, à minha),
  - . para melhor localização da palavra alterada ou corrigida, no texto, a nota a apresenta entre duas não alteradas,
  - . transcrevi a assinatura ou pseudônimo do autor, há, porém, muitos textos que não são assinados,
  - . os poemas são apresentados em ordem cronológica, em caso de poemas com a mesma data, prevalece o critério de ordem alfabética,
  - . todas as alterações feitas pelo autor constam da transcrição, na margem direita; as notas de rodapé são observações ou correções minhas,
  - . as correções ortográficas aparecem em notas, a atualização não; não corriji quando o autor não usou apóstrofo (ex.: "dAlém"),
  - . quando há dois ou mais poemas iguais, transcrevi todas as versões, anotando as diferenças sempre em relação ao primeiro texto transcrito,
  - . se o texto estiver riscado no corpo do poema, considero este como uma versão anterior, constando na transcrição da margem; considero a reescritura como texto definitivo (do autor). Chamo de "versão", conforme Maria Cecília de Moraes Pinto, "o texto que o público lê, mas que ainda está aberto a novos olhares críticos"<sup>35</sup>. A maioria dos críticos, principalmente os mais tradicionais, o chamam de variante. Não me utilizo dessa terminologia, fundamentada na teoria de Philippe Willemart, de que "não há variante para a Crítica Genética porque esse conceito, originário da Filologia clássica, supõe referência inicial ou um texto original"<sup>36</sup>. Temos, pelo contrário, um texto que encerra muitas oscilações, um texto inédito. Leodegário de Azevedo Filho sugere o termo "mutantes, a este seria dado novo valor semântico, especificamente ligado à substituição de palavras ou de sintagmas feitas pelo próprio autor no percurso evolutivo do texto"<sup>37</sup>.
- Quanto ao conceito de reescritura, o significado aqui está relacionado à reorganização ou reformulação do texto, pelo autor, que o transforma<sup>38</sup>.

35 Ver a esse respeito artigo citado à página 17, nota 29.

36 Cf. WILLEMART, Philippe. Antes do começo dos começos. *Manuscrita*. São Paulo, n. 4, APML, 1993, p. 106.

37 Ver AZEVEDO FILHO, op. cit., p. 397.

38 Celina Borges Teixeira, em estudo de textos de Paul Valéry, afirma que há um processo de reescritura que indica acúmulo, repetição de idéias e sonoridades de outros textos. Dessa forma a reescritura configuraria em uma espécie de intertextualidade. Ver o artigo: Uma aproximação enriquecedora. *Manuscrita*. São Paulo, n. 4, APML, 1993, p. 61.

**II****O TEXTO TRANSCRITO - a voz do poeta**

Uma mulher perdida:

Cordeci um homem, o homem conhecido,  
contido e feliz a minha vida;  
esse "Tanorio" meu, pouco conhecido,  
contido - meu amigo da infância!

Campanha a vida, tudo faz sempre  
o homem, meu querido; <sup>eu</sup> ~~me~~ ~~de~~ ~~de~~  
esse a minha vida, esse a minha vida  
de a minha vida, esse a minha vida

Assim, São Paulo, São Paulo, São Paulo,  
contido, meu querido, meu querido,  
contido, meu querido, meu querido

Contido, meu querido, meu querido,  
contido, meu querido, meu querido,  
contido, meu querido, meu querido

Uma mulher perdida:<sup>1</sup>

Conheci essa hiena, o homem mundano,  
convivi e bebi a mesma taça;  
esse "Tenório"<sup>2</sup> vil, parvo tirano...  
atirara-me à<sup>3</sup> vida da desgraça!

- 5 Cumpri à risca, creio ter bem pago  
o crime, sem querer; mas<sup>4</sup> era fado!  
sofrer afrontas neste vale aziago  
de desamor, p'la graça do pecado...

... mas <eu> era fado!

- 10 Assim, são todas torpes como o leito,  
onde, eu pagarei as minhas falhas  
não levarei saudades, deste feito...

Amarguei o pão rude e malfadado,  
vendi meu corpo a troco de migalhas:  
como filho do Amor, cumpri meu fado!...

Rio 904

E Rosas

\* Soneto manuscrito em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Na mesma folha, ocupando a frente e o verso, há outros dois poemas, sem título e mais um intitulado "O Instinto e a morte". São todos assinados por E. Rosas e datados de 1953.

1 O título do poema foi iniciado com caneta de tinta vermelha: "Uma mulher per-", depois, continua a tinta azul: "-dida", tal qual o restante do poema.

2 A referência a "Tenório" deve estar relacionada a D. Juan Tenório, voluptuoso e perverso, criação do gênio espanhol, é uma das mais conhecidas personagens da literatura universal. Aparece pela primeira vez em 1630, na comédia *O Sedutor de Sevilha*, de Tirso de Molina. D. Juan Tenório é um jovem andaluz belo e sensual, o tipo do libertino. Orgulhoso e mentiroso, traidor das amizades. Cf. LAFFONT-BOMPIANI. *Dictionnaire des Personnages*. Paris, 1960, P. 309.

3 Acréscimo de crase em "à vida".

4 Há um acréscimo depois de "mas", que parece ser a palavra "eu". Não incluí no corpo do poema, somente na margem, para que fosse evidenciada, porém não quebrasse a métrica do poema decassílabo.

## Belleza Inferna

Hea neste mim ideal deoldies doluiss,  
ambótas em ablução - a referido do não - Ser eu.  
Ah! si esse doce ohar feito todo de angustias,  
podesse dor - na a luz dos astros a beber...

Fugiu - em sora cõo elasti das bootenias, ...  
por existãõ aqui de um dia Te poder ...  
porquã um Te não mais terei sãõ oserdar,  
Oh! ópio inaxuel d'asõnes e redemurciãõs...

Como um doudo usargi pelos trevos da noite  
procurando em cõo, sem encontro o rio? Alua ...  
tando do desamor o seu gosto agutã!

Por isso, tãmo a fijo em exposiões fatas ...  
de haver expulselado em mim toda tu' alma,  
ten corpo glacial e se animar em estataes ...  
207 E. R. 1908.

Beleza Enferma<sup>1</sup>

- Há neste nume ideal heráldicas dolências,  
auroras em ascensão - anseios do Não - Ser...  
Ah! se esse doce olhar feito todo de ausências,  
pudesse dar-me a luz dos astros a beber...
- 5 Fascina-me essa cor celeste das hortênsias,  
por sugestão senil de um dia Te perder...  
porque sem Ti não mais terei este ascender,  
Oh! ópio insexual d'aromas e veemências...
- 10 Como um doido errarei pelas trevas da noite  
procurando em cor, sem encontrar viv'alma...  
tendo do desamor o seu funesto açoite!
- Por isso, temo e fujo em suposições fátuas...  
de haver crepusculado em mim toda tu'alma,  
teu corpo glacial a se animar em estátuas!...
- ... ideal heráldicas dolências,  
... esse doce olhar feito...  
... celeste das hortênsias [...]  
... não mais terei...  
... e fujo em suposições fátuas...  
... a se animar em estátuas!...

907

E. Rosas.

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel sem pauta, medindo 14 x 35 cm. O título do poema está sublinhado com traço duplo. Não possui assinatura.

<sup>1</sup> Há uma outra cópia deste soneto, com algumas alterações, transcrito à página 59.

# Noite

Sphynxética, augusta do Impalpavel,  
Noite, que te abandonas tristemente...

Está num raio de Luar morto e silente  
Vaga a sombra espectral do Inconsolavel!

Apagam-se os sentidos vagamente  
Hea mysterio e silencio e o formidavel  
Spirito das coisas, docemente  
Vai, como que se abrenido, invisivel!

O noite, das phantasticas miragens,  
Onde a vista não chega e nem o Olhar  
Perde-se attivo ás limpidas paisagens...

Quando a Lua se procura a Alma <sup>das</sup> Telas,  
Penso ás vezes que estais a interrogar  
Com os claros, fundos Olhos as estrelas!

7-7-907.

## Noite

Sfingética<sup>1</sup>, augusta do Impalpável,  
 Noite, que te abandonas tristemente...  
 Já num raio de Luar morno e silente  
 Vaga<sup>2</sup> a sombra espectral do Inconsolável!...

- 5 Apagam-se os sentidos vagamente...  
 Há mistério e silêncio e o formidável  
 Espírito<sup>3</sup> das coisas docemente  
 Vai, como que se abrindo, inviolável!...

- 10 Ó noite das fantásticas miragens,  
 Onde a vista não<sup>4</sup> chega e nem o Olhar  
 Perde-se altivo às límpidas paisagens...

Quando a Lua a evocar a Alma das telas,  
 Penso às vezes que estás<sup>5</sup> a interrogar  
 Com os claros, fundos Olhos, as estrelas!...

...Alma <das> teias,

... os claros, fundos...

7 - 7 - 907.

---

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel sem pauta, medindo 14 x 33,5 cm.

1 Será respeitada a forma poética "Sfingética", cuja grafia gramaticalmente correta é "Esfingética"- De ou próprio de esfinge; enigmática; misteriosa. Para leitura considerar a primeira sílaba "Es-", para efeito de métrica do poema decassílabo.

2 Havia outra palavra onde se lê "Vaga", que foi totalmente apagada.

3 Será conservada a forma poética "Espírito". Contar a primeira sílaba como "Espírito", para efeito de métrica do decassílabo.

4 "Onde a vista não" é uma substituição. A forma anterior foi totalmente apagada.

5 Correção: estais > estás.

## Somnambulismo da dor

Quando terá Sentir um tempo este meu facto  
Quando virá bucear-me aqui ou ao partir?  
Quero-me vir à terra em dias vão de enfado,  
Fechar os olhos meus para nunca mais se abrir!...

Quando terá de essência est' alma o voo alado,  
Quando este sangue azul, em rogos azul florir?  
Quando terá do Céu a paz universalizada,  
Onde se encorporar esse corpo a cair?

ninguém nada me diga! do quê ninguém me fale!  
e láiturno ven' irado à essa estrada,  
que ficam para além dessas tardes de Opals...

Quasi atouber de exausto à minha penitência,  
Ella surgir-me - lá a luz dos Aluivados.  
São subtil, quasi um Sôlo a florir na aparência!

10-9-97

Cl. Pessoa.

## Sonâmbulo da dor

Quando terá Senhor um termo este mau fado  
 Quando virá buscar-me aquela que ao partir?!  
 Jurou-me vir à terra em dia vão de enfado,  
 Fechar os olhos meus p'ra nunca mais se abrir...

... abrir [!]

- 5 Quando terá de essência est'Alma o vôo alado,  
 Quando este sangue vil, em vogas mil florir?  
 Quando terá do Céu a paz o malsinado,  
 Onde se incorporar esse corpo a cair?

... essência est'Alma...

- 10 Ninguém nada me diz! do Azul ninguém me fala!  
 e taciturno vou errado a essas<sup>1</sup> estradas,  
 que ficam para Além dessas tardes de Opala...

... estradas [...]

Quase a tombar de exausto à minha penitência,  
 Ela surgir-me-á à luz das Alvoradas...  
 Tão sutil, quase um Sonho a florir na aparência!

10 - 9 - 907

E. Rosas.

---

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel pautado, medindo 19,6 x 26,2 cm.

1 Correção: no manuscrito "... a essa estradas,".

Oh Mãe! Quem saberá medir Te o sofrimento  
A causa, que te fez volver ao mundo antigo,  
Sob a forma ideal de noite ou esquecimento...

Quem dirá que Te viu vagando pelo êrmo,  
De manto e de bordão talvez como um mendigo!

Como a doce illusão d'aquelle Mãe enfermo!

10-10-910.

Olhar! Quem saberá medir-Te o sofrimento  
A causa, que te fez volver, ao mundo antigo,  
Sob a forma ideal de noite ou esquecimento...

... medir- | te | o...

5 Quem dirá que Te viu vagando pelo ermo,  
De manto e de bordão talvez como um mendigo:  
Como a doce ilusão d'aquele olhar enfermo!...

...que | te | viu...

10 - 10 - 910.

---

\* Dois tercetos manuscritos, a tinta preta, na parte inferior de uma folha de papel pautado, que foi destacada da parte superior. É provável que fosse um soneto. O fragmento mede 14 x 18 cm e não possui título.

Conceito certo da Terra,  
que tanto se arde palpitais?  
vixys a' terra a' casa, que vultu  
a' coisa a' inju' no' murtis!  
9/11 Rio

Coração verde da Terra,  
que tanto ao sol palpita?:  
vives numa alma, que encerra...  
e causa inveja aos mortais!

...encerra [,]

911 Rio

---

\* Uma quadra manuscrita, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11,2 x 32 cm. Na frente da mesma folha há um soneto "Rimas: Maldição", Rio 947, assinado por E. Rosas e um poema de seis versos, sem título, datado de 911. No verso, há fragmentos, sem título e sem data.

Estrelas

"Luz Tristeza"

Estrelas, que sois gemas à distância,  
Aljôfaris e prismas irisados de ouro...  
No interior de vós montei e sonanceia,  
Sodo infante esplendor de algo sup' muros!

Onde, fison e sutil a verdadeira  
das myrtinas e troços de estrela fêlora?  
mea flúrio de luz de occaso leior...  
onde, onde altivo, os ombros de uma infância!

Desce de agul e ansiosas gemas...  
soluço de motu ejo a latitude,  
que n'algua adjeção como mortuário!

São, da minha alma o leu da orbe  
de gemas, que em luz e sombra  
falei a mim na vida, e na morte!  
9/11 Sim "F.º Lanier"

E. Moraes

gemas

gittos

negros

Estrelas<sup>1</sup>

## "Leal Tristeza"

Estrelas, que sois gemas<sup>2</sup> à distância,  
Aljôfar's frios irisados de ouro...  
há em torno de vós noite e sonância,  
Todo infausto esplendor de algo rei mouro!

... frios irisados de...  
... de vós noite...  
... infausto esplendor de...

- 5 Onde, ficou a rútila exub'rância  
dos mirteos e rosais de astral tesouro?  
Mealheiro de Luz de ocaso louro<sup>3</sup> ...  
onde, arde altivo, o sonho de uma infância?!...

- 10 Descem do Azul as músicas sombrias...  
soluços de notívago alaúde,  
que n'aima adejam como nostalgias!...

São, da minh'alma a lúcida coorte  
de sonhos, que meu lúgubre ataúde  
fecharam-me na Vida, antes da Morte!...

... lúcida coorte  
... meu lúgubre ataúde

911 São "Francisco Xavier"

E. Rosas

São "((Francisco)) Xavier"

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 32,7 cm.

1 O soneto traz duas referências como título, sendo que "Estrelas" está anotado no início da linha e "Leal Tristeza", no final e entre aspas.

2 Abaixo do soneto, estão anotadas, subseqüentemente, em três linhas: "gemas", "gotas", "mágoas". As duas últimas, possíveis alternativas para "gemas", no primeiro verso do poema.

3 A opção pela alternativa "louro" à "loiro" foi feita em decorrência da rima.

Luzitania

(a Constantino Pacheco)

Desbordado de Alentejo, pelo acento  
toscado o Cor e a gostosa toscanca,  
e manjado do ideal pela bruma  
de um dia de verão a verlanear...

Tu liras de Aguiar, (Linda esperanca!)  
e do seu canto em infinita altura  
o espírito intrinseco, não decaer...  
enquanto não for orante, sem sentença!

Tu desfigas o céu, e as estrelas...  
fazes acimar a luz como um deus morto,  
e os longos e os longos, e fazes as estrelas...

Assustas de esperanca, e a ultima seteira,  
a flama do fogo do dia, (trava a gente!)...  
e o mesmo manjado de um dia de verão!

711 Pio

E. P. 2

## Lusitânia

(a Constantino Pacheco)

Deserdado de Além, pela aventura  
trocaste o lar e a rústica bonança,  
e náufrago do ideal pela bravura  
Lusiada, p'la vida se abalança...

- 5 Viu terras de "Aquém" (Linda esperança!)  
e do seu sonho na infinita altura  
o espírito irrequieto, não descansa...  
enquanto não for nauta, sem ventura!

- Vê dos topos o céu, claras estrelas...  
10 Gávea acima a rezar como um demente,  
e ao longe e ao largo, fogem caravelas...

... largo [...] fogem...

Arrostai da esperança a última esteira,  
a fama os fez ditosos, (brava gente!...)  
e a mim náufrago errante a vida inteira!...

... ditosos, (brava gente!...)... vida inteira!...

911 Rio

E Rosas

---

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Na parte superior da folha, acima deste soneto, tem a parte final de um poema, datado de 945 e assinado por E Rosas.



Ó Árvores, raízes verdejantes,  
Raízes - hirtas árvores despidas!...  
no âmago da verde natureza:  
Há olhos, a olhar por vã Tristeza,  
5 e lábios que nos falam com ansiedade  
por gestos indizíveis de Beleza!...

911 Rio

... raízes ||que|| ...

... a |olharem| ||com|| <por vã> Tristeza.

---

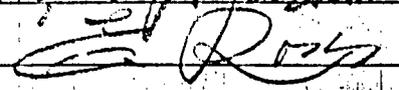
\* Poema de seis versos, manuscrito a tinta azul, em papel pautado, medindo 11,2 x 32 cm. Há, na mesma folha, na frente, uma quadra de 911 e um soneto intitulado "Rimas: Maldição", Rio 947, assinado por E. Rosas. No verso há alguns fragmentos, sendo que um deles é assinado por E. Rosas e outro é datado de 947. Não possuem título.

# Soneto

Quarcho comijo a gba en a tempo,  
Toda mignia enta puer me e Pa...  
<sup>am</sup> ueritudo, unistice entijo  
a mudo de unillefal eston...

Por Jo, am de to e amio de to,  
chico e cada unjo e amio de to  
a ligo puerca, amio de to e gaba  
amio de to e amio de to...

E como aigo etre a do kastro,  
que esse mudo que se faz aigo  
chico e amio de to e amio de to!

Quarcho amio, amio de to e amio,  
que esse mudo que se faz aigo  
amio de to e amio de to e amio!  
Eli Rio 

## Soneto

Guardo comigo a graça de teu pejo,  
 Todo meiguice entre o pudor que é vão...  
 em vitorioso, místico cortejo,  
 a aureolar-se em flébil eclosão...

<em> vitorioso...

- 5 Por Ti, meu doido e único desejo,  
 chegara o arquiansiar<sup>1</sup>, como ilusão!  
 a essa demência, coube-lhe o sobejo  
 da minha fé, que é mera devoção!...

... ilusão [...]

- 10 E como cego atrás de Ti tateio  
 por essa noite, que se fez anseio,  
 deixo arrastar-me p'lo seu áureo rastro!

Divagarei assim, sem ter descanso,  
 para ver meu amor se um dia alcanço  
 o fim dessa aventura, escrita a Astros!

911 Rio

E. Rosas

\* Soneto manuscrito, a lápis, em folha de papel pautado, medindo 11,1 x 32,7. No verso da folha há um soneto intitulado "A morte", sem data e sem assinatura.

1 A palavra "arquiansiar" é um neologismo. O poeta utiliza-se do prefixo grego *arch(i)-*, que é um elemento comparativo de superioridade, dando novo significado a *ansiar*.

# Salve Rainha

Salve Rainha piedosa!  
Extrema - Unção final  
D'olhos accezos num fulgor ~~celestial~~,  
Sê benévola e misericordiosa!...

Conta a Vida e a doce peregrina  
Em Ti, o' dae Mãe festa de Magua,  
Tava a sombra da esperança mais divina  
Nestas tuas pupillas raras d'agua!

Por Ti clamo nas horas da Agonia,  
Ave dos Céos bendita!  
~~Para como que a luz de tua Alma~~  
Desça a' minha Alma - doce Utopia!

O' clemencia de luz, Misericordia,  
Concepção <sup>de</sup> espiritual e Amor,  
Defendi-me do Mal e do Amargor,  
Estrella redemptora da concordia!

O' doce sempre Virgem  
Celeste companhia do que têm  
A virtude de ver de cada oração  
Surgir um novo espirito divino,  
Quer cantando ou chorando  
Eu vou por entre lagrymas sonhando  
Para que eu seja mais feliz, Amen!

Luz Rosa

9-1-911.

## Salve Rainha

Salve Rainha piedosa!  
 Extrema-Unção final  
 D'olhos acesos num fulgor astral,  
 Sê bem-vinda<sup>1</sup> e misericordiosa!...

... fulgor [austral],

- 5 Canta a Vida e a doçura peregrina  
 Em Ti, ó doce Mãe feita de Mágoa,  
 Paira a sombra da espr'ança mais divina  
 Nestas tuas pupilas rasas d'água!...

- 10 Por Ti clamo nas horas da Agonia,  
 Ave dos Céus bendita!  
 Faz com que a luz do teu Olhar, Maria,  
 Desça à minh'Alma - doce Utopia!...

- 15 Ó clemência de luz, Misericórdia,  
 Concepção de espiritual Amor,  
 Defendei-me<sup>2</sup> do Mal e do Amargor,  
 Estrela redentora da concórdia!

Concepção <de> espiritual || de || Amor,

- 20 Ó doce sempre Virgêm  
 Celeste companhia dos que têm  
 A virtude de ver de cada origem<sup>3</sup>  
 Surgir um novo espírito divino;  
 Quer cantando ou chorando  
 Eu vou por entre lágrimas sonhando  
 Para que<sup>4</sup> eu seja mais feliz, Amém!

E. Rosas.

9 - 1 - 911.

\* Poema de quatro quadras e uma estrofe de sete versos. Manuscrito a tinta preta, em papel pautado, medindo 10,4 x 32,8 cm.

1 Correção: bemvinda > bem-vinda.

2 "Defendei-me" é uma substituição. A primeira forma foi totalmente apagada.

3 Há uma mancha de tinta azul sobre a palavra "origem".

4 "que" é uma substituição. A primeira forma foi totalmente apagada.

"Elogio da Raça"  
(A Constantina Pacheco)

Desbordando o Brasil pela arquitetura  
torcedor nos olhos a sua eterna presença  
e a confiança na vida pela esperança,  
Luzinda pelo passo de uma criança...

Tua terra de quem-mas! (Linda expressão!)  
e no seu sono a infinita eternidade,  
o espírito este quieto não desce a...  
enquanto não for noite de aventuras!...

Ti dos tops o céu, das estrelas!  
Gabia noiva a usar com am domini,  
e no longe, ao longo... fizesse a sua vida...

Assim foi da ilusão a última utopia!  
o sonho os seus ditos, em brava gente...  
e a minha confiança a vida interior!  
4-6-7/1 em / if E. P. Pacheco

["Elogio da Raça"]<sup>1</sup>

|| A | Constantino Pacheco ||

- Deserdado [d'Além] pela aventura  
trocaste o |Lar| a rústica bonança ||, ||      ... bonança [.]  
e náufrago [valente p'la loucura] <,>      ... bonança [...]
- 5 Viu terras de <"> Aquém <"-mar!> || | linda | esperança! ||  
e do seu sonho na infinita altura      ... altura ||, ||  
o espírito irrequieto ||, || não descansa...  
enquanto não for nauta ||, || [de aventura!...]
- 10 Vê dos topos o céu, claras estrelas [!]  
Gávea acima a rezar [com] um demente ||, ||      ... demente ||, ||  
e ao longe [,] ao largo [...] fogem caravelas...
- Arrastai da [ilusão] a última esteira [!]  
[o sonho] os fez ditosos, || (&|| brava gente [...] ||) ||      ... esteira [...]  
e a mim náufrago errante a vida inteira [!] ||... ||      ... ditosos [...] brava...

[4 - 6 - 911 ou 907]      E. Rosas

\* Soneto manuscrito, a tinta vermelha, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm.

1 Este poema é uma versão do poema "Lusitânia", transcrito à página 29. Foram ressaltadas aqui todas as alterações.

## Mysticismo do Outono

O meu jardim de flores e chimeras,  
Porcella, que, a' luz, é carne accesa...  
O Sol, d'ouro fluido das esferas,  
Doces scissmas, d'Além para a Tristeza...

Bosque, onde a chimerica bella  
Passeia, a' luz, <sup>admirante</sup> ~~serena~~ das Eras:  
Cuidando ver nos Astros, afuz preza,  
O moribundo encanto das primavera!

Vaso de Eucharistia... O Lysanthus  
Castello, onde a graça d'Elle habita,  
Furtando-se aos desejos vespertinos!...

O silencio, da Noite irma no Euphrates...  
A florir archangelica e infinita  
Num pôr-de-Sol de flores escarlates!...

Pio, 4-1-912.

## Misticismo do Outono

Ó meu jardim de flores e quimeras,  
 Porcelana que, à luz, é carne acesa...  
 Ó Sol d'oiro<sup>1</sup> fluido das esferas,  
 Doces cismas, d'Além para a Tristeza...

Porcelana que...

- 5 Bosque, onde a quimérica beleza  
 Passeia, à luz edênica<sup>2</sup> das Eras:  
 Cuidando ver nos Astros a luz presa,  
 O moribundo encanto - as primaveras!

... luz [cerâmica] das ...

- Vaso de Eucaristia... Ó bizantino  
 10 Castelo, onde a graça d'Ela habita,  
 Furtando-se aos desejos vespertinos!...

O silêncio da Noite erma no Eufrates...  
 A florir arcangélica e infinita  
 Num pôr-de-Sol de flores escarlates!...

Rio, 7 - 1 - 912.

---

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel sem pauta, medindo 14 x 35,5. Este poema foi transcrito por SOARES e VARELLA, op. cit., p. 73, com poucas alterações.

1 Não atualizei "d'oiro", em função da musicalidade do verso: "d'oiro" compõe eco com "fluido".

2 Alteração feita a tinta azul.

Está no ar o aroma do Lamento e do ar  
Fallei em Ti a mesma coisa que a instável  
desfolha em mim, como a flor murcha  
da tua flôr e fortuna, que os amantes  
esferma de uma animada alfini...

Tão longo é o amor de hoje,  
tão longe o espírito da distância  
e lucida as rol-pir, agra e do amor,  
quimando a luz e a última fragância...

T' a fora em que os olhos se abraçam!  
o ao rol lido, pallido de coram  
o mistal de momentos pontos...

Vem no desejo da vida e me perdo!  
Outrora de indico, ora de ante...

Quero os olhos com tejo se partem!

Pois 24-11-912 (Antônio Augusto)

*[Faint, mostly illegible handwriting in the lower section of the page]*

## Soneto

Faleceu em Ti a mesma cor que a instantes  
 desfaleceu em mim, como a harmonia  
 da luz flava e furtiva, que os amantes  
 enferma de uma anímica alegria...

5 Vai longe o dia em cálice de rosa,  
 É tudo olor - efeito da distância  
 e lúcida ao sol-pôr, vaga e olorosa,  
 queimando à luz a última fragrância...

... fragrância [!]

10 É a hora em que os tísicos pioram!  
 e ao sol lívido, pálidos decoram  
 o missal do romântico poente..!

Vem no alvejar da neve o meu pungir!  
 Outono de tristeza, sou doente...  
 Quero os males contigo repartir!

Rio 22 - 4 - 912 (Antonio Luzo)  
 E. Rosas

---

\* Soneto anotado em uma página central, dupla, de caderneta, manuscrito, a tinta azul, medindo 10,8 x 16,5 cm. Os quatro lados estão escritos a tinta azul e há algumas reformulações a lápis. Consta de um soneto "Mágoa d'Ausência", de "917" e um poema de seis versos, de "913".

Tonã los de Los Animados ...

I

Oll avaulte de espiritual emendade...  
Oll divinos expêdo de stem-tida,  
Sa' que en tãta em tãta o lãta subo uqmaista  
o belleza de tua irrealidade!...

Sia munda è pãtal a fãma munda,  
divid-a a mãm pãtal a bõn mãm!  
divisi. que mãm mãm mãm mãm mãm mãm  
a constãta o dõpãm - Sõndade ...

Bonsterna. ma õtaer de injõmãm fãm,  
is estãllos de sãm jã bõntades...  
sãm expêfõs, mãm mãm de mãm mãm!...  
Cde pallidos ombios...

õ dentã uqma de osos de agõna,  
isãm fãm de fãm mãm mãm mãm  
para onde exista ideal, sãm mãm mãm!

5-8-912 Pro "San Francisco Javier"  
& Rom...  
no delitio de tãm mãm mãm!

## Tântalos de Las Quimeras...

I

Oh! noite de espiritual serenidade...  
 Oh! divino segredo de além - Vida,  
 Dá, que eu beba em tu'alma enlouquecida  
 a beleza de tua irreabilidade!...

- 5 Se a vaidade é fatal à humanidade,  
 deixa-a num paul adormecida!  
 deixai que na minha alma comovida  
 se constele o crepúsculo - Saudade...

... crepúsculo - Saudade...

- 10 Consterna-me o luar de insônia fria  
 às estrelas do céu, já desoladas...  
 são espelhos de pálidas ondinas...

... Consterna-me o luar de insônia fria ||, ||

... espelhos [nublados de neblina !]...

E dentre azuis de ocasos da agonia,  
 iremos filha de Almas enlaçadas  
 para onde exista ideal, Astros, neblina!...

... azuis de ocasos da agonia,

... ideai, Astros, neblina !...

5 - 8 - 912 Rio "São Francisco Xavier"  
 E Rosas.

no delírio de tóxica morfina!<sup>1</sup>

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Neste poema está anotado o nº I, há, dobrada junto com essa folha, uma outra, com o nº II, transcrito na página a seguir.

<sup>1</sup> Este verso está anotado abaixo da assinatura do poeta. Optei por transcrevê-lo da mesma forma.

II

Por onde existe a luz, avante, de mais  
surgem as lágrimas - os olhos lacrimosos ...  
Em partidar irmãos misturados,  
para irisar - em um seu flânerismo!

É lá, que existam os olhos indolentes  
no dia primordial de tantos amores, em  
que se formam os lábios, amorfos  
quando a vida é um enigma no sorriso! ...

Lá! não teremos quem fugir, quem maldade,  
como tímido por quem todos se vão  
de um passado opulente por nós

Se misturados filhos amantados  
onde o amor - por o amor, que amou  
e se apresenta de novo a vida! ...  
6-8 9/12 Li. P. 1000

## II

Para onde exista Luz, noite, desmaios  
 rosas, azuis - estrelas lacrimosas...  
 Eu partirei irmãos misteriosas,  
 para irisar-me nos seus flavos raios!

rosas azuis - estrelas...

- 5 É Lá, que existem auroras radiosas  
 e o olor primaveril de tantos Maios,  
 que se foram p'lo Zéfiro, amorosas  
 Quando a lua tem síncope nos raios!...

... de tantos Maios [...]  
 ... Zéfiro, amorosas

- 10 Lá! não teremos nem pesar, nem males,  
 nem temor porque tudo se faz prece  
 de um pastoral simbólico por vales

... pastoral simbólico por...

De misteriosas bíblicas noitadas  
 onde o sol-pôr é um sonho, que alvorece  
 e apascenta rebanhos [-----]!....

... rebanhos [-----]!....

5 - 8 - 912

E Rosas.

---

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Há uma versão deste soneto transcrito por Ana Lize, extraído da plaquete " 'Strofes de um Sonâmbulo".

Poneto

Para onde existis Luce, montes de montes  
Rojos de Luce e estrelas de Luce  
en portini irmãs de Luce, picles de Luce...  
para onde existis que são filhos de Luce

O Luce! onde existis aqueles olhos  
do Luce! onde existis a tanta Luce,  
que se fizesse para muitos de Luce  
Quanto a Luce de Luce e de Luce!

Luce! onde existis aqueles olhos,  
onde existis aqueles olhos de Luce,  
de um Luce que os olhos de Luce  
vivo de Luce

Os olhos de Luce, onde existis os olhos...  
onde a Luce de Luce e de Luce  
e a Luce de Luce e de Luce  
Rio 8-8-912

E. Romi.

Sonetos<sup>1</sup>

Para onde [existe] Luz, noite [e] desmaios  
 [Rosas de Luz e] estrelas lacrimosas || ... ||  
 | eu | partirei irmãs [doces, piedosas...]  
 para [iriar-me] nos seus flavos raios<sup>2</sup>

- 5 É Lá! | Que | existem<sup>3</sup> auroras [nebulosas]  
 e o olor primaveril de tantos Maios,  
 | Que | se foram [pias [-----] dolorosas...]  
 Quando a | Lua | tem síncope nos raios! || ... ||

- 10 Lá! | Não | teremos nem pesar, nem males,  
 nem temor porque tudo se faz prece  
 de um [Luar que os veios d'água de ouro atuam<sup>4</sup> ...] ... que os [regatos] de ouro...

[São solitários, silenciosos vales...]  
 onde [a Luz de um crepúsculo anoitece] ... anoitece ||, ||  
 e [à noite chora a viuvez da Lua]!...

<Rio> [8] - 8 - 912

E Rosas <.>

\* Soneto manuscrito, a tinta vermelha, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm.

1 Este poema é uma versão do anterior. Todas as alterações foram anotadas. O título, bem como outras palavras, estão manchadas pela tinta da caneta.

2 Correção: raio > raios.

3 Correção: existe > existem.

4 Correção: atua > atuam.

O Aruir é o berço estreito da saudade,

A' Lira:

A' rige d'air airm pelo Além...

A' Bora em Taperal

A' galsa do azul partur, em sul-pir...

Levando sem saudade de voltar:

que u' tuda co' longe como vira em flor,

trófia - e a lua a recordar...

Passo'rs água - morta entre fúlbres,

com a renúncia <sup>capitum</sup> no ~~peito~~ dos pilobos:

por cruce de Além - tímulo e neviosas,

de sa' d'oso no mague' de tem Ais!...

9/13,

## A Hora em Vesperal

A Galera do azul partiu, era sol-pôr....  
 Levando essa saudade de voltar:  
 que a tarde ao longe como rosa em flor,  
 recolhia-se ao Luar a recordar ...

. em flor,

- 5 Passavas água - morta entre pinheiros,  
 com a renúncia na sombra dos pinhais:  
 por noite de Além-Túmulo e nevoeiros,  
 de saudosa na mágoa de teus Ais!...<sup>1</sup>

.. entre pinheiros,

..na [fronde] dos pinhais:

913.

---

\* Poema de duas quadras, manuscrito a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Na mesma folha, na frente, há outro poema e no verso, uma quadra.

<sup>1</sup> Na parte superior da página onde está anotado este poema, pode-se ler:

"O Amor é o berço estreito da saudade,

À Lua:

Oh rosa d'ouro aérea pelo Além..."

A voz do Longe  
Nocturno! O Poeta é um arremetido d'almô...

Sou forte murmuroso pelo Cântico,  
Sou como o mago do fim do dia...  
Pena de nuvem, e falante d'Harmonia;  
Riso de nostalgia e de abandono...

di:

A voz do Longe em voz de Belleza,  
já, num gesto de harmonia e harmonia...  
Longe de fúria e brama no interior,  
Notícias oscilava a Luz, a brisa...  
já a voz do Longe tem a silhueta doiro,  
e o espasmo d'água a voz do claro...

9/3

e R. Rosa

R. Rosa

## A Mágoa ao Longe

Noturno! O Poente é uma nascente d'alma...

Sou fonte murmurosa pelo Outono,  
 fonte correndo mágoa ao fim do dia...  
 Plena de névoa, e plena d'Harmonia;

5 Rasa de nostalgia e de abandono...

...abandono [...]

A voz do Longe em búzios de Beleza,<sup>1</sup>  
 Já, num gesto de Enferma se harmoniza...  
 Longe da frágua e bruma na incerteza  
 Nostálgica oscilava a Luz, à brisa...

10 Já a voz do Longe tem vislumbres dourado,  
 É crepúsculo d'água a voz do Mar!....

913

E. R. Rosas

R Rosas

---

\* Poema composto da seguinte forma: título, um verso isolado, uma quadra e mais uma estrofe de seis versos. É manuscrito, a tinta preta, em duas folhas iguais de papel sem pauta, medindo 16 x 23 cm. O poema está bastante manchado pela tinta da caneta, há duas assinaturas do poeta, conforme transcrição. Acima deste, há o poema "Sonho Extinto", 1913.

1 Acima deste verso está anotado: "2º".

Alma da Magna a Longe...

*quixote*

Sou fonte de murmúrio ao vir do Outono...

fonti estendo o meu ao fim do dia!

plena de vida e plena de harmonia,

rêva de nostalgia e de abandono...

Devo ao longe em brisa de beleza,

já quem gosto de enfuma de harmonia...

Longe de fuma e bruma no instante

nostalgia de Alim pela luz da... é brisa!...

Já a voz do longe tem violências d'ouro,

- É o perfume d'agua e me de amor... 7/3

7/3

Se quisermos de Alim a... 7/3

Ária da Mágoa ao Longe...<sup>1</sup>

... ao Longe...

Sou fonte [de queixume ao vir do] Outono [...] fonte correndo mágoa ao fim do dia [!] [plena] de névoa e plena [de harmonia,] Rasa de nostalgia e de abandono...

... fonte de [murmúrio] ao...

5 A voz do [longe] em [búzio] de [beleza], [já num] gesto de [enferma] se harmoniza... Longe [de] frágua e bruma na incerteza [nostálgica de Além p'la luz]<sup>2</sup> à brisa [!...]

... Além | pela | luz <a> || fria || à...

Já a voz do [longe] tem vislumbres [d'ouro],  
10 [-] É crepúsculo d'água a voz do [mar]!...

[São queixumes de Além a voz do mar!...]<sup>3</sup>

913

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Na mesma folha, na parte da frente, há o poema "A Hora em Vespéral", 1913 e, no verso, uma quadra.

1 Este poema é uma versão do poema "A Mágoa ao Longe" transcrito à página anterior. As alterações foram aqui destacadas.

O primeiro verso, do primeiro poema foi, aqui, suprimido. A última estrofe, da primeira opção, é constituída de seis versos, enquanto, na segunda, esta mesma estrofe, foi dividida em duas de quatro e dois versos respectivamente.

2 O acréscimo do "a", em "p'la luz <a> fria", foi suprimido, uma vez que se tornou redundante na reformulação do verso, bem como a pontuação em " ... <a> (fria) !..."

3 O último verso foi reescrito abaixo da data.

## Cyrene

A rossa vicha é cum lupo  
de superfície intranquilla  
ou de um mistério se exilla  
em sonho, a chor, cum afugo

Em sonho, rossa alma é cum cyren,  
muro ser a sua sombra...  
e lhos, se amolice... do cyren,  
o corpo nolla a ser lusa,  
e o cyren - fides de sombra...

Quais seus sonhos sonhos,  
e o sonho para a ser omb...?

Alfim, a vicha, é cum lupo!  
ou mistura de helena  
~~ou de um sonho de afugo~~  
onde sonhos o viso.  
e o sonho é cyren e tantes!...

Vivo ou sombra de cum cyren,  
e o cyren para um suo fit:  
é lhos espilha se pulchra  
num sonho de fides espelida  
expansulor e muros!...

## Cisne

A nossa vida é um lago  
de superfície intranquãila  
onde em mistério se exila  
em sonho, a dor, num afago

- 5 Em sonho, nossa alma é um cisne,  
nosso ser a sua sombra...  
Mas, se anoitece... do cisne,  
o corpo volta a ser luz,  
e o cisne - foco de sombra...

... cisne - foco de...

- 10 Quantas vezes somos sonho,  
e o sonho passa a ser nós?...<sup>1</sup>

Quantas vezes...

... nós [...]

Assim, a vida é um lago!  
em miragem de beleza  
onde sonhamos o vago,<sup>2</sup>

em miragem...

[onde nós - sonho de afago]

- 15 e o sonho é cisne e Tristeza!...

Vivo na sombra de um cisne,  
e o cisne nasce em meu ser:  
A hora espelha-se pálida  
num sonho de face esquálida

- 20 crepuscular a morrer!...

913

\* Soneto de cinco estrofes, de tamanhos diferentes, manuscrito a tinta preta, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. O título está sublinhado com traço duplo.

1 Alteração na pontuação, a tinta vermelha.

2 O verso 14 foi riscado no corpo do poema, desta forma o transcrevi na margem ao lado, sendo que o verso 15 ocupou o seu lugar.

Subitanea  
Corpo de terra brava e amantissimo,  
urgido de luar e de tristezas,  
convalesces de um mal, que é tu, somente,  
e facigas de ombro e de felleza.

Talvez a ser a grã que adivinto  
fala tua visão de eu visito,  
a eu de longe ou felloo com carinhos,  
noctiraga carinhos de mabindito...

O' aismaturo arrib' anjo da Taristia!  
Kau ginda de i a fundado do o'hor meu  
/herano/

De gaidom em paisagem portuguese...

É o viso a lua do outono num segredo  
a form, em que pareceo de vis appda  
É Pau me aionna manta do avort do

Roo 119

E Rro

Handwritten text in a rectangular box at the bottom of the page, possibly a signature or a note.

## "Lusitânia"

Corpo de terra brava e amanhecete<sup>1</sup>,  
 ungido de Luar e de tristeza,  
 convalesces de um mal, que é teu, somente...  
 e Te cegava de sonho e de beleza.

- 5 Voltas a ser a graça que adivinho  
 pela tua visão de nevoeiros,  
 Nem de longe me falas com carinho  
 notívaga canção de marinheiros...

- 10 Ó cismático arcanjo da Tristeza!  
 tua saudade é a herança<sup>2</sup> do olhar meu  
 De saudosa em paisagem portuguesa...

... a herança do...

E ocaso à Luz do Outono num segredo:  
 à hora, em que pareço ouvir Orfeu  
 E Pã na cisma escura do arvoredor!

Rio 913

E Rosas

---

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,7 x 33 cm. Até o verso 10, o poema está na frente e, a partir do verso 11, no verso da folha. Na parte superior da folha há o soneto intitulado "Versos", datado de 952 e assinado por E. Rosas.

1 A palavra "amanhecete" foi escrita sobre outra, que foi apagada.

2 A palavra "herança" está repetida na linha abaixo do verso 10.

Motivado  
NARCISO

"Bem e de Costas"

Vislumbro essa jardim onde a memoria érra,

Sonhe de Infancia em cor na cinza doiro extinto...  
que tarde essa de ansio a perder-se em meus olhos,  
como por mim se ausenta esse luar, que sinto?...

Vislumbro esse jardim, onde a incerteza érra...  
~~distante e sepultar-se em naveis nos meus olhos...~~

Tarde de encantamento e transfiguração!  
idyllica de cor na fonte, que dealisa  
silencio, mansamente á boca do misterio...  
na mãos de musa a urdir a minha inquietação!...

Acalenta-me o berço-perfumada brisa  
onde irá ter o seu suspiro doiro aério?...

Tarde de encantamento e transfiguração,  
em que eu soismo Existencia-hieratico perfume...  
que elorisa e adormoce a tarde em aureo lume,  
no seu vago fulgor e azul palpação...

Eu sinto sepultar-me o sonho da Lem-Fim...  
arqueio-me a scismar a sombra do jardim,  
meo capello a cadir como um clarão velado  
illumina-se a luz como um cristal do lar...  
em ausencia de sol reflexo aliado  
soy idyllica vadia fonte, tristemente...

Sobre mim desce á voute extatica  
em hausto de neblina a (estagnar-se) or...  
meo contemplado-se lindo a oiro pallido...  
sou todo anel de lua em linfa crystalina,  
onde toda essa dor é um sonho vago e esqualido...

O Outono a fenece em meus gestos de sêda  
esmaieou no docel dalguma tarde antiga,  
por mim passou com o tempo canlegenda, fainiga  
e o ouro idyllico em luz dum cyano e duma Leda,  
passéram entre canções do meu idyllicam sêda...

Perdi-me. o meu olhar era e mais lindo abysmo,  
em que eu flor divaguei demencia num arôma...  
quebrou-se em gestos d'alma ... a beira delle scismo  
e sonho essa illusão de ser elor, que assôma...  
stravez de meu ser - vago espelho sem - fim,  
arqueio-me a scismar (no meu mystico fim) ...

Tarde de encantamento e transfiguração!  
tuala erra dentro da minha em echos d'outras tardes...  
eu sou, Narciso! O Ninfas, minha meditação  
inquieta-se em ser a irmã das vossas tardes,  
Vós seis a sombra irrial e idyllica d'alma  
O Ninfas, ~~dele em Transfiguração!~~...

que amantais meu simples coração...  
Cherries

Martírio de Narciso<sup>1</sup>

&lt;Martírio de&gt; Narciso

## "Para Eugênio de Castro"

&lt;"Para E((ugênio)) de Castro"&gt;

Vislumbro esse jardim onde a memória erra,

Sonho de Infância em cor na cinza dourado extinto...  
que tarde essa de anseio a perder-se em meus<sup>2</sup> olhos,  
como por mim se ausenta esse luar, que sinto!?...

...em meus olhos,

- 5 Vislumbro esse jardim, onde a incerteza erra...  
Lavando de Luar meus íntimos abrolhos

... a incerteza erra...

[distante a sepultar-se em neves nos meus

olhos]

[distante a sepultar-se nos [abrolhos]

Tarde de encantamento e transfiguração!  
idílica de cor na fonte, que desliza  
silêncio, mansamente à boca do mistério...

- 10 Há mãos de Musa a urdir a minha inquietação!...

Acalenta-me o berço - perfumada brisa  
onde irá ter o seu suspiro dourado aéreo?...

... o seu suspiro...

- 15 Tarde de encantamento e transfiguração,  
em que eu cismo Existência - hierático perfume...  
que oloriza e adormece a tarde em áureo lume,  
no seu vago fulgor e azul palpitação...

no seu vago...

- 20 Eu sinto sepultar-me o sonho d'Além - Fim...  
arqueio-me a cismar à sombra do jardim,  
meu cabelo a cair como um clarão velado  
ilumina-se à luz como um cristal dolente  
em ausência de sol num reflexo alado  
sou a idílica voz da<sup>3</sup> fonte, tristemente...

... soi &lt;num&gt; reflexo...

- 25 Sobre mim desce a Noite extática e divina  
em hausto de neblina a estagnar-se<sup>4</sup> Olor!  
meu contemplo dilui-se lindo a ouro pálido...<sup>5</sup>  
sou todo anel de Lua em linfa cristalina,  
onde todo esse amor<sup>6</sup> é um sonho vago e esqualido...  
O Outono a fenecer em meus gestos de seda  
esmaiou no dossel dalguma tarde antiga,

... extática &lt;e divina&gt;

meu contemplo...

onde [toda essa dor] é...

... em meus gestos...

\* Poema datiloscrito, em folha de papel medindo 21,7 x 33 cm. A dedicatória, bem como todas as alterações são manuscritas, a tinta azul ou preta.

1 Existe uma versão do texto, transcrita em: ROSAS, Emani. Poesias. Org. apres. e notas de Iaponan Soares e Danila Varella. Florianópolis, FCC, 1989, pp. 39 e 40. Esta versão foi extraída da plaquete *Certa Lenda Numa Tarde: Paráfrases de Narciso*, por Rictus da Cruz. No entanto, o texto que transcrevi acima, foi encontrado como avulso, datado 1913, com divergências significativas em relação ao da plaquete, que é datado de 1916. Há outra versão em MURICY, op. cit., p. 41/42.

2 A palavra "meus" foi reformulada a tinta azul.

3 Entre as palavras "sou a idílica" e "voz da" não havia espaçamento, no datiloscrito, o que foi feito a tinta preta.

4 "estagnar-se" está entre parênteses, a lápis. Na margem, também a lápis, havia sido escrito "transcender de", porém foi apagado.

5 A separação entre as palavras "contemplo dilui-se", foi feita a tinta preta. Não há espaçamento, no datiloscrito.

6 No datiloscrito: "onde toda essa dor...". A alteração para "esse amor" é manuscrita. Na transcrição, corriji a palavra "toda", observando a concordância.

Martirio de  
NARCISO

"Em E. de Coster"

Vislumbre esse jardim onde a memoria érra,

Sonhe de Infancia em cor na cinza doiro extinto...  
que tarde essa de anseio a perder-se em meus olhos, u/f  
como por mim se ausenta esse luar, que sinto??...

vislumbre esse jardim, onde a incerteza érra... u/f  
~~distante a sepultar-se em nevoa nos meus olhos...~~

Tarde de encantamento e transfiguração!  
idyllica de cor na fonte, que desliza  
silencio, mansamente á boca do misterio...  
as mãos de Musa a urdir a minha inquietação!...

Acalenta-me o berço-perfumada brisa  
onde irá ter e se? suspiro doiro aério?... u/f

Tarde de encantamento e transfiguração,  
em que eu scismo Existencia-hiératico perfume...  
que elorisa e adormece a tarde em auroo lume  
no se? vago fulgor e azul palpitación... u/f

Eu sinto sepultar-me o sonho d'Além-Fim...  
arqueio-me a scismar a sombra do jardim,  
meo capello a castigar como um clarão velado  
illumina-se á luz como um cristal d'alarça  
em ausencia de se? reflexo niado  
se? idyllica voz da fonte, tristemente...

Sobre mim desce a voute extatica divina  
em hausto de neblina a (catagnar-se) oler!  
me? contemplação se lindo a oiro pallido... u/f  
sou todo anel de luz em linfa crystalina,  
onde toda essa dor é um sonho vago e esquálido... u/f

O Outono a fencer em meus gestos de sêda u/f  
esmeiou no docel dalguma tarde antiga,  
por mim passou com o tempo canlégenda inimiga  
e o Oure idyllico em luz dum cygne e duma Lêda,  
passáram entre canções de me? idyllicam sêda... u/f

verdi-me. o meo olhar éra e mais lindo abysmo,  
em que eu flor divaguei demencia num arôma...  
quebrou-se em gâstes d'alma ... a beira delle scismo  
a sonho essa illusão de ser oler, que assôma...  
stravez do me? ser - vago espelho sem - Fim,  
arqueio-me a scismar no meo mystico Fim ... u/f  
puris de satan

tarde de encantamento e transfiguração;  
tua alma erra dentro da minha em lêdas d'outras tardes... u/f  
eu sou, Narciso! O'Ninfas, minha meditação

inquietação se em ser a irmã das vossas tardes,  
yês sois a gombra irrial e idyllicad'alma  
O'Ninfas, de la tarde em transfiguração!... u/f  
que hantais meu lêda corneo!...

u/f

30 por mim passou com o tempo a legenda inimiga<sup>7</sup>  
e o Ouro idílico em luz dum cisne e duma Leda,  
passaram entre canções do meu idílio em seda...<sup>8</sup>

... do meu idílio...

perdi-me. O meu olhar era o mais lindo abismo,  
em que eu flor divaguei demência num aroma...  
35 quebrou-se em gestos d'Alma... à beira dele cismo  
e sonho essa ilusão de ser olor, que assoma...  
através do meu ser - vago Espelho sem - Fim,  
arqueio-me a cismar em berço de Cetim...

... do meu ser...

... cismar [em ócio de Cetim]...

... cismar [no meu místico Fim]...

Tarde de encantamento e transfiguração!  
40 tu'alma erra dentro da minha em rumoroso alarde...  
eu sou, Narciso!! Ó Ninfas, minha meditação  
inquieta-se em ser a irmã da vossa tarde!  
Vós sois a sombra irreal<sup>9</sup> e idílica dest'alma<sup>10</sup>  
Ó Ninfas, que meneais meu triste coração!...

| tualma | erra... em [Ecos d'Outras Tardes] ...

| inquietam-se | em... | das vossas tardes | !

Ó Ninfas, [que emantais meu triste coração]!...

Ó Ninfas, [pela Tarde em Transfiguração]!..

913

7 Este verso foi apagado e reescrito, não deixando vestígio da versão anterior.

8 Entre "idílica em" não havia espaçamento, o que foi feito a tinta preta.

9 No datiloscrito está "irrial". Transcrevi "irreal", podendo a palavra ter outro sentido, como por exemplo: "irial".

10 O espaçamento entre as palavras "idílica" e "dest'alma" foi feito a tinta azul.

O' crânio,

atragalhada...

Minha dor da te ilusão,

Futura chimera

atragalhada,

adito e súbia de um reino!...

713 Rio de Janeiro, 1913

Antônio Carlos de Albuquerque Maranhão

Ó criação,  
enlouquecida...  
teia dourada de ilusão,  
Fátua quimera  
5 enriquecida,  
a ouro e névoa de emoção!...

913 Rio            E Rosas

---

\* Poema manuscrito, a tinta azul, na frente de uma folha de papel pautado, dobrada ao meio, medindo 10,7 x 16,5 cm. Há mais dois sonetos: "Mágoa d'ausência", 1912, assinado por Antonio Luzo e um outro, sem título, de 1917, assinado por E Rosas.

Sonho Extincto

A Galia do asil parais, era sul-por...  
Levando essa saudade de avô, r,  
Sua a Tarde ao Longo, como nos em flôr  
Recolhia-se ao Luar a recordar!...

Pássaros cegos - morta entre Pinheiros  
Com a anuncia na Sombra dos Pinheiros  
Por morte d'Além - Tumbos e Meuseiros  
Os Saídos, na meiga d'Além!...

## [Sonho Extinto]

A Galera do |Azul| partiu, era sol-pôr....  
 Levando essa saudade de voltar [,]  
 |Que| a Tarde ao |Longo|, como rosa em flor ||,  
 |Recolhia-se| ao Luar a recordar <|>...

... sol-pôr [!]

5 Passavas água-morta entre |Pinheiros| ||,  
 |Com| a renúncia na |Sombra| dos |Pinhais| ||:  
 |Por| noite |d'Além| -Túmulo e nevoeiros ||,  
 |De Saudosa|, na mágoa de teus Ais!...

... Pinhais |||

Por noite d'Além...

913.

[914.]

---

\* Poema de duas quadras, manuscrito a tinta azul, em papel sem pauta, medindo 16 x 23 cm. Na parte inferior da folha, há o início do poema "A Mágoa ao Longe". "Sonho Extinto" é uma versão do poema "A Hora em Vesperal", transcrito à página 39. Aqui, as alterações foram destacadas.

# Espiritualismo

A Moiguel Monteiro.

Carne que foste aroma e primavera  
Empregnada de Volúpia e Dôr  
Onde as lavas chyméricas do Amor  
Transformaram - Te em alma de Panthêra.

Foste corpo de rosa noutra Era,  
Infancia embalsamada num Sol-pôr.  
Teclas violando musica sem côr  
Beijos frios que são pura Chymera!

Mysticismo de graça e de abandono,  
É o dia, a fugida-se e a magna vence-o!  
Num desconforto d'horas felobutomas!

É o Arch' anjo do bem revelador!  
Nevoa, a dormir nos braços do Silencio:  
Como adormece no meu peito a Dôr!...

16-1-913

## Espiritualismo

A Miguel Monteiro.<sup>1</sup>

Carne que foste aroma e primavera  
 Impregnada de Volúpia e Dor  
 Onde as lavas quiméricas do Amor  
 Transformaram-Te em alma de Pantera.

- 5 Foste corpo de rosa noutra Era,  
 Infância embalsamada num Sol-pôr:  
 Teclas violando música sem cor  
 Beijos frios que são pura quimera!...

... que são pura...

- 10 Misticismo de graça e de abandono,  
 És o dia a findar-se e a mágoa vence-o:  
 Num desconforto d'horas pelo Outono!...

... pelo |outono| !...

És o Arcanjo do bem revelador!  
 Névoa a dormir nos braços do Silêncio:  
 Como adormece no meu peito a Dor!...

...Silêncio [:]

16 - 1 - 913

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel sem pauta, medindo 14 x 35,5 cm. Este poema foi transcrito por SOARES e VARELLA, op. cit., p. 75. As alterações em relação a esta versão são mínimas.

1 O título, bem como a dedicatória, estão sublinhados.

Soror Saüclade

3<sup>a</sup> Ora Sol. - pãto e a vesperina arãge  
Trazia - nos ~~...~~ perduramos, clã...  
E nos jardins d'el domelã, no agiã...  
Respectiva e suas brau. e...

et hinc sei, qui incauto timida e qui  
paigaga  
Eia em que en via, in clã con

de luy clã ~~...~~ <sup>cauliro</sup> <sup>miã ch...</sup>  
e tene ~~...~~ <sup>cauliro</sup> <sup>procan da</sup> <sup>clã b...</sup>

Pela oculta dos plãtus e  
a Tãza rãga  
ulãmpãroo

Soror Saüclade tãto pãto em  
Cum <sup>em</sup> ~~...~~ ar clã suas pãto  
salguãroo

Gas expã ~~...~~ pela pãto  
Yulson tãto incauto e se  
incauto

Per incauto pe clã lãga  
Chymãã!

10-2-913.

Thomã Rosa

Sóror<sup>1</sup> Saudade

- Era Sol-posto e a vespertina aragem  
Trazia-nos perfumes, do balseado,  
E nos jardins à sombra, no segredo,  
Despontava o Luar branca miragem....
- 5 Não sei, que encanto tinha e que paisagem  
Era essa que eu via, inda com medo...  
Da luz d'ouro e fugaz, que morre cedo...  
Nesse enlevo fixando a tua imagem
- 10 Pela sombra dos plátanos e ulmeiros  
Sóror Saudade triste passeava:  
Com seu ar de Luar pelos salgueiros...
- E ao ver a Lua pela primavera  
Julgou tudo encantado e se encantava...  
Por encantar-se à luz essa Quimera!...
- 10 - 2 - 913.

Emani Rosas.

Trazia-nos [---] perfumes...  
... jardins [da] sombra...  
Despontava o Luar branca miragem....

Não sei <,> que...

... d'ouro [infeliz], que morre cedo...  
Nesse [encanto plasmado à cor da] imagem  
... fixando <a tua> imagem

Sóror Saudade triste passeava:  
Com [---] ar...

... a Lua peia primavera ...

Por encantar-se à essa Quimera!...

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel pautado, bastante danificado e rasurado, medindo 10,5 x 32,2 cm. Todas as alterações do poema foram feitas a tinta azul.

1 Sobre a palavra "sóror", diz o dicionário Aurélio: soror (ð). [Do lat. sorore.] S. f. Tratamento dado às freiras. [É o fem. de frei. A pronúncia mais corrente, e não incorreta, é sóror.] No verbete sóror, diz: [Do lat. soror (nom.), 'irmã' .] S. f. V. soror. Preferi grafar "sóror".

# Nocturno

Regressa a noite a areo de convento

E recolhe-me ás alas mysteriosas

E para seu proprio aniquillamento

Segue o rythmo das cousas mysteriosas..

Alta voz de Silencio e desalento

Que com sigillo ás horas dolorosas

~~Pois~~  
E uma pausa de recolhimento

E ao despertarem voltam nos pausas..

E ao regressar da Sombra anciosa e afflicta

Speetra-se uma voz de Algo ou Saudade..

Poder de regressão... Luz infinita!..

Jardim de etherea cor feito aquarellas

Donde olham as aquias negras d'anciedade

Com Olhas melancolicos de Estrellas!

Ernani Rosas

20-2-913

## Noturno

Regressa a noite a ares de convento  
 E recolhe-me às asas misteriosas  
 E para seu próprio aniquilamento  
 Segue o ritmo das coisas rumorosas...<sup>1</sup>

... de convento

5 Alta voz de Silêncio e desalento  
 Que com sigilo às horas dolorosas  
 Pões<sup>2</sup> uma pausa de recolhimento  
 E ao despertarem voltam-nos saudosas...

10 E ao regressar da Sombra ansiosa e aflita  
 Spectra-se<sup>3</sup> uma voz de Algo ou Saudade...  
 Poder de regressão... Luz infinita!...

Jardim de etérea cor feito aquarelas<sup>4</sup>  
 D'onde olham as águias negras d'ansiedade  
 Com Olhos melancólicos de Estrelas!...

Ernani Rosas

20 - 2 - 913

---

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel sem pauta, medindo 14 x 33,5 cm.

1 No lugar da palavra "rumorosas" havia sido escrita outra, que foi apagada. Na rasura, pode-se observar, que as três primeiras letras da primeira opção eram "mur-", o que sugere "murmurosas".

2 Onde se lê "Pões", havia sido escrita outra palavra, também de uma sílaba, que foi totalmente apagada.

3 A palavra "Spectra-se", embora grafada desta forma, deve ser lida como "Espectra-se", contando a sílaba inicial, para manter a métrica do perfeito decassílabo. Sua grafia será conservada, observando a licença poética.

4 Será mantida a grafia "aquarela", mais atual "aquarela", para manter a aliteração que compõe com as palavras do verso seguinte: "águias" e "negras".

Convalescente Romântico

De teu jardim de outono me despeço...  
y ~~Sorriso~~ de teu ser florido em mim,  
y quando o estralo azul d'essa alma desce  
Sinto morrer aquella luz sem fim.

Óbreve minh'alma troglouçada e linda  
Te de-partir e a horas de abandono,

~~Flôr de... a... a... a...~~  
Flôr - prantejar-me o teu Othar de outono.

Como uma aparição de luz ascética,  
Que surge no azul do céu am...  
~~Espectro...~~

Caroite me em essa oração...  
Como se ar nebuloso de flor pallida

A ~~de~~ brava insônia me despeço  
Al'horas rotundo e arro-bunda

Luz, e só quando el'horas...  
Porque já no meo leito vagabunda

Peruolaste a sôz noite inteira!  
Ouvindo tua voz fonte de hímno

Que me inspirava em horas d'ora d'oras  
Essa funcha elegia de Sul - por!

É essa convalescência e tão disca  
Luz as vezes a sonhar não sei cliger:

Ella, é como a gózia da violata,  
Que se faz ver na cor do entarelar!

Por isso Luz pallida dest'Alma  
Heich-elisar-de-aurar Te remito breve

Tu, que amim banco de alva luz e calma  
Annotallas Te o corpo n'ella de mim...

É porque? Luz eterna não me lina  
e factias agastadas por arieto...

Paro-volha região das luas breves,  
e a insqnia desta ~~luz~~ <sup>luz</sup> vais phyltrando

## Convalescente Romântico

- De teu jardim de outono me despeço...  
E o Sonho de teu ser floriu em mim,  
E, quando à<sup>1</sup> estrada azul dess'Alma desço  
Sinto morrer aquela Luz sem fim.
- 5 Breve minh'alma tresloucada<sup>2</sup> e linda  
Há-de-partir e as horas de abandono  
Hão de pungir-Te pela ausência infinda,  
Há de-prantear-me o teu Olhar de outono!...
- 10 Como uma aparição de Lua esquálida  
Que surgisse no Azul, dentre o arvored<sup>3</sup>,  
E a noite me viesse ouvir a medo<sup>4</sup>  
Com seu ar nebuloso de flor pálida!...
- Na minha branca insônia me despeço  
À tua luz soturna e moribunda...
- 15 Lua, é só quando durmo, que Te esqueço,  
Porque já viu meu leito vagabunda
- Pernoitaste a sós noites inteiras!...  
Ouvindo tua voz fonte de Amor,  
Que me inspirara em horas derradeiras
- 20 Essa funda elegia de Sol-pôr!
- E essa convalescença é tão discreta  
Que às<sup>5</sup> vezes a sonhar não sei dizer:  
Ela, é como a agonia da violeta,  
Que se faz ver na cor do entardecer!...
- 25 Por isso Lua pálida dest'Alma  
Hei de - deixar - de - amar-Te muito breve,  
Tu, que num banho de alva Luz e calma  
Amortalhas-Te ó corpo ideal de neve...
- E por quê?<sup>6</sup> Lua eterna não me levas
- 30 Nas tuas Asas lúcidas pairando...  
Para a velha região das tuas trevas,  
Na insônia desta Luz que vais filtrando..
- ... me despeço...  
E o [—] de teu ...  
... azul d'ess'Alma...
- ... |treloucada| e linda  
...abandono ||, ||
- E [—] me viesse  
Com seu ar...
- Na [—] branca... me despeço
- ... a sós noites...
- E essa convalescença é...  
... como <a> agonia...
- ... e calma  
... corpo ideal de neve...
- ...levas || ... ||
- Para <a> velha...  
...desta <Luz> que...

\* Poema de dez quadras, manuscrito a tinta preta, em duas folhas de papel sem pauta, a primeira medindo 14 x 35,5 e a segunda, 14 x 17,5 cm.

1 Acréscimo de crase.

2 Correção da palavra a tinta azul.

3 Há uma mancha de tinta sobre a palavra: "arvored".

4 No lugar do verso 11 havia sido iniciado outro, que foi riscado, ficando parte ilegível.

5 Acréscimo de crase.

6 Correção: porque? > por quê?

Já que

Das Almas sérias e cristalizadas

Por letras cabalísticas paixões,

Flas-de-sentidas e orn. Alvoradas

Das pupilas das uctas evoções...

Vinagros na mistica arieclade

Da tarde a se evolar em nova e olôr,

A minha Alma que se fez de Sarcelade

Corralesce no mal, ela seia de!

25-5-918

Já que as Almas senis cristalizadas  
Por letais, cabalísticas paixões,  
35 Hão - de se estiolar como Alvoradas  
Nas pupilas das velhas emoções...

Divagando na mística ansiedade  
Da tarde a se evolar em névoa e olor:  
A minh'Alma que é feita de Saudade  
40 Convalesce no mal da sua Dor!...

25 - 5 - 913

[Para] as Almas...

... velhas emoções...

Divagando na...

... que <é> feita...

25 - 5 - [914]

## Canção da Chuva

Gotta d'agua, que tu passas  
O meu tacto e veno esbis:  
Sob a forma de uma lagrima  
Ligue fôrta, ir de a fugir.

Gotta d'agua, Gotta d'agua,  
Fôste nuvern, fôste brumem,  
Ho tocar d'cluna fougua:  
Fôste a cair numa a umm

e Noite escura! gotta de agua!  
Da chuva pente a togar bag,  
Deulã da noite profunde  
Do meu Olhar a chorar...

Noite imensa, o luar vai alto!  
Sinto cair. He o sereno  
O sereno é gotta d'agua,  
Que unta nos tam venoso.

e Noite escura: o Luar estende  
Sua mortalla de nuvem,  
Overn fey ~~o~~ luar tão branco,  
Em gottas d'agua, tão leve!...

Gotta d'agua que és sereno  
E que se pebalas ufilas:  
Gotta d'agua veno ca i nelo,  
Lã, dos Allios das estrelas!...

## Canção da Chuva

- Gota d'água, que trespassas  
O meu teto e vens cair:  
Sob a forma duma lágrima  
Liquefeita, inda a luzir...
- 5 Gota d'água, Gota d'água,  
Foste nuvem, foste lama,  
Ao tocar a dura frágua:  
Foste a cair uma a uma....
- Noite escura: gota da água!  
10 Da chuva lenta a tombar,  
Dentro da noite profunda  
Do meu Olhar a chorar...
- Noite imensa, o luar vai alto!  
Sinto cair-lhe o sereno:  
15 O sereno é gota d'água,  
Que muita vez tem veneno.
- Noite escura: o Luar estende  
Sua mortalha de neve,  
Quem fez luar tão branco,  
20 Em gotas d'água, tão leve?!...
- Gota d'água que és sereno  
E que as pétalas regelas:  
Gota d'água vens caindo,  
Lá, dos Olhos das estrelas!...
- ... duma lágrima
- ... escura [!] gota...  
...a tombar,  
Dentro da noite profunda
- ... alto [...]  
... o sereno:
- ... fez ||--|| luar...
- ... és sereno
- ... dos Olhos das...

---

\* Poema manuscrito, a tinta preta, em duas folhas iguais de papel pautado, medindo, cada uma, 11 x 33 cm. Todo o poema está bastante manchado pela tinta da caneta e o papel, danificado. O título está sublinhado com traço duplo.

Gotta d'água, quando tombas  
e o calix da alguma flor  
E' a alma duma lagrima  
Com sa'clada de outro olhar

<sup>d'agua</sup>  
Gotta d'água, quando  
Foste ruína, albor de Lúia;  
Foste, Corcema, mormurio  
Nesta fusão tua...

Gotta d'água zero Sa'clada  
de ter's sido numem preluza:  
de chuva, de tempestade,  
de um fogos e fúis!...

Gotta d'água que me costas  
de ost'idade do Luar  
Quem te disse a ralar tua seta  
Corro a lúia pelo ar!

Quem te disse ser sa'clada  
de ter sa'cladas de alguém:  
Set a chuva que cae ali,  
Solues vinda de Além...

Set a chuva, que cae ali  
A' noite em ancia's rythmado:  
Do soluo da Itistega  
Doretas lagymas vójan do!

Dentú lagymas vójan do  
Alma simples gotta d'água:  
Alma lúia's rythmado  
Pela ruína Suleandyr!...

25 Gota d'água, quando tombas  
 No cálix d'alguma flor...  
 És a alma duma lágrima  
 Com saudade de outro olor.

30 Gota d'água foste nuvem  
 Foste névoa, alvor de Lua;  
 Fonte, bruma, murmúrio  
 Na casta frescura tua...

35 Gota d'água tens Saudade  
 de ter's sido nuvem prenhe:  
 de chuva, de tempestade,  
 De relâmpagos e frio!...

40 Gota d'água que nasceste<sup>1</sup>  
 da orvalhada do Luar  
 Quem Te dera andar tão alto  
 Como a lua pelo ar!...

Quem Te dera ser saudade  
 Ou ter saudades de Alguém:  
 Ser a chuva quando cai,  
 Soluços vindos de Além...

45 Ser a chuva, que saudosa  
 À noite em ânsias ritmando:  
 Ao soluço da Tristeza  
 Dentre lágrimas vogando!...

50 Dentre lágrimas vogando  
 Uma simples gota d'água:  
 Dentre tantas ritmando  
 Pela morta Soledade!...

26 - 7 - 913<sup>2</sup>

Gota <d'água> foste...

... ter's sido nuvem prenhe:

... da orvalhada do...

... chuva [que] cai,  
 ... vindos de Além...

Ao soluço da Tristeza  
Dentre lágrimas...

Dentre tantas ritmando

1 Correção: nascestes > nasceste.

2 Há uma rubrica ilegível, ao lado da data.

A dança dos Sept-Tius

Oira-se tarde antiga, agônica e prulisa,  
cuo dia m' d'raçõs a t'ra m' a esplendor...  
suicida p'lo p'raçõs a d'lar a uelisa  
toto um suuuo ibil de aris a effluu...

Evolve-se a m'ento a L'ua lib'ntica,  
ortoliga p' amor o d'raçõs singiu:  
h'raçõs aq'ntica de um m'ua, a m'ua  
d' d'raçõs a d'raçõs m'ua, a d'raçõs m'ua...  
d' d'raçõs a d'raçõs m'ua, a d'raçõs m'ua!

T'ra m' no p'raçõs: t' aris a p'raçõs!  
N'ra d'raçõs m'ua, a d'raçõs m'ua m'ua  
d'raçõs a d'raçõs m'ua, a d'raçõs m'ua  
a d'raçõs m'ua!

O am' g'ro infernal poder p'raçõs!  
g'raçõs a d'raçõs m'ua, a d'raçõs m'ua  
m'ua a d'raçõs m'ua, a d'raçõs m'ua  
(P'raçõs 2/11) Antonio Lugo !!!  
L'raçõs  
am' aris a d'raçõs,

## A dança dos Sete-Véus

Oura-se tarde antiga, agônica e preclara,  
 custodiam dragões a túnica a esplendor...  
 vencida p'lo prazer a delirar aclara  
 todo um escrínio irial de anéis a eflorescer...

- 5 Envolve-a<sup>1</sup> de encanto a Lua levantina,  
 sortílega no amor o desejo a cingia:  
 aquebranta-se em mágoa uma voz cristalina...  
 olvidara-a num sonho, o aroma que a nutria!...

sortílega [de] amor o desejo <a> cingia:  
 ||cinge-lhe|| aquebranta-se em mágoa ||,|| uma  
 [voz cristalina [:]

- 10 Vejo-a no peristilo: É ânsia a bailarina!  
 tem espasmos, desmaia em seu bailado opiado!  
 ama e paira<sup>2</sup> na memória... a luz cega a retina!

... opiado [...]  
 [vive e ama] na...  
 ama e <paira> na...

O seu giro infernal poder fixar quisera!  
 falena a refulgir em seu bailado airado<sup>3</sup>  
 rastro argênteo fugaz-meteorica Quimera!...

... em [âmbito de alado,]  
 ... em [âmbito enluarado,]

||Rio 914||

Antonio Luzo  
 E. Rosas

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,8 x 33 cm, o último terceto está no verso da folha.

1 Correção: Envolve-n'a > Envolve-a.

2 A reformulação deste verso foi feita a partir de anotações de números sobre as palavras.

3 Anotação na margem inferior: "em âmbito enluarado". Já, "âmbito de alado", está anotado sobre "seu bailado". Optei por manter a primeira forma, uma vez que não foi eliminada.

A dona da Septembis

Oscuro et tenebris equi gemitu et pulchra,

quod dicitur dicitur et tenebris et splendore,

dispositum autem et dicitur et tenebris

Tota una factum in alia in alia et splendore in

Exemplum - Heu u. fortitudo in dicitur et tenebris

Abi expro et tenebris in dicitur et tenebris

unde - Heu u. fortitudo in dicitur et tenebris

Exemplum in dicitur et tenebris

Exemplum - Heu u. fortitudo in dicitur et tenebris

Exemplum - Heu u. fortitudo in dicitur et tenebris

Exemplum - Heu u. fortitudo in dicitur et tenebris

Exemplum - Heu u. fortitudo in dicitur et tenebris

a cuius fidei fidei pater fixat gurgere!

Tonus, puerulus, ad, esse histerismo aione...

a omnia de que qui in dicitur et tenebris

Quimira in

914 Pio,

Pi. Hugo (S.R.)

<"> A dança dos Sete-Véus <"><sup>1</sup>

Oura-se tarde [azul], agônica e preclara,  
 custodiam dragões a túnica a esplendor [;]  
 [desejosa se eleva] <e> a delirar aclara  
 todo um [jardim] irial de anéis a eflorescer...

... eleva &lt;e&gt;...

- 5 [Engrinalda-lhe a frente] a |lua| levantina,  
 [seu corpo escultural, um desejo] cingia:  
 [unge-lhe] em mágoa [e sonho] uma voz cristalina [,]  
 [Envolvendo-lhe o véu da Tarde, que a vestia!...]

... a frente a lua...

unge-lhe [o sonho] uma...  
 unge-lhe [o olhar sonho,] uma...  
 ... o véu da...

- 10 Vejo-a no peristilo: É ânsia a bailarina [...]  
 tem espasmos [;] desmaia em seu bailado opiado [...]  
 [vive e morre em] memória... a luz cega a retina [...]

Vejo-a no...

O seu [gesto fatal] poder fixar quisera!  
 [transparecendo, só, nesse histerismo airado...  
 [a sombra do que foi num rastro de] Quimera!...

||914 Rio||

A. Luzo (E. R.)<sup>2</sup>

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em folha de papel pautado, manchado pela tinta da caneta, medindo 11 x 16,5 cm. Até o verso 11, o poema está na frente e, a partir do verso 12, no verso da folha.

1 Esta é uma versão do poema da página anterior. Todas as alterações foram aqui ressaltadas.

2 A assinatura, na página anterior, está na linha de baixo, sem parênteses e o nome Rosas por extenso.

A Hora em Vislumbres

Para Rodrigo Octavio Filho

A Hora é um sonho languido, indeciso,  
Forma suave em Perfume e melancolia...  
É fugaz como o dia dum sorriso,  
A hora é o sonho inicial Astrologia...

É Aparição de ventos resposos  
com desigualdades à bulha - Per!

Toda um jardim expuscular de Rosas,  
A hora tem desejos de Te apt'!...

A Hora é minha Opóls - d'Além - Tarde,  
Cysne em sombras a boiar na mansagem...  
A Hora é sonho que hallucina e abysmo  
Luzes a poeira da Luz eivada e d'Além...

A Hora é o Espelho magico do dia  
Onde a lua tomba e magia s'flize e auscia...  
A hora é sonho que melancolia  
Com Crepusculo d'Além de Luis...

A hora é uma Galia para o sonho  
Em mar - d'Udio com velas r'os,  
Vozes p'onejamento d'Almas e sonhos  
A hora sonho marmores de Pâm...

## A Hora em Vislumbre

Para Rodrigo Octávio Filho

- A Hora é um sonho lânguido, indeciso,  
 Forma suave em Perfume e melodia...      ... e melodia...  
 É fugaz como o dia dum sorriso,  
 A hora é a minha ideal Astrologia...
- 5 É Aparição de vestes vaporosas  
 Com insexualidades d'Outro-Ser!  
 Toda um jardim crepuscular de Rosas,      ... Rosas [...]  
 A hora tem desejos de Te ver!...
- A Hora é minha Opala - d'Além-Tarde,  
 10 Cisne em sombra a boiar na mansa cisma...  
 A Hora é Sonho que alucina e abisma  
 Quando a poeira da Luz circula e arde...
- A Hora é o Espelho mágico do dia  
 Onde a Luz tomba e a mágoa aflige e anseia...  
 15 A hora é minha azul melancolia  
 Num Crepúsculo d'Olhos de Sereia...
- A hora é uma Galera para o Sonho  
 Em mar-d'Ocaso com velames raros,  
 Vago panejamento d'Alma e Sonho  
 20 A hora sonha mármore de Parós...

---

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em duas folhas iguais de papel sem pauta, medindo 21,5 x 28,5 cm. Todo o poema está muito manchado da tinta da caneta.

A hora é o <sup>ardor</sup> ~~almo~~ das tuas mãos <sup>ardentes</sup> ~~ardentes~~  
toda <sup>matia</sup> ~~matia~~, do <sup>foeço</sup> ~~foeço~~ das eldas <sup>fumantes</sup>

Por telas de marfim, <sup>círcos asquintés,</sup> ~~plata e vidro~~

~~Por uma d'horas de jardins distintos...~~  
Toda <sup>de</sup> ~~de~~ se enaio, <sup>ruivas</sup> ~~ruivas~~ se se as...

Todo mysterio da rubia foehada  
Pelas mãos fúneas das Rainhas muros  
Eormene no alvoro dos beijos evocados  
Pelas boas ideias das horas lúenas...

A hora ~~para~~ <sup>para</sup> ~~o~~ <sup>o</sup> ~~vago~~ <sup>vago</sup> ~~instante~~,  
O meu flouimento anterior  
Sizma da curva azul, ~~de~~ <sup>de</sup> ~~esse~~ <sup>esse</sup> ~~distante~~  
Um susculo ~~existen~~ <sup>existen</sup> ~~co~~ <sup>co</sup> ~~sil~~ <sup>sil</sup> ~~pit~~...

A Hora é o meu jardim e oco delgido  
Jardim azul do Liro da Tristeza

Onde um lily, ~~o~~ <sup>o</sup> ~~trino~~ <sup>trino</sup> ~~aflores~~ <sup>aflores</sup> ~~em~~ <sup>em</sup> ~~ligno~~  
E a água tranquilla em cysse de Belleza  
A hora é o meu, ~~na~~ <sup>na</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~culos~~ <sup>culos</sup> ~~paedas~~  
Ancora d'ouro e a meu Ser em Liro,  
O meu corpo de ~~syathio~~ <sup>syathio</sup> e de ~~opulencias~~ <sup>opulencias</sup>,  
Opio d'amors em fusia de folias

A hora é o meu ~~algum~~ <sup>algum</sup> ~~com~~ <sup>com</sup> ~~mãos~~ <sup>mãos</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~seda~~  
que exhausta ~~alorre~~ <sup>alorre</sup> ~~em~~ <sup>em</sup> ~~no~~ <sup>no</sup> ~~do~~ <sup>do</sup> ~~jardim~~...  
Um d'idos ~~vruais~~ <sup>vruais</sup>, ~~o~~ <sup>o</sup> ~~nhos~~ <sup>nhos</sup> ~~l'esper~~ <sup>l'esper</sup> ~~a~~ <sup>a</sup> ~~l'ade~~

Renda d'horas antigas d'ouro e fimo

E. R. R. R.

1915

A hora é o ardor das tuas mãos frementes  
toda magia, do tocar dos dedos  
Por teclas de marfim, cordas dormentes,  
Irradiações de anéis, ruivos segredos...<sup>1</sup>

- 25 Todo mistério dos salões fechados  
P'las mãos fanadas das Princesas mouras  
Dormem no alvor dos beijos evocados  
P'las bocas ideais das horas louras...

- 30 A hora para mim é vago instante,  
O meu florescimento interior...  
Cisma da curva azul, num céu distante,  
duma Gôndola extática ao Sol-pôr...

- A Hora é o meu jardim e o teu delírio  
Jardim irreal do Íbis da Tristeza  
35 Onde um lilás Outono aflora em Lírio  
E a água tranqüila em cisne de Beleza

- A hora é a minha Nau de velas pandas  
Âncora d'ouro de meu Ser em Lua,  
o meu copo de absíntio e de opalandas,  
40 Ópio d'amarra em Ânasia de falua

A hora é o meu Alguém com mãos de seda  
que exausta adormeceu no seu jardim...  
Para dedos irreais sonha<sup>2</sup> tecer a leda  
Renda d'Horas antigas d'ouro e Fim!...<sup>3</sup>

914.

E. Rosas

A hora é o [alvor] das tuas mãos [ardentes]  
A hora é o [alvor] das tuas mãos [tateantes]

toda [volúpia, no pegar] dos dedos  
... marfim, [platina e ledos]

... salões fechados... dos beijos evocados

Cisma da curva azul, num céu distante,  
duma Gôndola extática...

...em Lírio... velas pandasPara dedos irreais sonha tecer a leda

1. As palavras deste verso estão rasuradas. Na linha acima desta havia o seguinte verso, que foi suprimido: "Perfume d'horas de jardins distantes".

2. Trecho mutilado, a palavra "sonha" perdeu parte do "s".

3. Este verso, bem como a data e a assinatura do poeta, estão em linha vertical, na margem direita da folha.

"<sup>quinta</sup> Bolleza Enferma"  
Te bastam a tínicas dolencias,  
Tristezas, orillaciones, amores de tres sor!  
Ohi! e me doli o thar feito todo de angustias,  
prelisa dar-me a luz dos outros a feber...

Foram-me essa cor elho das portencias,  
por angustia fatal de um dia Te perder...  
foram, sem Ti ora mais <sup>canindes</sup> ~~te~~ ~~de~~  
Opio sexual e, ~~adivins~~ e ~~redemocion~~...  
| botija ~~de~~ ~~medic~~...

Como um dardo estaca pelo brios da mente,  
procurando - Te em vira, sem ~~me~~ ~~inter~~ ~~si~~ ~~olha~~,  
tando os deus mor o ~~em~~ ~~juicio~~ ~~avolta~~!...

Por isso feijo e terno em ~~suposicoes~~ ~~fitas~~  
de ~~haver~~ ~~dis~~ ~~gosto~~ ~~em~~ ~~me~~ ~~to~~ ~~de~~ ~~olha~~,  
a, ~~se~~ ~~os~~ ~~maior~~ ~~a~~ ~~magimot~~ ~~em~~ ~~estafas~~!...  
Rio 914 G. P. ~~...~~

Por isso feijo e terno em ~~suposicoes~~ ~~fitas~~  
de ~~haver~~ ~~fitas~~ ~~para~~ ~~a~~ ~~te~~ ~~de~~ ~~olha~~,  
de ~~de~~ ~~te~~ ~~de~~ ~~olha~~, ~~que~~ ~~us~~ ~~me~~ ~~em~~ ~~estafas~~!...

Como um dardo estaca ~~em~~ ~~negro~~ ~~pegadello~~  
procurando - Te de ~~luz~~ ~~de~~ ~~estalla~~ ~~em~~ ~~me~~ ~~palma~~  
em ~~te~~ ~~de~~ ~~olha~~ ~~de~~ ~~me~~ ~~olha~~...

<"> Beleza Enferma <"><sup>1</sup>

Há neste nume ideal [atávicas] dolências,  
 [Tristezas, oscilações,] anseios do Não-Ser [!]  
 Ah! se esse doce olhar feito todo de ausências,  
 pudesse dar-me a luz dos astros a beber...

Há neste <nome> ideal...

- 5 Fascina-me essa cor celeste das hortênsias,  
 por sugestão [fatal] de um dia Te perder...  
 porque <,> sem Ti não mais terei esse ascender ||, ||  
 [Ópio] insexual de [lôbrega veemência]...

...esse [viver]  
 ...de [aromas e veemências]...

- 10 Como um doido errarei pelas trevas da noite <,>  
 procurando [-Te em vão], sem encontrar viv'alma [,]  
 tendo do desamor o seu funesto açoite! <...>

Por isso ||, || [fujo e temo] em suposições fátuas ||... ||<sup>2</sup>  
 de haver crepusculado em mim toda |su'alma|,  
 [ao seu ser animal] a se animar em Estátuas!...

de haver [dirimizado] em mim toda |tu'alma|,  
 ... ser animal a...

<Rio> [914] E. Rosas ||. ||

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,7 x 33 cm. Abaixo do poema há a seguinte versão dos dois últimos tercetos, assim numerados:

2

Por isso fujo e temo em suposições fátuas  
 de haver ficado preso à teia da su'alma,  
 à volúpia infernal, que anima as vãs estátuas!...

||e|| à volúpia...

1

Como um doido errarei n'um negro pesadelo  
 procurando-Te à luz da estrela me ensalma  
 envolta a treva azul do seu vago cabelo...

procurando-Te à Luz da estrela que me {ensalma}

1 Esta é uma versão do poema transcrito à página 23, com indicação das alterações feitas pelo autor.  
 2 Na linha acima do verso 12, há um ponto de interrogação.

Consalio do m'ho de Coimbra

ser e caudex de matia af'ua:

tanto quando n'uma p'ra effloresce

a tua effluvia n'uma p'ra pedra azul ...

(De H. Lugo)

Do teu jardim de outono eu sou dipeira

So de deus de teu Ser florim em anira!

e quando a estrada azul o desf'ra me disse,

sinto morrer aquella Luz que se fia ...

Breve minh'alma truzlucida e Linda

ha-de partir e os honra de ataudono

baõ-de-puqir - <sup>o pulo</sup> le tanzenca a inf'nda

ha de p'ra o ... a shot de Outono!

~~... que se p'ra o ... a shot de Outono!~~

que se p'ra o ... a shot de Outono!

e a nobre me acisse ouid a m'ho

com um ar melancolico de fl'or pallida ...

Na minha banca insomnia eu me depeira

a teu Luz o lento e moribunda

Luz, e os, quando durmo, que Te esqueço ...

porqu' ja, em oua l'ra se f'ra de

Permitaste a ois, ouis intistas ...

encindo minha oua f'ra de Amor!

que me inspira em oua l'ra de tempo

Soa n'ra effluvia de oua p'ra!

... convalescencia e tam dicrita

que os ois e ouos meus digis:

"Convalescente Romântico"<sup>1</sup>

Convalesço dos males da Quimera  
sob a candeia da matiz a flux:  
tenho gravado numa vítrea esfera  
a tua efígie numa pedra azul...  
(De A. Luzo)<sup>2</sup>

De teu jardim de outono <eu> me despeço  
E o [Éden do] teu [Ser] floriu em mim [!]  
[e] quando à estrada azul [d'esta alma] desço <,>  
[sinto] morrer aquela Luz sem fim [...]

- 5 Breve minh'alma tresloucada e linda  
[há] - de - partir e as horas de abandono  
[hão -] de pungir- [te] pela ausência infinda ... pungir-te <pela> ausência...  
[há -] de prantear- [Me o seu<sup>3</sup> olhar do Outono]! ... o <seu> olhar...

- 10 Como uma aparição de Lua esquálida  
[que] surgisse no [azul] dentre o arvoredado  
[e] à noite me viesse ouvir a medo  
com seu ar nebuloso de flor pálida...  
... ar nebuloso de...

- 15 Na minha branca insônia <eu> me despeço  
[à] tua [Luz silente] e moribunda ||...||  
[porque] já, [em] meu leito vagabunda  
Lua [!] é só...  
Luz [!] é só...

- 20 Pemoitaste a sós <,> noites inteiras ||!||...  
[ouvindo minha] voz fonte de [Amor!]  
[que] me inspirava em horas derradeiras  
Essa [roxa Elegia] de [sol]-pôr!

E essa<sup>4</sup> convalescença é tão discreta  
[que] às vezes a sonhar não sei dizer:  
... não sei dizer:

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em duas folhas iguais de papel pautado, medindo 11 x 33 cm. As folhas estão marcadas com os números 1 e 2, na margem superior à direita, respectivamente.

1 Esta é uma versão do poema da p. 54, cujas alterações foram aqui apontadas.

2 A epígrafe não aparece na primeira versão do poema.

3 Há uma rasura neste local. A palavra foi apagada e houve o acréscimo de "seu", logo abaixo.

4 Há uma mancha de tinta azul sobre as palavras "E essa".

Teila, o como a gonia de vilita,  
que sempre em vós do entardecer!

Por isso tua lobrega dest'ploma  
dei-de-dixeo k amor. Te omite fure,  
Te, que oíam fante de alca tua e colma  
amortados. : serpo ideal de oíre...

É, proqui, o' Sim-eterna orão me líves  
mas teu agto buido. fustivato...?  
para os viltos de jino dos tou. fimo  
em insunnie de. tua que oíe fustivato

Ja, que as almas de me. eubri de  
por canoib, outatitios. poixies,  
fio-be de viltos como alromos  
oíe fustivato de agimur eubri. !...

Vidigato em mistio. oridade  
du tarde a se volar em oroa. lolo!  
A mind'Alma, que i' Sita. fustivato...  
~~oíe fustivato~~ de 'Mel' d'iguali. fustivato!

Rio 25-5-913 E. P. P.

(Do Cantos de Loma  
de Loma Torre de. Duro.)

Rio 9/4 A. Lugo

Conocete de 'Mel' do seu fustivato!  
E. P. P.

Ela, como a agonia da violeta,  
[que nos punge] na cor do [Entardecer]!

25 Por isso Lua [lóbrega] dest' [alma]  
[hei -] de - deixar <de> amar-Te muito breve,  
Tu, que [num] banho de alva Luz e calma  
[amortalhas o] corpo ideal <de> neve...

... Lua lóbrega dest'alma

amortalhas ||Te| o corpo...

E <,> por que [,] <ó> Lua <-> eterna não me levas  
30 [nas] tuas [asas] lúcidas pairando [?]  
[para as velhas regiões] das tuas trevas  
[na] insânia dessa Luz que vais filtrando...

Já <,> que as [almas] senis embreadas  
[por] carnais, cabalísticas paixões,  
35 [hão] - de se estiolar como [alvoradas]  
[nas] pupilas [de] ingênuas emoções <!>...

Divagando na mística ansiedade  
[da] tarde a se evoluir em névoa e olor [!]  
A [MinhAlma,] que é feita de [saudade...]  
40 convalesce [do Mal d'aquela flor!...]<sup>5</sup>

[Convalesce do "Mal" do seu pudor!]

<Rio> 25 - 5 - 913 <E. Rosas><sup>6</sup>  
(Do Cântico Ex-homo  
do Livro Torre-de-Dávid)  
Rio 914 A. Luzo

5 A segunda opção deste verso, transcrita na margem direita, está na margem inferior da folha. Abaixo, ainda, repete-se a assinatura: "E. Rosas".

6 A anotação que está abaixo do poema refere-se ao "Livro Torre-de-Dávid". Ana Lize Brancher, em sua dissertação de mestrado, já citada, transcreveu uma plaquete com o mesmo título, que não incluía o poema aqui transcrito.

Non est in mente tua...  
desiderando...  
conspicere...  
Non est in spiritu...  
desiderando...  
conspicere...  
Non est in intellectu...  
desiderando...  
conspicere...  
Non est in voluntate...  
desiderando...  
conspicere...

Não sei se foi ventura ter nascido?  
despontando no amor à luz do dia...  
ou vingança de Deus não ter morrido?!

... não ter morrido?!

5 Não sei se foi apenas, esperança!  
despertando no amor por fantasia  
ou do destino mísera vingança?...

... amor [à luz perdida]...  
... mísera vingança?...

Fujo à fronde ideal do vosso amor:  
que foram minhas noivas na alegria  
de espiritual crepúsculo incolor!...

10 Desperta em meu cismar ideal clangor  
de vida universal, como se o dia  
fosse o clarim de anímico esplendor!...

... ideal [fulgor]

... de anímico esplendor!...

914.

---

\* Poema sem título, manuscrito, a tinta vermelha, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Abaixo deste poema há o soneto intitulado "Núpcias de Vênus:", de "914", assinado por E. Rosas.

Memórias

Pode-se ver a grande diferença de  
ver o sol e a luz do meu passado!  
que é, como no, o sombrio da Outra vida.  
traços de esperança e de encontro.

O sol e a luz, que dá a do passado,  
as sombras em penumbra cobrindo,  
e o sol e a luz que dá a vida.  
que são a magia em outras cobrindo!

Alguns fuzis e ombros de todos,  
que foram muitos outros que dizem  
a espiritual de todos os lados!

Nos em outros tempos, e por isso  
despertando os olhos por dentro que  
ou, os outros em outros tempos!  
9/14

2.º Prm

## Núpcias de Vênus:

Pudesse na minh'alma consumida,  
reviver a ilusão do meu passado:  
que é, como vós, ó sombras da Outra-vida...  
através da aparência e do encantado!...

... passado [!]

- 5 É, como o sol, que deixa do povoado,  
as árvores em penumbra dolorida,  
a vós! espelho verde embaciado...  
que sois a mágoa em névoa colorida!

- 10 Agora, fujo à sombra de vós todas,  
que foram minhas noivas, na alegria...  
de espiritual crepúsculo de bodas!...

Não sei se foi apenas, esperança...  
despertando no amor por fantasia,  
ou, do destino mísera vingança!...

... mísera vingança!...

914

E. Rosas.

---

\* Soneto manuscrito, a tinta vermelha, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Acima há outro poema, sem título e datado de "914".

Oculto

(é's luas extramundigas)

Mostrando do oculto,

a chispa a tremolar nos lábios:

tam um ditado de afluência

de ouros cegos, ex profano ...

Tomba para além do mundo,

uma ténua existência:

é a chispa, que em dos pontos ...

a chispa a abalar por oitavo!

Pelos olhos tomta e torda

uma nuvem assiadada:

a profunde do que existe,

por florit em Eternidade!

Amendo, que esculda e pisa,

- Rogn em botão por abric:

tam espírito de unipa

o flôr de ovul e florit ...

## Outono

(às<sup>1</sup> tuas estranhezas)

Monotonia do outono,  
a chuva a tombar nos ermos:  
tem um ritmo de abandono  
de males vagos, enfermos...

- 5 Tomba p'ra além sobre os montes,  
uma tristeza infinita:  
é o choro, que sai das fontes...  
à chuva a chamar por mim!...

é o choro, que...

- 10 Pelos sítios tomba à tarde  
uma remota ansiedade:  
o perfume do que existe,  
por florir na Eternidade!...

- Oração, que ascende e paira,  
15 – Rosa em botão por abrir:  
teu espírito desvaira  
ó flor da noite a florir...

---

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,8 x 32,5 cm. A folha é escrita na frente e no verso. Na frente, acima do poema, há duas quadras sem data e sem assinatura. No verso, na margem superior, está anotado "Boca-da-Noite 914". Ao lado da última estrofe há uma rubrica do autor.

1 Acréscimo de crase.

Corpo de arbor e o um lírio,  
é um encanto: o existencial...  
e como em flôr tem a alma,  
seu de... e do tipo de vida...

Memória da alma e a flôr...  
lírio - alma insuspeitada:  
é toda permeável e dor,  
Aparição da outra vida...

Trilha a no vento do dia  
gemer e triste flo' ideal:  
sofrem o o melancolia  
pela agonia irreal...

Trilha da alma e a flôr...  
de uma existência doente:  
ausência pela omissão  
de uma existência preferida...  
Calisto H

Alorda a sua afeição,  
umida de lago, em Tristão:  
é um um lírio...  
Pela ausência de um lírio... a simplicidade...

Trilha no vento, ou a dor  
uma outra luz ideal:  
é a sua presença ainda,  
pelo fundo de um lírio...

Trilha da alma e a flôr...  
no silêncio da alma...  
é a sua presença ainda,  
tristão e a sua da vida...

Corpo de aroma num lírio...  
 É seu encanto: o mistério!...  
 20 a carne em flor tem delírio,  
 ascende... é desejo aéreo!...

..lírio [,  
 ...mistério [:]

Memoram alma e a flor...  
 lírio – alma incompreendida:  
 és todo penumbra e olor,  
 25 Aparição da outra-vida!...

|Memora| alma...

Sonho-a no morto do dia  
 grave e triste p'lo ideal:  
 Logrou-a a melancolia  
 pela síncope irial!...

Sonho-a no...

pela síncope irial!...

30 Minh'alma é enferma criatura  
 de uma esquisita doença:  
 anseia pela amargura  
 de uma celeste presença...

... uma [divina] presença...

Acorda a sua alegria,  
 35 muda-se logo, em Tristeza:  
 erra na luz sendo dia  
 Pela ausência na simpleza...

... [pelo] dia  
 <Pela> ausência [dessa frieza] ...  
 ...na simpleza...

Chora no longe, saudosa  
 uma outra luz irreal:  
 40 É a lua passando airosa,  
 pelo fundo de um vitral...

... passando airosa,

?

Acordam vagos violinos  
 no silêncio da alameda:  
 à lua ressoam hinos  
 45 brilha a areia da vereda!...

Acordam vagos violinos

Soneto

Distant de mim as terras de Fran Bim,  
montes em névoa azul, neblina branca,  
que a distancia atenuando, dá-se a paisagem  
de neblina azul, que o firmamento

Quando o céu o mal des'alma de perto  
e o sol de luzante se em seus olhos,  
na tolerância da tarde transparente  
que se perde infinito em mar de abelhas!

Quanto diluir o sol, esse perfume?  
que amarela o espaço, quando tarde de dia  
e a fumaça azulada de uma pintura!

<sup>de azulada</sup>  
Já, não me esqueço o luar, que me transporta

Al dia da minha morte:

as folhas mortas segundas pássaros  
julgem-me por de uma praga em morte

L. P. P.

## Soneto

Distam de mim as terras de tua Beira,  
Montes em névoa e sol Neblina loura...  
que a distância alheando-os na poeira  
de nebulosa Luz, que ogivas douras!

... loura [:]

... douras [...]

- 5 Quando sarar o mal dess'alma doente  
e a saudade rasando-se em seus olhos?  
na dolência da tarde transparente,  
que se perde infinito em mar de escolhos!...

... de escolhos!...

- 10 Quando diluir o sol, esse nevoeiro?  
que enubla o espaço, quando tarde desce...  
e a fronde aureolada de um pinheiro!...

Já, não se ascende o luar, que me transporta...  
e as folhas outonais rezando prece  
Jazem na paz de uma paisagem morta!...

... não [me anseias] o luar...

914

E. Rosas

---

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11,5 x 16,5 cm. Os dois últimos versos do poema estão anotados no verso da folha, onde, na parte superior, pode-se ler: "A Luz da minha Noite", escrito a tinta azul, de tonalidade diferente da primeira, sublinhado com traço duplo.

Soneto

(a Luíz de Montalvat)

Soudo, segue a fallar pelas estradas,  
Bousas taem vias em voz de bom humor,  
Suponho <sup>que</sup> essas almas despaçadas  
irão em abortos, somnambulando p'le dor!

Capôas do fado, inuças do desamor  
e por algo de antito taer das  
dicas em para o empôr <sup>desconças</sup> ~~desconças~~ Q1  
como os flôres p'ados p'lo calor... fanadas

Seu um homem por amar para a mulher  
a face da paixão, o seu calor  
quando o meu eterna exultação...

Porque a denúncia é um fôrto para amor!  
ain com elle ofénio inujusticia...  
que n'elle existe, é elido para a botra! Q1  
Com musica du lago!

Rio 114

E. P. P.

## Soneto

(a Luís de Montalvor)

Doido, segue a falar pelas estradas,  
 Coisas tão vãs em voz de bom humor,  
 Suponho que essas almas desgraçadas  
 erram absortas, sonâmbulas p'la dor!

Suponho &lt;que&gt; essas...

5 Órfãs do fado, irmãs do desamor  
 e por algo de súbito tocadas  
 ficaram para sempre descoradas  
 como as flores fanadas<sup>1</sup> p'lo calor...

...algo ||, || de súbito...  
 ... sempre [desoladas]  
 ... flores fanadas p'lo...

10 Que um homem por amar perca a razão  
 e faça da paixão, o seu calvário  
 vivendo numa eterna exaltação...

Porque a demência é um horto para o Amor!  
 vive com ela o gênio imaginário...  
 que nela existe um músico dulçor!

... com ela o...  
 que nela existe [o olvido para o horror]!

Rio 914

E. Rosas

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,8 x 33 cm.

1 A palavra "fanadas" está rasurada, no corpo do poema e repetida na margem direita, acompanhada da rubrica do poeta.

## Sonho Veloso:

Pela sãidade,  
Quilhos per doidos  
Quidam a sonhar!  
no solando  
rigata doidos  
a ~~suavizar~~...

Pelo abandono  
dum esperança,  
que não fluiu...  
E se se vulturo,  
desesperança,  
que o fado de ~~outro~~ audiu...

Donham com o louço,  
em curules,  
a mulher:  
rigam, pãu louço,  
como os estúdios  
a abunir!...

Sonho, elegia  
no esperança frim,  
que a lua frou...  
opulência,  
luz do nico,  
que é noctifas!...

Rácam nu os olhos  
nos horizontes  
émos de estúdios,  
hora dos montes,

## Sonho Veleiro:

Pela saudade,  
 Quilhas perdidas  
 Quedam a sonhar!  
 na soledade  
 5 rizam doridas  
 a encurvar...

rizam doridas  
 a encurvar

Pelo abandono  
 duma esperança  
 que não floriu...  
 10 É ser-se outono,  
 desesperança,  
 que o tédio urdiu...

... ser-se outono,  
 desesperança [...]  
 <que o> tédio || do olhar. || <urdiu...>

Sonham com o longe,  
 com caravelas  
 15 a navegar:  
 rizam, p'ra longe,  
 como as estrelas  
 a alumiar!...

Sonho, elegia  
 20 na espuma fria,  
 que a lua traz...  
 opalescido;  
 luar dorido,  
 que à noite jaz!...

...à noite jaz!...

25 Rasam-me os olhos  
 nos horizontes  
 ermos de escolhos,  
 hora das noites,

---

\* Poema manuscrito, a tinta preta, em duas folhas iguais de papel pautado, medindo 11 x 32,7. O título, a assinatura e algumas alterações do poema foram feitas a tinta vermelha. Há muitas palavras manchadas pela tinta da caneta.

que vague is fontes  
mother - me is. vhs!

etja do dia,  
nem no prouti,  
outello uli do ...

~~abundancia~~  
ares deimdo,  
da nemu alenti ...

cho luar do anto mo  
qudas submudo  
alunomudo  
in rudo gntis  
podiam com alhas  
- pipin alem. submudo

Braam chorando  
juncto dos prmit  
do meca sent. do,  
pruhon com in Judias  
as luar errudo,  
Paitt unuido - alfoquuidos ...

Dubam di errantig  
~~um uniauli~~  
~~no uniauli~~  
que outrom, iamo  
sorinto apitox  
que prodespito desprito H  
não progrinuo ...

que vais às fontes  
30 molhar-me os olhos!...

Asa do dia,  
névoa no poente,  
cutelo alado...  
arco dourado,<sup>1</sup>  
35 da névoa albente<sup>2</sup>

Ao luar do outono  
quedam sonhando  
rememorando  
as rudes quilhas  
40 sonham com ilhas  
p'ra "além - sonhando"

[para] "além..."

Erram chorando  
junto das praias  
do meu sentido,  
45 sonham com as Índias  
ao luar errando,  
algos vencidos...

do meu sentido,

Sonha de errante<sup>3</sup>  
um mareante,  
50 que outr'ora ia  
ao sonho afeito  
que por despeito  
não prosseguia!....

[Poetas vencidos] ...  
| algo vencido | ...

... de errantes  
[os navegantes],  
que outr'ora | iam |  
... sonho | afeitos |  
... por [respeito]  
não | prosseguiam | !...

914

E. Rosas..

1 O verso anterior a este: "abandonado", foi suprimido. O poeta não o substituiu e assim esta é a única estrofe que tem apenas cinco versos. Todas as outras são de seis versos.

2 O autor utiliza-se do termo "alvente", que não existe dicionarizado. Há "albente" que é sinónimo de alvejante, cujo significado: que alveja ou branqueja, cabe no poema.

3 O autor suprimiu o plural em "errantes". "Sonham" permaneceu no plural, corrigido na transcrição.

9/10/10

"Terra"

Quel son' a m'ãe ou a filha:  
a sombra ou a luz de meu alma?  
a sombra a filha de Deus,  
a luz no meu alma de La Terra!...

914 Rio E. Roma.

**"Trova"**

Qual será a mãe ou a filha:  
a sombra ou a luz da manhã?  
a sombra é filha da Luz,  
a luz nos vem de Satã!...

914 Rio      E. Rosas.

---

\* Esta quadra está na parte superior da folha, abaixo há um soneto, datado de 945 e assinado por E. Rosas. Acima da palavra "Trova" está escrito "Soneto". É manuscrita, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,8 x 33 cm.

Ano, a tua fatal soturnidade  
Que ao longe ateara num fulgor de neve  
(O'lua dá-me, a tua claridade,  
Pensa que o Outono estivesse breve)

Mecido a' luz das estrellas a distancia  
Da tua noite tropical, divina,  
Quando o sol se projecta na tua paicia  
Vaga estrada de Luz - p'ra seguir a

A tua noite é morna e voluptuosa  
E parece povoar de sombra um lago,  
Imponderavel, oceânica e morosa.

Desse riso e <sup>selva</sup> ~~seiva~~ de que és feita, ó Lua!  
Aspirote o perfume estranho e vago  
Como d'um seio, na voluptua tua!

17-3-914

E

Desse riso e macar de que és feita, ó Lua!

Amo a tua fatal soturnidade  
 Que ao longe ateias num fulgor de neve:  
 (Ó lua dá-me a tua claridade,  
 Rosa que o Outono estiolasse breve!)

- 5 Meço à luz das estrelas a distância  
 Da tua noite tropical, divina,  
 Quando d'Além projetas na tua ânsia  
 Vaga estrada de Luz - [---] <sup>1</sup>argentina.

Meço à...

- A tua noite é morna e voluptuosa  
 10 E parece povoar de Sombra um lago,  
 Imponderável, oceânica e morosa...

Desse ouro e gelo<sup>2</sup> de que és feita, ó Lua!  
 Aspiro-te o perfume estranho e vago  
 Como d'um seio, na volúpia tua!...

... ouro e [cera] de...  
 ...ouro e [nácar] de...

E \_\_\_\_\_<sup>3</sup>

17 - 3 - 914

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel sem pauta, medindo 14 x 30,5 cm. Não possui título e foi reformulado a tinta azul.

1 Palavra ilegível, podendo-se distinguir apenas a sílaba "re-" e mais a letra "-t-". A folha está danificada no local.

2 Observa-se o processo da escrita de Ernani Rosas, pela alteração vocabular. No verso 12 aparece:

1 - "... ouro e cera..."

2 - "... ouro e gelo...", esta alteração é marcada, também, pela mudança de cor da tinta com a qual foi escrito o poema (azul sobre preta).

3 - "... ouro e nácar...", aqui o verso foi todo reescrito, também a tinta azul, na margem inferior da página.

3 O poeta não assina, apenas estende um traço ao lado da inicial de seu nome.

Soneto

+

Fallo-v-me a voz do longe...Voz piedosa,  
Que ~~se vira~~ a distancia, na incertiga,  
E parece chorar funerals e saudosos  
E virá flor ceto da e vabrega

Divina voz de Amor miraculosa  
Quasi a convalescer pela ~~de~~ bellaça  
De um imelicla de mysticose  
Spiritualizada na purga...

Nem Crepusculos e horas visionarias,  
Que o Mystério de subito acirrada  
Por Deuses e foras, solitarias: —

Resentiram a sua magica estirpe,  
De visões cabalyticas, que em um

~~estirpe~~  
Sentardict no Grupo anti em Modg!...

8-4-414

~~8-4-414~~

E. P. P.

Soneto<sup>1</sup>

Falou-me a voz do longe... Voz piedosa,  
 Que se vela à distância, na incerteza,  
 E parece chorar funda e saudosa  
 E vir à flor de toda Natureza

Que [-- ----] à distância...

- 5 Divina voz de Amor miraculosa  
 Quase a convalescer pela<sup>2</sup> beleza  
 De sua irrealdade misteriosa  
 Spiritualizada<sup>3</sup> na pureza...

- 10 Nem Crepúsculos d'horas visionárias,  
 Que o Mistério de súbito acordara  
 Por Devesas e praias solitárias:

... solitárias [...]

Pressentiram a sua mágica coorte,  
 De visões cabalísticas, que amara  
 A entardecer no Sonho antes da Mortel!...<sup>4</sup>

8 - 4 - 914

E Rosas<sup>5</sup>

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel sem pauta, medindo 14 x 20 cm.

1 Este soneto está marcado com um "x" na parte central, superior da página.

2 Aqui havia sido escrita a letra "F", que foi riscada.

3 A forma poética será mantida. Porém para efeito de métrica, deve se considerar a primeira sílaba da palavra "Espiritualizada". A palavra aparece rasurada.

4 Havia sido começado outro verso. Está riscado, porém pode-se ler: "Na Vida a".

5 Aparece a assinatura "E Rosas" riscada. Logo abaixo retorna a mesma assinatura.

No verso da folha, onde está escrito este soneto, estão anotados dois versos:

"Mais que o gelo dos montes da Sua lira  
 Subiu mais alto a Dor do Coração".

Quanto a chorice o dia a noite e vento,  
Ou ventão chove a noite sem parar  
Se manhã: ~~vigo~~ oprimida a voz do vento  
Toda a água das bonas a sangrar...

Tuanto estruendo d'Almas, um lamento,  
Entre o Souto e a loureira a resuslar  
São tochas da minh'Alma, em clarato, em  
Num jardim d'Além - Turbado a vapor!

Encarnação de voz humana a Alma!  
Chorão remido d'Almas a resuslar...  
Tua em gestos de amor já se realina,

Declarão num ~~reflexo~~ reflexo de Ontão  
Entre a clivela a noite e o São. Sir...  
Nos silêncios <sup>110</sup> da noite, James Lomaco! ~~of~~  
26-11-514

Quando alvorece o dia triste e lento,  
 Ou venta e chove à noite sem parar,  
 De manhã: vaga opressa a voz do vento  
 Toda mágoa das horas a sangrar...

... manhã vaga opressa...

- 5 Tumulto estranho d'Almas, num lamento,  
 Entre o Sonho e a loucura a resvalar:  
 São todas da minh'Alma, em desalento,  
 Num jardim d'Além-Túmulo a vagar!

São todas... Alma, em desalento, [...]

- Encarnação de voz numa só Alma!  
 10 Manhã remota d'Almas a viver...  
 Que em gestos de arvoredos já se acalma,

Acordarão num Ângelus<sup>1</sup> de Outono  
 Entre a dúvida e a noite do Não-Ser...  
 No silêncio da morte, no meu Sono!

... Outono [...] ]

... do Não-Ser...

No silêncio [e na] morte [do] meu...

26 - 11 - 914

\* Soneto sem título, manuscrito, a tinta preta, em papel pautado, medindo 16,5 x 16 cm.

1 Sobre a palavra "Ângelus" há uma mancha de tinta da caneta.

Caneco ao Dia

O dia se exhalou -

A habito de bruma

A luz é vir e ruína

Em L'ajo azul de espuma

Encanto singular

de folhas a tereer

Penumbra no jardim

A Tarda a recender

Aromia do jardim

A sombra na indolência

de turbidas sombras

Os primeiros de ausência

O Adeus pelas paisagens

do dia pela ausência

Na sombra do jardim

A meio-hora do dia

Na sombra e a leftis;

A sombra que se passa

Tomar de Arch' Anjo e graça

e inebriado no jardim

jardim do dia em mim

A hora me hiberna

Visões de luz e ausência

Aromas do dia que ouveis

Tomar do jardim. Sim

## Canção ao Dia

O dia se exalou -  
 A hálitos de bruma  
 A Luz é ouro e névoa  
 Em Lago azul de espuma

- 5 Encanto singular  
 de folhas a tecer  
 Penumbra nos jardins  
 A Tarde a recender  
 Aroma de jasmíns

Aroma de jasmíns

- 10 À sombra, na indolência  
 de túrbidas miragens  
 Há frêmitos de olência,  
 O Adeus pelas paisagens  
 do dia pela ausência

- 15 Na sombra dos jardins  
 à meia-hora do dia  
 Há sonho e alegria;  
 a aragem que perpassa  
 tem ar de Arc'Anjo e graça  
 20 e encanto nos jardins...

jardins do dia em meio  
 A hora me alucina  
 Visão de Luz e anseio  
 Aroma vão que ondeio

... Luz [que] anseio

- 25 Irmão da minha Sina

---

\* Poema de seis estrofes, manuscrito, a tinta preta, em duas folhas de papel pautado de tamanho diverso, a primeira com 10,8 x 29 cm e a outra com 10,8 x 15 cm. As alterações da última estrofe foram feitas, umas a lápis, outras a tinta vermelha. A primeira assinatura "Riveiro de Rosas" está riscada a tinta vermelha, a mesma com a qual foi feita a outra assinatura "E. Rosas". Há uma versão do poema transcrita por SOARES e VARELLA, op. cit., pp. 119/120, com o título "Fim do Dia".

A Luz pauda no chã

A Luz da folhagem, a Luz

O' Almas que não são

O' Luz de Si á Luzem

9/3

Francisco  
L. Rom

A Luz prende no chão  
Anseio da folhagem<sup>1</sup>  
Ó asa que não dá  
O ar de Si à aragem

915

E Rosas

[A Asa] da folhagem  
Ó [Almas] que não [dão]  
O [olor] de [si a] aragem

[Riveiro de Rosas]

---

1 A palavra "anseio" está repetida, no final do verso.

\*

# Coimbra

Coimbra de albugens com piagem a chorar  
de saudade a quilo as tuas canções m. cap,  
acordam tuos fustes para amar,  
na unção embroga as altas fides!

Silenciosa Coimbra da solidão,  
circundada de Chiripós e mgo!  
os teus bixos à noite aida a suspirar  
despertam Quinzeiros pelo ar!

Coimbra acham i meu jardim que a vida,  
se n'hi error, prende em minha vida  
a memória de amor, como Utopia B.

<sup>com Coimbra</sup>  
Cotidiano os suspiros à noite em minha ...  
o afeto da madrugada em apêto  
saudosa em da quem em sonho vive!  
J. B. P.                      J. B. P.

Laudosa quise d'agua em minha vida

## Coimbra

- Coimbra de albergues com paisagem ao Luar...  
desmaiam a medo as tuas canções roucas,  
acordam tuas fontes para amar,  
tua emoção embarga as altas bocas!
- 5 Silenciosa Coimbra da Saudade,  
circundada de Choupos a rezar!  
sob os beirais à noite anda a ansiedade,  
desfolham Quimeras pelo ar!
- 10 Coimbra ao Luar é meu jardim que um dia,  
sonhei errar, ficando em minha vida  
a memória de haver, como Utopia.
- Corrido uma só rua à Luz da<sup>1</sup> Lua...  
e o choro do pândego em repetida  
Saudosa [--] da água em noite nua!...<sup>2</sup>
- 915 Rio E. Rosas
- ... canções roucas,
- ... ansiedade [...]
- ... em minha vida  
... Utopia [...]
- Corrido [as suas ruas] à Luz...  
... do pândego em...  
Saudosa [queixa d'água] em noite nua

\* Soneto manuscrito, a tinta vermelha, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm.

1 Há uma mancha de tinta sobre algumas palavras desse último terceto: "Luz da", "repetida", "noite nua".

2 A segunda opção deste verso, transcrita na margem direita, está abaixo do poema, a tinta azul.

Memórias do Outono

Lilases, violetas - memórias do outono,  
e  
sua morte no poente...  
O  
cuca lúme de olmas clonidos e abadidos  
Balangindo o enseante...

Memórias do Outono - memórias  
de opala

Setoras a morrer...

et tarde é um arjo amu lyrios na  
fala

Quasi a euoloidecer!

Silencio, penumbra - é tudo memórias  
et fithas quatorubaru parecem dormir,  
et fhor's são saiclaes á lugmexueoria,  
et aumalora desta quera dino partin!

Memória do outono, a queda da ruem  
sua pelo silencio parece trigar  
et hui ut no cluido colixões para breu  
et tuo a reger!

Ensou a memória de tudo que é ludo

Beliga e illusão!

<sup>deh xristes</sup>  
~~Parturas~~ palc. vras de outono mem. no

Rigaclos em uão...

- 915

Ensou a memória de tudo que é ludo

## Memórias do Outono

- Liases, violetas – memórias do outono,  
 Que morrem ao poente...  
 Qual lume de olores dourando o abandono<sup>1</sup>  
 E ungingo<sup>2</sup> o crescente...
- 5 Memórias do Outono – murmúrios de opala  
 De tons a morrer...  
 A tarde é um anjo com lírios na fala  
 Quase a endoidecer!
- 10 Silêncio, penumbra – é tudo memória  
 As folhas que tombam parecem dormir,  
 As flor's são saudades à luz merencória,  
 À uma hora desta quem dera partir!
- 15 Memória do outono – a queda da neve  
 Que pelo silêncio parece pregar  
 Num ritmo dorido caixões para breve  
 À Lua a rezar!
- 20 Eu sou a memória de tudo que é lindo  
 Beleza e ilusão!  
 As tristes palavras de outono menino  
 Rezadas em vão...
- ... olores dourando o abandono  
 <E> | Ungindo | o...  
 ... de | opalas |  
 ... Memória do outono [,] a...  
 ... caixões para breve  
 [Futuras] palavras...

915

Ernani Rosas.

\* Poema manuscrito, a tinta preta, em duas folhas iguais de papel pautado, medindo 14,5 x 24,7 cm. Entre a terceira e a quarta estrofe está : (Rio 915 a 47). A última estrofe está no verso da folha. Há uma versão desse poema transcrita por SOARES e VARELA, op. cit. p. 131, com uma estrofe a mais.

1 As palavras "dourando o abandono" estão rasuradas, foram reformuladas a tinta azul.

2 Alteração a tinta azul: ungingo > E ungingo.

## Notte Egiptia.

Nuda se a minha voz em echo deertas vozes,  
a Panoplia se sul fulge em penhas de Estrela:  
La solidão spectral das Egipticas velozas,  
Que sobre Mim se plastram a luz morta  
se Umbrellas...

Uau simio laquir, Hema polencia egiptia  
a ponto limitou a Porta azul do Ethier:  
desse lenar se perder se, em longuinha parica,  
Crepusculo d'Alôna se dileuir Mysteris...

A Notte spectral se sombro. As minhas incertezas  
relaram se do luar se aparições de Nieta,  
Que meo aurio pingrao peregrino Princesas...

Notte egiptia se secer e a limitar fronteiros!  
Minha magra e um Jardim separeo no supeto...  
onde os Nris memoraam e se, fessias por  
Palenciras!

## Noite Egípcia.

Muda-se a minha voz em eco d'Outras vozes,  
 a Panóplia de Azul fulge em penhas de Estrelas...  
 Lassidão espectral dos Eclipses velozes,  
 que sobre Mim se alastram à<sup>1</sup> luz morta de Umbelas...

... eco | doutras | vozes,

Lassidão espectral...  
 ... sobre | mim | se ...

- 5 Um sinistro languir, Uma dorlência egípcia  
 o Sonho limitou a Porta azul do Étéreo:  
 desce Luar a perder-se em longínqua carícia,  
 Crepúsculo d'Alcova a diluir Mistério...

o | sonho | limitou a | porta | azul ...

- 10 A Noite spectra Assombro. As minhas incertezas  
 velaram-se ao luar Aparições de Medo,  
 que meu áureo singlar peregrinou Princesas...

... As minhas incertezas

Noite egípcia a descer e a limitar fronteiras.  
 Minha mágoa é um Jardim esparso no segredo...  
 onde os Íbis<sup>2</sup> memoram e as Ânias são Palmeiras!

... fronteiras [!]

915.

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm.

1 Acréscimo de crase.

2 O substantivo "íbis" pode ser masculino e feminino. No manuscrito, de legibilidade difícil, a leitura mais aproximada do artigo, que determina o substantivo, é "os" masculino.

Onde em cym nas aguas do meu sonho  
Tinge-se a azul de fombra e de misterio,  
percorrendo o cristal azul do etherio  
Cajo da noite em ~~filas~~ didalos trigonho !...

715

Onde um cisne nas águas do meu Sonho  
Tinge as asas de sombra e de mistério,  
percorrendo o cristal azul do etéreo  
lago da noite em dédalo bisonho!...

915

... às asas de...  
percorrendo o cristal azul...  
lago [na] noite em [—] dédalo...

---

\* Uma quadra manuscrita, a tinta azul, em papel pautado, medindo 16 x 22,8 cm. Abaixo há outra quadra, que não está datada. No verso da folha há um soneto sem título, datado de "917".

Romas

A duas das minhas cartas,

te envio duas de perguntas:

Qual, hoje a palavra - voce acredita,

o seu unico oido, neste mundo!

Resposta E. P. P.

## Rimas

A alma das nossas noites,  
É uma Lua de segundos:  
Mal<sup>1</sup> surge a aurora – esse açoite,  
nós somos sóis, neste mundo!

Rio 915

E. Rosas

---

\* Uma quadra manuscrita, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Na mesma folha há fragmentos de outros poemas escritos com a mesma tinta azul, com duas datas: 941 e 943, assinados por E Rosas. Há também um terceto a lápis, sem data, assinado por Antonio Luzo. Na margem superior, à direita há o número "3".

1 Suprimida a vírgula. No manuscrito "Mal, surge...".

Frangipane a sal a orde  
au amonilme de Ambr:

Tunier auste de vnder,  
Que terminasse en praxima,  
oum por. de. Sal e dlamida!

Felicia de Lucio a vnder

a. amonilme de Ambr:

oum auste de vnder,  
oum por. de. Sal e dlamida!

915-1113 E. P. M.

Transparência azul de seda  
em musselina<sup>1</sup> de Umbra:  
Túnica negra de renda,  
Que terminasse em penumbra,  
5 num pôr-de-Sol e Alameda!...

Volúpia de haver sonhado:  
e construído castelos:  
os teus cabelos de ocasos,  
são trovas aos meus anelos!...

915 Rio

E Rosas

---

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em papel pautado medindo 10,8 x 32,8 cm. Não possui título; abaixo desse poema há um "Soneto", datado de 918.

1 No manuscrito "mousilene", forma aproximada do francês: "*mousseline*".



## Trovas - do - meu - Cantar!

Como um lírio tombas morta  
 junto da fonte do vale:  
 bate a chuva à minha porta,  
 chora a morte os nossos males!

chora a morte...

- 5 Como a saudade ficaste  
 indecisa ao abandono:  
 só o luar que magoaste  
 curar-Te-há, pelo Outono!<sup>1</sup>

indecisa ao...

[em plena fase do] Outono!  
 [em plena mágoa do] Outono!

- 10 De incerto erro no Ocaso!  
 fumam místicos turíbulos:  
 É a terra toda um vaso...  
 ardem ogivas dos vestibulos!...

|| Vão || fumam...  
 ... toda um vaso...  
 ... vestibulos [...]

915 Rio

E Rosas

\* Poema manuscrito, a tinta vermelha, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm.

1 Abaixo desta estrofe há a seguinte indicação: (Rio 915 a 47). Na linha seguinte está a estrofe final do poema.

Tentosa, de haver sentida,  
e, wutendo castillo:  
o tem onkelo doirado,  
e acuma ayoti no onus amelo!  
Rio 995 E. Porto.

Ventura, de haver sonhado,  
e, construído<sup>1</sup> castelos:  
o teu cabelo dourado,  
É uma sirte aos meus anelos!...

Rio 915

E Rosas.

---

\* Uma quadra manuscrita, a tinta vermelha, em papel pautado, medindo 11 x 32,8 cm. A folha é escrita na frente e no verso, contendo mais dois sonetos: "Ventre da Vida", Rio 946, sem assinatura; "Soneto", 946 Rio, assinado por N. Luzo e uma quadra, de 945 Rio, assinada por E Rosas.

1 Correção: contruído > construído.

Terce

A sombra do lado do gongo  
passa de outro lado do espelho,  
em si a <sup>calma</sup> e o medo ~~do~~ - meu agitado  
eu, Julio orando no silêncio...

Seu rosto de cabelos é a orfina...  
perdeu com a sombra do arado,  
Seu pro em si a as palavras mudadas  
em obra de isto de um olhar em outro...

Seus dentes trancados em um pito orado  
de um orando não para, a orando de si...  
acabando de um gongo é um fuzilado  
que fuzilado orado Julio - Tejos!

Em ados de penumbra e presença  
em orando de outro orado orando orando,  
em o orado de outro orado de outro orado  
que orado a tua orando presença...

Companhia dos outros orados!  
que orado de outro orado de outro orado...  
e orado de outro orado de outro orado  
Tejos orados de outro orado...

Companhia de outro orado!  
que orado de outro orado de outro orado...  
que orado de outro orado de outro orado,  
de outro orado de outro orado de outro orado?

Tejos! que orado de outro orado <sup>(com outro)</sup> orado  
Julio orado de outro orado orado!

## "Versos"

A sombra dolorida do sossego  
passou de olhos cerrados no crepúsculo,  
em reza a mudas almas – meu segredo  
era, Lábios orando no silêncio...

... mudas [bocas]...

- 5 Seu rastro de anilado era neblina...  
perdia cor à sombra sob arcadas,  
Choupos em seda as frondes recurvadas  
em orla d'ouro se envolviam em cinza...

em orla d'ouro se | envolvia | em...

- 10 Seus dedos tateavam em vão p'los cantos  
de um mundo n'alma, anímico desejo...  
aclarando-se em gama eram jacintos  
que feneciam sob lábios – beijos!...

- 15 Em selvas de penumbras se perderam  
em cisma de outras selvas misteriosas,  
com o ar vago de Lustres e de espelhos  
que sonham a tua sombra pressurosa ...

- 20 Ó espanto das horas silenciosas!  
que morreste surpresa em meu segredo...  
e nem se deram a Ti, as desdenhosas  
Tristezas minhas de beleza e medo...

... horas silenciosas!

Ó arrepio da noite – alto bruxedo!  
que olvidaste o aroma num jardim...  
que fugiste visão entre o arvoredado,  
de fatais vestes sem tocar em mim?

... olvidaste < o > aroma...

- 25 Eu! que teu corpo busco em meus abraços  
Indolentes de éter e morfina,

... busco [como] abraços

---

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em duas folhas iguais de papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Na segunda folha, aparece o número 2 anotado, na margem superior direita.

È stato una a sombar col tuo pssio  
con l'ago nel tal di occhio e malicia...

È un gatto corpo visto a jactantio,  
de jémme e pefrino de Lual  
O' mór pulito e bulico a mórtoho,  
È tuo baje a chianche d'ist' offer?...

È un Dazio a prom- de ar m'elua,  
d'apocata d'ella se- te su Te apio- for!  
ad ce presale per d'ist' a l'onda  
Tota cumo a d'ella spaco m'el p'over!  
Rio 415 E D'over

Estagno-me a sonhar sob teus passos  
em Lago astral de estrelas e neblina...

30 Eu! que teu corpo visto de quebrantos,  
de gemas e pedrarias do Luar  
Ó meu pálido e lúbrico amaranto,  
É tão vaga a quimera deste olhar?...

35 Um desejo apossou-se da minha alma,  
buscavas dela ver-te ou Te avistar!  
ao crepúsculo por lúrida alameda.  
Toda uma estrela fosse o meu pomar!

Rio 915

E Rosas

... e pedrarias do Luar

... uma estrela fosse...

155

Y ardim dormindo sem água corrente,  
suavizando nos retiros de seus braços  
e um pulso de vitórias a luz momentânea,  
num momento afombrado em partes seguras...

Remota voz de fontes retornando  
a fontes mansas, a um leuor de luz,  
com reflexos fulvos recordando:

Hydros, platinum - thymus matig' in.

Um rumor d'água apuro. He gentido...  
cahir de fôlhas toitas sobre o solo,  
no instante, quando o outono pra o ouvido in.

A um flêbil adiejo d'água de outim:  
aigo girar e quadrado de espôlla,  
cot' estrelas: - as ridas de misfim!

9/5.

E. P. 155

## VII

Jardim dormindo som d'água corrente,  
guardando nas retinas de seus lagos  
um quebrar de vitrais à<sup>1</sup> luz morrente,  
num convento alfombrado em parques vagos...

- 5 Remota voz de fontes retornando  
a fontes mansas a um luar de lis,  
com reflexos fulvos recordando:  
Hidras, platina – hierático matiz!

... matiz [...]

- 10 Um rumor d'Alma apura-lhe o sentido...  
cair de folhas tontas sobre o solo,  
no instante, quando o outono põe o Ouvido!..

A um flébil adejo d'asas de cetim:  
ouço girar a quadriga de Apoio,  
sob estrelas: – as rodas de marfim!

ouço girar a quadriga de...

915.

E. Rosas

---

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, medindo 11 x 22,7 cm. O poema não tem título, apenas a anotação, na margem superior à esquerda da folha: "VII".

1 Correção: no original "a luz", acrescentou-se a crase.

Tristega da Lampada  
"Biffin"

Toda velha tristega de amada tua, no Quinto.  
Caiu a tua de azul o ano que isto! diz-to...  
Vá-ga por elle todo a tua a mercê! e abandona...  
E o luz que tombo a tua, troço a tua lucto a tua.

A Tristega ~~da~~ azul a tua a tua a tua!  
E mais a tua a tua a tua a tua a tua,  
Quando a tua a tua a tua a tua a tua  
Mas triste, a tua a tua a tua a tua a tua!  
8-11-9/5

## Tristeza da Lâmpada

"Velhice"

Toda velha tristeza de uma Lua, no Outono  
 Envelheceu de azul o meu quarto! decerto...  
 Vaga por ela toda uma inércia: Abandono...  
 E a luz que tomba êxul, traja um luto encoberto:

- 5 A Tristeza do Azul anoiteceu com a Lua!  
 E mais esmoreceu a luz da minha Vida,  
 Quando eu acreditei vê-la de outra Lua  
 Mais triste, se espargiu<sup>1</sup> na sombra dolorida!

A Tristeza do Azul anoiteceu...

... se apagou na...

9 - 11 - 915

---

\* Poema manuscrito, a tinta preta, em papel pautado, medindo 21,8 x 16,5 cm. Acima do título há um ponto de interrogação, o subtítulo é escrito a tinta azul. Existe uma versão do poema, transcrita por SOARES e VARELLA, op. cit., p. 95.

1 Palavra rasurada, de difícil leitura, uma vez que foi escrita sobre outra, que ficou ilegível.

## Rimas

Soube-me perfume, que fugisse um dia  
pelo teu diadema sem poder fechar...  
como se o vento, branca e fugidia...  
como morte velha pelo azul do ar!

Porque minha ansia brava-te de longe,  
meu olhar perdido, onde morte estás;  
ãms-te tranquilizar pelo fe ardimento,  
que me inspira manja, como a ti meus sis!

Si, meus olhos buscam-te, tentam-me apertar-te,  
deja morte e fêbre que que buscam-te...  
oh! que tanto desejo p'ra de teu olhar-te,  
quando a morte é morta, como os olhos meus...

Tudo, meu intento, pallida primavera...  
é de possuir-te, com teu ser traço!  
Bastante e Poeta num destino antigo...  
Ainda a tua fin por jardins o ar!  
11-11-915 E. Ros.

## Rimas

Sonho-Me perfume, que fugisse um dia  
pelos teus dedinhos sem poder fechar...  
como Te namoro, branca e fugidia...  
como noite velha pelo azul a orar!

... Te namoro, branca...

- 5 Porque minh'ânsia busca-Te de Longe,  
meu Luar dorido, onde morto estás<sup>1</sup>:  
amo-Te branquinha pela fé veemente,  
que me inspira mansa, como a ti meus ais!

- 10 Se, meus olhos buscam-Te, tentam-me afastar-Te,  
dessa noite etérea em que rezaram bocas...  
oh! que louco anseio p'ra<sup>2</sup> da Lua olhar-Te,  
Quando a hora é morta, como as almas loucas...

- 15 Todo<sup>3</sup> meu intento, pálida Quimera...  
É de possuir-Te, sem teu Ser tocar!  
Cavaleiro e Poeta num castelo antigo...  
Anda a Lua fria por jardins a errar!

Cavaleiro e...  
Anda a Lua...

11 -11 - 915

E. Rosas.

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 13,2 x 22,7 cm. Há uma versão desse poema transcrita por SOARES e VARELLA, op. cit. p. 136, intitulado "Alma Ansiosa".

1 Correção: estás > estais.

2 Correção: p'ra > p'ra.

3 Suprimi a vírgula em: "Todo, meu intento".

Sonho-me perdure, que fugisse a um dia  
Pelo teu dedinho sem poder fechar  
Como se os meus braços e fugidos  
Como n'uma noite pelo que a ver!

Porque aminha' d'algis d'ouros - Te de longe  
Meo dur' d'ouros d'ouros morto e vivo  
Como se b'ourosinha pelo q' achemente,  
Que me inspira a n'ouros, como a ti, n'ouros aia!...

Si a meu b'ouros b'ouros - Te, Te, Te, Te, Te, Te  
Sesso n'ouros e n'ouros, ~~que n'ouros n'ouros~~  
Oh! que <sup>como</sup> ~~como~~ a n'ouros, para ~~de n'ouros n'ouros~~ Te  
Quero a n'ouros e morto como os n'ouros b'ouros

Tudo a n'ouros n'ouros ~~polida a n'ouros~~  
~~de n'ouros n'ouros~~ ~~de n'ouros n'ouros~~  
E' de n'ouros n'ouros - Te, Te, Te, Te, Te, Te  
~~de n'ouros n'ouros~~ ~~de n'ouros n'ouros~~ ~~de n'ouros n'ouros~~  
Tudo a n'ouros n'ouros por jardins e a n'ouros!

11-11-915

Sonho- [me] perfume, que fugisse um dia  
 [Pelos] teus dedinhos sem poder fechar  
 [Como] Te namoro branca e fugidia  
 [Como] noite velha pelo [Azul] a orar!

... Azul a orar!

- 5 Porque minh' [Ânsia] busca-Te de [longe]  
 [Meu] Luar dorido [donde] morto estás<sup>1</sup>  
 [Amo-] Te branquinha pela fé veemente,  
 [Que] me inspira mansa, como a ti meus ais [!...]

... me inspira mansa, como a ti meus ais!...

- 10 Se meus [Olhos] buscam-Te, [Tentam-] me afastar-Te  
 [Dessa] noite etérea [,] que rezaram bocas<sup>2</sup>  
 [Oh!] que louco anseio [pra] da Lua olhar-Te<sup>3</sup>  
 Quando a hora é morta como as [Almas] loucas

... Almas loucas

- 15 Todo meu intento pálida | quimera |  
 É de possuir-Te sem [Teu ser] tocar  
 [Príncipe] e Poeta num [palácio] antigo  
 [Tal a lua] fria por jardins a errar!

... intento [é não possuir-Te]

[Tenha meu desejo [...]]

[Num palácio antigo como um homem] [...]

11 - 11 - 915

\* Poema manuscrito, a tinta preta, em papel pautado, medindo 14 x 23,2 cm. Não possui título e o texto está mutilado. É uma versão do poema da página anterior e as alterações foram, aqui, ressaltadas.

1 Correção: estais > estás.

2 "que rezam bocas" é uma substituição, a forma anterior está rasurada e ilegível.

3 Este verso está bastante rasurado. Foram feitas as seguintes substituições, sendo que as formas anteriores ficaram ilegíveis: "louco" e "da Lua olhar-Te".

Ma "Regencia"

Oh! tempo que de meu Datas Cordes;  
já muito e não sou mais criança  
meus sonhos não são mais sonhos  
p'ra' - meus sonhos, com certeza...

Oh! meus sonhos - não são mais,  
que são sonhos para mim;  
tudo que não acontece do mesmo dia,  
são sonhos de criança!  
9/6. W. R. 25.

## Da "Ausência"

Oh! tempo azul de um'Outras tardes:  
 fanando o ouro sobre violetas...  
 não tendes mais a antiga graça  
 p'r'os meus jardins, com silhuetas<sup>1</sup>...

- 5 Óh! meus anseios – jóias frias,  
 que só brilharam para mim:  
 Cirros p'las tardes dos meus dias,  
 são como beijos de carmim!

... frias [...] que só brilharam...  
Cirros p'las tardes dos meus dias,  
 são como beijos...

916.

E. Rosas.

---

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,9 x 33 cm.

1 Correção: siluetas > silhuetas.

... e a vida que eu quero...  
... e a vida que eu quero...  
... e a vida que eu quero...

### Requiem de João

Requiem de Souza e Silva  
que saiu por as portas da utopia  
Pois a minha namorada só sinto  
a minha vida já a ondulada!

Meus olhos não te julgam a tua beleza,  
nem meus lábios te julgam a tua voz.  
Quero eu saber que em tua vida  
existiu quem te amou sem jamais te esquecer.

Quando os olhos me olham  
e a voz me chama  
e a vida me abraça  
e a alma me abraça

É, meus olhos a tempo e a hora  
olham de longe a distância  
os ventos da minha vida  
Palavras de amor que me abraçam

Pela simplicidade de quem me abraça  
de minha vida e minha  
de minha vida e minha  
de minha vida e minha

Pela simplicidade de quem me abraça  
de minha vida e minha  
de minha vida e minha  
de minha vida e minha

## Reino-desejado

Peregrino do Sonho errei caminhos  
que vão ter às portas da Utopia  
Poeta e marujo naufraguei sozinho  
e a minha nau fora a melancolia!

- 5 Meus olhos não beijaram a luz da glória,  
nem meus lábios chegaram a balbuciar:  
quero encerrar-me em nós portas de vanglória  
noite, que é mar sem-fim a serenar...

- 10 Onde às almas no anseio de suas lutas  
nunca chegam a tocar para [-----]  
nesse faiscar de lúbrico ressábio  
o olhar amortecendo sonha e cala!

[Quando às] almas...

nesse fuscior...

- 15 E, como solitário a tempos-idos  
voltar de coração a percorrer,  
os antigos caminhos percorridos  
Paladino do amor irei morrer...

- 20 Pela simples razão de que na vida  
há muita coisa oculta na aparência  
de dúbia claridade amanhecida,  
num prenúncio de aurora p'la demência...

... aurora ||de| p'la...

P'la [-----] absurda do destino  
que cavalga o Centauro e o pesadelo  
da montanha da fé que o paladino

... cavalga [---] o Centauro...

---

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,8 x 33 cm. Acima do poema há dois versos, a lápis. No verso da folha há outro poema, a tinta azul. Não possuem data, sendo que o último é assinado por (Antonio Luzo) E. Rosas. Em SOARES e VARELLA, op. cit., p. 124, há uma versão do poema "Reino Desejado", todavia compõe-se, somente, das quatro primeiras estrofes.

Imprimi a pag. 28 de abate un d'altro!

Al fronte a rive di quella fronte  
dove a rive de l'era una e un'ora  
de l'extremo a rive de l'era un'ora  
per a parte a rive a rive a rive  
a rive a rive a rive a rive a rive  
9/16/18 E. Pina  
L'era

rasgara o papo desse abutre no duelo!

25 À fome à neve de goela hiante  
deixa sair da boca uma canção  
p'la extremada asa da volante  
que à porta alheia anda esmolar o pão!...

... anda [pedir]

916 Rio

E. Rosas

# Soneto

Tu alta așezu dinu loilente!  
I totu paisaj em em oculo a empeten!  
Mășta a si-mesură t'ieho a vagnu lute,  
prima a auzite <sup>de auzite</sup> otute o eiu...

Banu madrugada ... am jalo lanta  
vitaru de t'ieho eiu, a ad obija o dia,  
pris a o t'ieho t'ieho m'ieho a eiu  
a auzite totu de eiu a m'ieho a eiu

Ouamno! N'ieho a t'ieho lanta m'ieho...  
E' t'ieho t'ieho a m'ieho a m'ieho a eiu,  
t'ieho joi de eiu a m'ieho a m'ieho!

<sup>(m'ieho)</sup>  
Cada m'ieho t'ieho m'ieho a m'ieho...  
sitor em p'ieho, a t'ieho a m'ieho a eiu  
a auzite totu de eiu a m'ieho a eiu

16/10 (1911)

Capela de S. Maria

H. S. S. S.

(C. P. S. S.)

## Soneto

Vai alta a Lua lírica e silente!  
 toda paisagem em sonho se embebeu:  
 narra a si-mesma o eco e vagamente,  
 paira a auréola da Lua dentre o céu...

... a si - | mesmo | o eco...  
 ... auréola <da Lua> dentre...

- 5 Parece madrugada... um galo canta  
 uivam de tédio os cães, não chega o dia,  
 pois se o Luar turvou minha alegria  
 e a noite toda de uma mágoa santa!...

- Outono! Vão-se as horas lacrimosas...  
 10 É tão triste a vereda e a própria casa,  
 traz saudades das coisas misteriosas!

Cada vez mais o Luar neva e cintila...  
 seixos em pranto, a flux o areal se abrasa  
 e a água por ser ceguinha erra e vacila!...

... vez <mais> o ...

Rio 916 (do 2º)  
 Casal ao Luar

N. Luzo  
 (A. Rosas.)

---

\* Soneto manuscrito, a tinta vermelha, em papel pautado, medindo 11,6 x 33 cm.

Tanto è fatto i mestieri  
tutto accasce per a te a lora  
o a lora l'istria in sombu, in  
a sombu in altri accasce  
R. 216 E. R.

Tudo é fátuo é mentiroso,  
tudo se esconde ante a luz:  
os astros brilham na sombra,  
a sombra os olhos seduz!...

Rio, 916

E. Rosas.

---

\* Uma quadra manuscrita, a tinta azul, em folha de papel pautado, medindo 10,7 x 33 cm. Acima do poema há uma quadra intitulada "Amo-Te!", de 951 Rio e um "Soneto", anotado Rio, 9-11-916. No verso há uma quadra, sem data e sem assinatura. Os outros poemas desta folha são todos assinados por E. Rosas. A lápis, um soneto "Meu-maL-mE-Quer...", Rio 1922 e uma quadra, anotada Rio 941.

Ave. Maria:

Sombra osuam enoz de et'ario  
um efluvio de assuetea,  
mantis virga, amnos  
em doirado casto mio...

Soitro, campos, poudro, arno,  
angem-se desta luz soneta...  
engem-se ad raras cinnitros  
ao leiro sol, que se enlanta...

Mario é tordiseta é um altar,  
o ar-posto é praxe e amio...  
a d'aria é todo um mar  
Em r'afus et'is e g'rio

Quando a fog de someta e o que  
a n' mouti um p'lu altum.  
um pluvulio de alua:  
o ar'lio em p'lu,

Luz se desfaz em diamantis...  
em Fog - Maria - Trindade,  
lá, nos uf'is dist'ndig...  
p'lu em dig' so' d'ades...

Oh! celestais - Luz - Marias,  
ch'ytas en'g'as de Luz...  
de m'ni a m'pa ardenta,  
que <sup>of'usa</sup> ~~of'usa~~ o of'it de J. i. i.

17-4-918

FR.

## Ave-Maria

Lembra o Suave mês de Maio  
 um eflúvio de açucena,  
 manhãs nivasas, serenas  
 em dourado casto raio...

- 5 Soutos, campos, prados, eiras,  
 ungem-se desta luz santa...  
 erguem-se as ramas cimeiras  
 ao louro sol, que as encanta...

- 10 Mais à tardinha é um altar,  
 o sol-posto é grave e ameno...  
 a seara é todo um mar  
 Em espigas louras e feno

- 15 Quando a paz da sombra esquece  
 e a noite vem pela altura  
 num plenilúnio de alvura:  
 o cerúleo céu parece,

- 20 Que se desfaz em diamantes...  
 as Três - Marias - Trindade,  
 Lá, nas esferas distantes...  
 parecem dizer saudades!...

Oh! celestiais - Três - Marias,  
 cristais<sup>1</sup> em gotas de Luz...  
 lembrai a vaga ardentia  
 que ofusca o olhar de Jesus!...

que [embaçam]...

17 - 4 - 916<sup>2</sup>

E R.

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 33cm.

1 Correção: critais > cristais.

2 A data de 1916 foi deduzida, a partir do registro de outra cópia deste poema, onde está bastante legível o último algarismo. Nesta cópia está ilegível.

4 Sanctus Maria

Introdução

Levanta o meu mejo de Maio  
O meu de ~~de~~ de Assunção eplúrio  
Mantém minhas, se eu  
Eu deirado, e isto roio

Solo, campo, prado, eiro,  
Plugem-se de lá luz saula  
Erguem-se as saucas e mairas  
Ao fim do que eu canta loiro

Maio é tãdo e é um altar  
O sol-prato é grave e aueiro  
Ascân é todo um mar

~~Eu espigo deus e fides~~  
~~o pag de sombo orque~~  
Eu deirado e deirado  
Eu mite um pelo altar  
Num pteu e licio de Alrum  
O cuncto eis parer

Eu deirado e deirado,  
E os deus Maria, Trindade,  
Lá, mas as fimas distantes  
Parer deizer Saudade,

<"> Ave Maria <"><sup>1</sup>

[Ladainha]

&lt;Ladainha&gt;

- Lembra o | suave | mês de Maio  
 | Um | [dilúvio]<sup>2</sup> de | Açucenas | ||,  
 | Manhãs | nivasas, serenas  
 | Em | dourado casto raio<sup>3</sup> ||...||
- 5 Soutos, campos, prados, eiras,  
 | Ungem-se | desta luz santa ||...||  
 | Erguem-se | as ramas cimeiras  
 | Ao | [frio]<sup>4</sup> sol ||,  
 || que as encanta ||...||
- Maio à tardinha é um altar ||,  
 10 | O | sol-posto é grave e ameno ||...||  
 | A | seara é toda um mar  
 | Em | espigas louras e feno<sup>5</sup>
- Quando a paz da sombra esquece  
 | E | a noite vem pela altura  
 15 | Num | plenilúnio de | Alvura | ||:  
 | O | cerúleo céu parece ||,  
 ||
- Que se desfez em diamantes [,]  
 <E> as Três ||-|| Marias [,] Trindade<sup>6</sup>,  
 Lá, nas<sup>7</sup> esferas distantes ||...||  
 20 | Parecem | dizer | Saudade | [,]
- Um [eflúvio] de | Açucena |  
 ... luz santa  
 Ao [louro] sol...  
Em espigas...  
 Quando [tudo se escurece]  
 ... as Três Marias...

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em duas folhas de papel pautado, medindo, a primeira 11 x 32 cm e a segunda, 10,7 x 16 cm. É uma versão do poema da página anterior. Aqui foram anotadas as alterações em relação ao primeiro.

1 O título deste poema foi alterado, de "Ladainha " para "Ave Maria ", a tinta azul em tonalidade diferente daquela com que foi escrito o poema. Porém "Ladainha " está riscada a tinta preta, a mesma com a qual foi anotado, logo abaixo, o mesmo título, outra vez.

2 A palavra "eflúvio" foi acrescentada na margem direita, a tinta azul de tonalidade diferente da usada no poema.

3 A palavra "raio" está sublinhada a tinta preta.

4 A palavra "louro" está na margem direita, provavelmente para substituir a palavra "frio". A tonalidade azul da tinta é diferente da usada no poema.

5 Palavra escrita sobre outra, a tinta preta sobre azul. Varia somente a grafia: "pheno" > "feno".

6 No lugar da letra "T", de "Trindade", havia a letra "S".

7 Palavra substituída a tinta azul de tonalidade diferente da usada para escrever o poema. A primeira forma ficou ilegível.

24

O'celestias Tres Marias  
Cristian en finis de luz  
Luis.fff lagrimas frias  
Fidelidad de Jesus

17-4-910.

| Ó | celestiais ||-|| Três ||-|| Marias ||, ||  
 | Cristais | em [pingos] de | luz | ||... ||  
 [Lembraís as lágrimas frias]  
 que [toldam] o olhar de Jesus<sup>8</sup> ||!... ||

17 - 4 - 916<sup>9</sup>

...de luz

[Lembraí-vos] <as> lágrimas frias

[Toldando] o olhar...

---

8 Esta última estrofe está anotada em folha separada, tendo na margem superior esquerda o número "2". Na outra folha recebe o número "1" e ali está toda a primeira parte do poema, com exceção da última estrofe, cuja página foi recortada no local. A data está igual nas duas folhas, sendo que a segunda não é assinada.

9 Ao lado da data, na primeira folha, há uma rubrica. Provavelmente E R., o "E" é legível.

(como)  
Ves, com a arca de Noé, com a  
que recitáreis  
as orações do presente  
e do futuro...

de do velho mundo com a vida  
impossível  
sob o aspecto <sup>de</sup> ~~de~~  
de um mundo  
seu...

Vou pela vida assim,  
por um deserto  
de sensações misteriosas  
de êxtase...

correspondências, reflexões  
incertas  
meu do que um de mim  
para o universo...

Mas além, já não há mais  
do infinito...  
eis um signo do que foi presente  
to...  
A Sphingien belloz dos destinos

Soneto<sup>1</sup>

Vês,<sup>2</sup> na minh'alma langue recrudescem  
 as mágoas do presente pr'o<sup>3</sup> futuro...  
 e do oceano da vida reaparecem  
 sob o aspecto feral de um céu escuro<sup>4</sup>...

- 5 Vou pela vida assim,<sup>5</sup> por um deserto  
 de sensações misteriais<sup>6</sup> do etéreo...  
 correspondências,<sup>7</sup> reflexões do incerto  
 mundo que vai de mim para o mistério...

- 10 Mas além, junto ao mundo do infinito...  
 leio na cinza do que foi prescrito...  
 A Sfíngica beleza do destino!

Vês <,> na...

... presente [e do] futuro...

... aspecto [cruel] de um [mundo] escuro...

... assim <,> por...

correspondências <,> reflexões...

... beleza | dos destinos | <!>

\* Soneto manuscrito, a tinta verde, em duas folhas de papel sem pauta, medindo, a primeira, 11,4 x 29 cm e a segunda, 11,4 x 8 cm.

1 O título "Soneto" foi, provavelmente, colocado depois, com caneta de tinta azul. Ao lado está anotado: "( 1".

2 Acréscimo a lápis.

3 Alteração a lápis.

4 As alterações deste verso foram feitas a lápis.

5 Esta vírgula foi acrescentada a lápis.

6 O adjetivo "misterial" não existe dicionarizado.

7 Acréscimo da vírgula a lápis.



Ela diz que essa vida é<sup>8</sup> uma mentira,<sup>9</sup>  
um finito ansiar, de desatinos...  
sob o fluido mental, que nos sortira!...

... mentira <,>  
... finito [perder] <,> de...

9 - 11 - 916.<sup>10</sup>

---

8 No manuscrito "e".

9 Acréscimo da vírgula a lápis.

10 Esta última estrofe está em folha separada, na margem superior, em tinta azul pode-se ler: "Do 1º Soneto". Há uma assinatura ilegível, uma vez que o papel foi recortado no local.

## "Brevê"

Vês na minha alma quando recrudescem,  
as maguas do presente p' o futuro...  
e no oceano da vida suspiram  
sob o aspecto feio de um céu escuro!

Tou pela vida assim, por um deserto  
de sensações misteriosas de êxtase,  
espontâneas, reflexões de incerto  
mundo, que vai de mim para o misté-  
rio...

Mas, além juncto a porta do infinito  
leis na cinea do que foi prescrito  
a esfingida história do destino!

Elle dia, que com vida é um montão  
um físico aspect de beatitudes  
sob o flúido mental, que nos enterra...  
Rio, 7-11-916 E. R. 5

## &lt;"&gt; Soneto &lt;"&gt;

Vês ||,|| na minh'alma languge recrudescem <,>  
 as mágoas do presente |p'r'o| futuro...  
 e no oceano da vida reaparecem  
 sob o aspecto feral de um céu escuro [!]

- 5 Vou pela vida assim, por um deserto  
 de sensações misteriais<sup>1</sup> do etéreo [,]  
 correspondências, reflexões do incerto  
 mundo <,> que vai de mim para o mistério...

- 10 Mas <,> além ||,|| junto [â<sup>2</sup> porta] do infinito ||...||  
 leio na cinza do que foi prescrito ||...||  
 a |'sfíngica| ironia do destino!

Ela diz <,> que essa vida é uma<sup>3</sup> mentira ||,||  
 um finito ansiar ||,|| de desatinos ||...||  
 sob o fluido mental, que nos sortira!...

<Rio,> 9 - 11 - 916 ||.|| <E. Rosas>

---

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,7 x 33 cm. É o mesmo soneto da página anterior, no qual as poucas alterações estão anotadas. Na mesma folha, na frente, há mais duas quadras, de 951 e 916, respectivamente, assinadas por E. Rosas. No verso, um soneto intitulado "Meu-maL-mE-Quer...", de 1922; um terceto, de 941, a lápis e uma quadra a tinta azul, sem data e sem assinatura, os outros poemas são todos assinados por E. Rosas.

1 A palavra "misteriais" não está dicionarizada.

2 Acréscimo de crase.

3 Correção: no manuscrito "um mentira".

Fuere revolucio a sermada,  
una sefiora pbrase danta a lora,  
na asien de luma no, que a sefiora  
consentia de lora por si a mada.

A fiera e lora que pbrase a sefiora  
de mada lora a lora e lora,  
como a mada de lora, que a sefiora  
e lora, que obiga a mada de lora.

A sefiora de mada lora e lora,  
dora de lora - lora a lora, que lora e  
e lora a lora e lora e lora.

Já, no impio de lora de lora  
lora e lora lora de lora  
e lora lora por lora, que lora e lora.

9/14

z. R. 1/14

## A Idéia

Floresce como lírio na alvorada,  
 como aljôfar precioso dentre o lodo,  
 ou areias de um rio, que a azulada  
 correnteza baixou por si a modo...

- 5 E ficou o teu ser queimando à sombra  
 da minh'alma silente e dolorosa,  
 como a noite da cor, que a flor ensombra  
 e o olor, que abrasa a nuance de uma rosa...

- 10 E Te fiz da minh'alma a confidente,  
 crisol da Luz – p<sup>1</sup>olem<sup>1</sup> de flor, que ol<sup>2</sup>ora<sup>2</sup>  
 e se enlaiva de mel convalescente...

Já, no império das trevas do Tormento  
 tomas a forma pálida de aurora...  
 o teu amor por mim, meu pensamento!...

917

E. Rosas.

## A Idéia

... aljôfar precioso dentre o lodo,

... a noite da cor, que a flor ensombra  
 ... nuance de uma...

... ol<sup>2</sup>ora ||...||

do Tormento

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 26,5 cm.

1 A palavra "p<sup>1</sup>olem", assim grafada, é uma variação de "pólen". As duas formas são dicionarizadas, preferi a primeira, conforme o poeta escreveu.

2 Existe o verbo "olorizar", então a forma mais correta deveria ser "ol<sup>2</sup>oriza". Há, porém, que se respeitar a forma poética usada para compor a rima: "ol<sup>2</sup>ora".

# A Idéia

Flora-se como o lírio no alpendre,  
 como pedruzquinha de entre o lírio,  
 ou aliás <sup>o lírio</sup> de lírio, que a regular da  
 sustentação de si por si e modo...

E ficou o teu ser quimando e sembra  
 de minh'alma fombra e dolorosa  
 como a sombra do ar, em o fôrta e fôrta  
 da alô, em a fôrta dos amores de outra fôrta...

E se fôrta de minh'alma e confidenci...  
 o fôrta de fôrta - p'lem de fôrta, que fôrta,  
 a se a fôrta de minh'alma e fôrta...

Ja no império das brumas do torqueto  
<sup>condemna</sup> fôrta e fôrta pallida de a fôrta...  
 o teu o a fôrta por a fôrta a fôrta...  
 ou, a fôrta fôrta:

947.  
 Tã de intimo d'alma, do oriente...  
 de a fôrta a fôrta de a fôrta de a fôrta...  
 p'ra a fôrta de a fôrta de a fôrta...

Se um systema estelar anti a Utopia  
 de a fôrta de a fôrta de a fôrta...  
 que não p'ra a fôrta de a fôrta...  
 946

A Idéia<sup>1</sup>

Floresce como <o> lírio na alvorada,  
 como [pedra preciosa] dentre o lodo,  
 ou areias de um rio, que a azulada  
 correnteza baixou por si a modo <...>

... de <um> rio, que a azulada

- 5 E ficou o teu ser queimando à sombra  
 da minh'alma [sombria] e dolorosa  
 como a [aurora] da cor, que a flor ensombra <,>  
 [no] olor, que abrasa [as nuances] de uma rosa [!]

... aurora da cor, que a flor ensombra [...]  
no olor, que abrasa as nuances...

- 10 E Te fiz da minh'alma a confidente [!]  
 crisol da Luz – polem de flor, que olora <,>  
 e se enlaiva de mel convalescente...

... confidente [...]  
 ... flor, que olora,

Já, no império das trevas do [tormento]  
 encarna a forma pálida de aurora...  
 o teu<sup>2</sup> amor por mim meu pensamento!...

[tomas] a forma pálida ...

ou estes tercetos:<sup>3</sup>

917.

Vem do íntimo d'alma, do oriente...  
 da centelha solar de um fim de Ocaso  
 p'ra afogar-se nas sombras lentamente

de Ocaso

De um sistema estelar ante a Utopia  
 do fenômeno – efeito de algo ocaso...  
 que não passam de mera fantasia!...

... efeito de ocaso...

946

\* Soneto manuscrito, a tinta vermelha, em papel pautado, medindo 11 x 32,5 cm. Na margem superior à direita, há a anotação "(1)".

1 Este soneto é uma versão do soneto transcrito à página anterior, no qual foram apontadas todas as alterações.

2 Correção: no manuscrito "o teu a amor". Foi suprimido o "a".

3 Esta anotação é do autor. Estes dois últimos tercetos não fazem parte do soneto da página anterior. Interessante notar que o acréscimo dos dois tercetos foi feito com a mesma tonalidade de tinta e o mesmo estilo de letra, como se tivessem sido escritos num mesmo momento, embora as datas sejam tão distanciadas.

# A Idéia

O idêa <sup>signific</sup> seguiu o gênio do presente  
 o culto e tudo pelo que é ideal : o culto  
 e o a usar-se no exort de irado, original  
 como autêntica de desejo central ... pelo  
 Ideal ...

Teio da mente, oprimido e spectral,  
 em fumo conjurava-se o vido e virado ...  
 com ojuis de um anjo espiritual,  
 despojado de um sign. em vte aliado! ...

O idêa, seu espoguzelino do meu - gosto  
 de irado no passado, que lantado,  
 por mim uma delicia de irado ...

O idêa de um mundo de sonhos,  
 como um anjo em minha alma de irado ...  
 e um oculto vislumbre de Belya! ...

9/7

Ficou de o idêa no arrol de irado:  
 Belya o livro do idêa, seu assim aliado ...  
 o oculto vive de ali goado em a unida,  
 no frontal de irado de irado irado! ...

9/16

A Idéia<sup>1</sup>

Da idéia ardera o gênio do pecado  
oculto e original pelo ideal...<sup>2</sup>  
ei-lo a esvair-se no crisol dourado,  
como centelha de desejo astral...

oculto e [lindo] pelo [que é] | Ideal: |  
ei-lo a esvair-se...  
... de desejo astral...

- 5 Veio da noite, anímico e espectral,  
em fumo consumiu-se ardido e airado...  
teve anseios de um mundo<sup>3</sup> espiritual,  
desespero de uma asa em vôo alado!...

- 10 O fogo, que as paisagens do meu-gosto  
devastou no passado, vai lavrando,  
por mim uma dolência de sol-posto...

... vai lavrando,

E ressurge dum mundo de surpresas,  
como um anjo em minh'alma se esgarçando...  
num oculto vislumbre de Beleza!...

... se esgarçando...  
num oculto vislumbre...

917

Fecunda o polem<sup>4</sup> no crisol dourado:  
Ei-lo o lírio do ideal, que assim olora<sup>5</sup> ...  
e oculto esvai-se em sonho como a aurora,  
no frouxel da penumbra ao luar prateado!...

... olora [!]  
e oculto esvai-se em sonho como...

946<sup>6</sup>

\* Soneto manuscrito, a tinta vermelha, em papel pautado, medindo 11 x 32,5. Na margem superior direita da folha, há o número "2", anotado. Possui o mesmo título dos dois poemas anteriores, porém o texto é outro.

1 Há uma versão deste poema transcrita por Ana Lize Brancher, em dissertação já citada, p. 206.

2 A segunda opção deste verso está na margem direita do manuscrito.

3 No manuscrito está "mudo". Optei por alterar a palavra para "mundo", para dar sentido ao verso, considerando que tenha sido um lapso do autor.

4 A respeito da palavra "polem", ver nota 1 do poema da página 104.

5 Sobre a palavra "olora", ver nota 2 do poema da página 104.

6 Esta última estrofe aparece abaixo do soneto, com data diferente. A cor da tinta utilizada aqui é mais forte em relação ao poema acima e a letra diferente. O segundo verso da última estrofe é muito semelhante ao segundo verso da primeira estrofe do poema. Na versão transcrita por Ana Lize, esta estrofe não aparece.

A luz de velas mil, entre aquários e lagos,  
Ella ao passar acorda os perfos dolorosos...  
Ra como que um murmúrio em bocas fechadas,  
Por beijar o jardim de seus vestidos negros.

Por tenta-la os jardins, são almas intranquillas  
Que a pausada Clivilton em parques de quebrantos;  
Os Astros pela noite a transuzir de repente  
Teram de m'alma azul, os lucidas pupillas

A dolente - the  
Estagnação - the aroma e pela esfera perola  
Marchete-se a promiss, a noite mais escura,  
E' seu corpo a nublarse-se a um tom de  
luz gris-perola

Seu no subyente da terra, plasta-se sanguineo  
e melara os olhos pallidos da Infanta  
a formosura,  
como se uma offina real guardasse  
seus velhos escrines...

À luz de velas mil, entre aquários e lagos,  
Ela ao passar acorda as harpas dolorosas...  
há como que um murmúrio em bocas desejosas,  
por beijar o jardim de seus vestidos vagos.

- 5 Por tentá-la os jardins, são almas intranquílias:  
Que a saudade Olvidou em parques de quebranto;  
os Astros pela noite a transluzir de espanto  
Eram de m'alma êxul, as lúcidas pupilas!...

Eram de m'alma...

- Adolenta-lhe<sup>1</sup> o aroma e pela esfera cérula  
10 Marcheta-se a jasmins a noite mais escura,  
é seu corpo a nimbar-se<sup>2</sup> a um tom de luz gris-pérola...

[Estagna-se-lhe o] o aroma ...

Que no ambiente da treva alastra-se sangüíneo  
e aclara a ciclos pálidos da Infanta a formosura,  
como se uma Águia real<sup>3</sup> guardasse um velho escrínio

... real guardasse um escrínio...

917.

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. O poema não tem título.

1 "Adolenta-lhe" substituído "Estagna-se-lhe". Aparece destacada a tinta azul sobre preta. A palavra não existe dicionarizada, podendo se referir à dor, significando: mágoa, lástima, dor.

2 Correção: nimbrar-se > nimbar-se.

3 Correção: reyal > real.



A minha mágoa escondi-a  
muito longe desta vida:  
ia anoitecendo o dia,  
quando levei-a à partida...

5 Foi num vai<sup>1</sup>, que adormecida.  
Lá deixei minha alegria:  
ia a luz em despedida  
com a minha nostalgia!

... que [escondida].  
... alegria <:>

com a minha nostalgia <!>

10 Nunca mais voltei ao vai'...  
mas, numa Tarde chuvosa  
Lá tornei, foi este o mal...  
junto, uma moita floria...  
P'la tardé silenciosa,  
Aberto num lírio havia<sup>2</sup>

ao vai'...  
mas <,> numa Tarde chuvosa  
Lá tornei <,> foi este o || ... ||

P'la tarde silenciosa ||, ||  
[minha última utopia!]

917

E. Rosas.

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 16 x 23 cm. Não possui título. O poeta escreveu os seis últimos versos em um único bloco, mas é possível que o poema seja um soneto e os seis últimos versos, dois tercetos.

1 A palavra "vai" foi alterada, a tinta azul, em tonalidade diferente daquela com que foi escrita a forma anterior, que ficou ilegível. Todas as alterações deste poema foram feitas com essa segunda tonalidade sobre a primeira, rubricadas pelo autor.

2 A segunda opção deste verso foi escrita na margem direita da folha. Na primeira opção, a primeira palavra foi apagada e a palavra "Aberto" escrita abaixo da data. Já, o último "a", da palavra "havia", está totalmentemente apagado.

"A Sombra do meu Pai"

Não sou estéril terra fatigada,  
nem barro rochoso por cultivar!  
Nem a aparência lapidada e magra,  
de paisagem acarenta e despretor...

Não sou cédula de terra omniçosa  
sem <sup>alimento</sup> ~~alimento~~ <sup>para</sup> ~~para~~ <sup>o</sup> ~~o~~ <sup>seu</sup> ~~seu~~...  
Também não sou trabalho dependente,  
onde os anos e ventos não passam!

Sou com o misto de Pan e de Jesus,  
sou o forjador, em obras eventuais...  
retornando ao despretado, sem ~~deus~~!

Também não sou o trabalho de omniçosa  
para o anjo de Deus e eventuais...  
ele está a sintonia da gente...  
9/7 Rio Z. Pires.

"À sombra do meu Eu"

Não sou estéril terra fatigada,  
nem bravio torrão por cultivar!  
tenho a aparência lânguida e magoada,  
de paisagem nevoenta a despertar...

- 5 Não sou gélida terra amargurada  
sem um horto silente pra se orar...  
também, não sou rochosa alpendurada<sup>1</sup>,  
onde, as aves à noite vão pousar!

sem um <horto> silente...

- 10 Sou um misto de Pan e de Jesus,  
sou a saudade, em olhos montanheses...  
rebanho no crepúsculo, sem Luz!...

Tenho bem alto o olhar da minha frente!  
pouso-o na luz da Lua e muitas vezes...  
ele erra à soidão d'aquele monte!...

917 Rio

E. Rosas.

---

\* Soneto manuscrito, a tinta vermelha, em papel pautado, medindo 11 x 32,6 cm. Há mais um soneto, que começa na frente e termina no verso da folha, assinalado Rio 946 e assinado por E Rosas. Tem, também, um poema em prosa, intitulado "O Meu Subjetivo", não possui assinatura, nem data.

<sup>1</sup> A palavra "alpendurada" é uma variação de "alpendrada" ou "alpendarada".

A Tomba do meu Pai!

Leva a guarda selva de Tãstã,  
cavante a omisturidos de quicome,  
Gostoso de fãstã omã de viver  
Em a bũfã de mãf  
Lomguã em gãntã de vãisã...

O gũntãnto embromã de fãstã!

~~de fãstã e omã de quicome~~  
de fãstã e omã de quicome  
de fãstã e omã de quicome  
de um mãssã de omã de quicome

Tãnto, de omã de quicome de quicome

fãstã e omã de quicome  
de fãstã e omã de quicome  
de fãstã e omã de quicome  
de fãstã e omã de quicome

Omã de fãstã e omã de quicome  
Omã de fãstã e omã de quicome  
de fãstã e omã de quicome  
777 Pãstã de quicome  
fãstã e omã de quicome  
de fãstã e omã de quicome

A Sombra do meu Eu!<sup>1</sup>

Sou a ignorada selva da Tristeza,  
 encantada a murmúrios de queixume,  
 Outono desfolhou minha devesa  
 Eis a mágoa em que tudo se resume...

Eis a [causa do mal]

5 O quebranto embramou-a de beleza!  
 Fora a sua demência esse perfume  
 de saudosa tristeza de algo nume...  
 de um missal de simbólica pureza.

[o Luar duma insânia de um] perfume

...pureza [...]

10 Tudo nos vale a cismar e a saudade!  
 tendo à distância a mística quimera...  
 dest'alma tão despida de vaidade.

Tudo [me] vaie...

Que se há de erguer da sombra algum dia,  
 como cimo mais alto à Luz, que espera...  
 ser a glória do amor e da alegria!...

... de erguer da...como cimo mais...[fugir às trevas d' alma e da agonia]<sup>2</sup>

917 Rio

E. Rosas

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,7 x 33 cm. O poema foi escrito até o verso 11, na frente e do verso 12 em diante, no verso da folha. Acima deste poema há outro soneto intitulado "Minha Tristeza", datado de 917 Rio e assinado por E. Rosas.

1 Há outro poema com o título: "À Sombra do meu Eu", na página anterior, porém o texto é outro.

2 Este verso está anotado abaixo da data, podendo-se supor que seja uma outra opção para o verso 14.

27. *Da una alimpreda*

*Is se por a lus, e remeio.*

*Paucos o expreito elica.*

*O estro me da Torde, seu mistic*

*e a honra, seu principio reposit.*

*Como parte, ha no da mistic*

*seu a mistic que dar a mistic*

*seu, e de mistic, seu mistic*

9/7

## A uma alma perdida

la se pôr-a-luz... escurecia,<sup>1</sup>  
 Parecia o crepúsculo evocar!<sup>2</sup>  
 o corpo nu da Tarde, que morria...  
 e a hora, que ia agora repousar,<sup>3</sup>

...luz <...> ||, || escurecia [...]

...evocar [:]

...repousar [!...]

- 5 Então: parti través da névoa fria  
 fui à<sup>4</sup> morte na Dor em Ti buscar  
 junto, já, duma fonte, que corria!  
 fixei, perguntando-lhe com o olhar!

Por que choras assim uma saudade?

- 10 Respondeu-me (não choro de saudosa)  
 Choro a luz do meu ser a mocidade!...

...choro [por vaidade!]

Como o Poeta na mágoa ando embalada...  
 Como é vã toda vida! silenciosa  
 Na quimera que em mim vive exilada!...

917.

\* Soneto manuscrito, a lápis, em papel sem pauta, medindo 15 x 23 cm. Na parte superior da folha, está anotado o número "4º" e, logo abaixo, "2".

1 Alteração da pontuação, neste verso, a tinta vermelha.

2 Idem.

3 Idem.

4 Correção: acréscimo de crase.

# Allypina

Oh! amarrado luz polida e virata,  
Profecia do Bai!

esuma incarnação de uma alma abstrata,  
que o morto de um estat sempre em  
o luz inicial, que os sonhos incendia!...

Profecia da Luz,

oh! flúida e virata do vivo...

que o objeto de um exposto condiz...

Oh! Luz em dispersão!

sombra bíblica dos Mays...

essência dos jacobins

que o dia e cada flor uma antena irregular

e infiltra de irregular

essência de um ser e uma entre jacobins...

Oh! Luz, que empag e clárea,

o páramo do jacobin

- liturgias expostas...

e longas pela mão

tão tremulo e castanho,

é uma alma perdão...

que toda violação,

traz o luar e escrever

química bagagem...

o rãu do Infinito!

Memória catódica,

liturgia do Janto...

traçando o azul do embra!...

## Alegoria

Oh! sereninha luz pálida e morta,  
 Profecia do Céu!  
 escura encarnação de uma alma absorta,  
 que a morte de um luar enegreceu...  
 5 à luz irreal, que as sombras incendeia!...

Profecia da Luz,  
 oh! fluida névoa d'ouro...  
 que o sonho de um crepúsculo conduz...

Oh! Luz em dispersão!  
 10 sombra bíblica dos Magos...  
 noivado dos jardins  
 que, dás a cada flor, uma auréola invisível  
 e infiltras de indizível  
 essência de teu ser a lua entre jasmims...

... invisível ||

15 Oh! Luz, que em paz aclaras,  
 o páramo da sombra  
 - litúrgico crepúsculo...  
 e levas pela mão  
 tão trêmulo e velhinho,

20 à lua – almo perdão...  
 que tinta violácea,  
 traz o luar a escorrer  
 quimérica rosácea...  
 à nave do Infinito!

à lua - almo perdão...

25 Memória catedral,  
 litúrgica do Sonho...  
 raiando o azul de rubro!...

---

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em duas folhas iguais de papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Todo o poema está com manchas da tinta da caneta.

Oh! avaricia que de paz e de Esperanças,  
das bobas coisas avaras...

são iguais os seus bens e os seus são avaras,  
Quem é o enroscar...

Oh! calix de esmalturas...

Se tombarem para o chão e a luz fôje do  
Ar!...

Quem é o fugidia...

Oh! Luz, eufonia incantada...

em sua eufonia forte,

Li, a luz expusera

uma mura com foidade!

e fôje como o jor das sombras do Poente, n

e fôje no minh' alma a tramar a bithor!

2/7

Ernesto Rojas

Oh! sereninha luz de paz e de Esperança,  
 das horas mais serenas...  
 30 são asas os teus raios e, as penas são amenas,  
 Quimeras a murchar...  
 Oh! cálix de açucenas...  
 Se tombam para o chão e a luz foge do Ar!...

das horas mais...  
 são asas os...

Se tombam para...

Quimera fugidia...  
 35 oh! Luz, ninfa encantada...  
 em água numa fonte,  
 Se, a luz crepuscular  
 murmura com Saudade!  
 e foge como o som às Sombras do Poente...  
 40 e fica na minh'alma a tremer e a brilhar!

... som às sombras...  
 ... minh'alma a tremer e a...

917.

Ermani Rosas

Alfama...

Quando eu cheguei, ia solindo e pronta:

Briguns, galibris, lanchos e gelitos!

Beberem. Mas o bica es torrad' o bico...

isom o donosor animisica gunita;

Bondorun. Mas o conto es inquieto

iga es sol sam extrangeira bota;

como i diuio o bater da ella bota,

para em i dia iga pringidos de bota...

atos meus otros marmoris, precia

como aicma corer a gua de Tejo...

que conto a conquista, elle acunha!

Que ponto es a bacia isuotolot?

com que solidade e prout is ugo ujo,

~~mas~~ tous marmoris es. Mas!

empadela

917 (Rio)

E. P. Reis

## Alfama...

Quando eu cheguei, ia saindo o poeta:  
 Brigues, galeras, lanchas e goletas!  
 berçava-lhes a brisa as torvas silhuetas<sup>1</sup>...  
 iam a dançar Quimérica gavota;

- 5 Condorava-lhes o sonho as inquietas  
 asas ao Sol para estrangeira rota;  
 como é lindo o bater da vela<sup>2</sup>,  
 parecem à luz pousadas borboletas!...

como é lindo o bater da vela...  
 ...luz ||asas|| pousadas...

- 10 Aos meus olhos mareantes, parecia  
 como nunca correr a água do Tejo...  
 que sonho de conquista, ela acendia!

Aos meus...

Que portas de alquimia irão tocar?  
 com que saudade o poente às vezes vejo,  
 empardecer teus mármores do Mar!...

... que saudade o...  
 [aureolar] teus...

917 (Rio)

E. Rosas.

\* Soneto manuscrito, a tinta vermelha, em papel pautado, medindo 13,5 x 22,7 cm.

1 Correção: siluetas > silhuetas.

2 As palavras finais dos versos 6 e 7 são diferenciadas, pelo autor, da seguinte forma: v. 6 "róta" e v. 7 "rôta".

## Alma do Eter

« Adivogar pelo poente,  
pela sua alma a perder-me!  
Voo, Além, num corpo volute,  
sonho-me em sonho, viver-me...

Torna-me Luz, que se fuma...  
olho o ar, que adormece!  
igualo-me a flor e a bruma  
soa minha que resplandece!...

Tenho a voluptua da chama,  
A vida de mim se esbalda  
num elar veio de gamma!

Uro nas eses da Opala!  
errante Origen, juu a Sira  
vibe em magia de ustina >>

## Alma do Éter

<< A divagar pelo poente,  
pela su'alma a perder-me!  
Vôo, Além, num corpo olente,  
sonho-me em sonho, vencer-me...

5 Torno-me Luz, que perfuma...  
oloro o ar, que adormece!  
igualo-me à flor e à bruma<sup>1</sup>,  
sou névoa que resplandece!...

Tenho a volúpia da chama,  
10 A vida de mim se exala  
num claro ócio de gama!...

Vivo nas cores da Opala!  
errante Origem, que a Sina  
sobe em mágoa de neblina >>

---

\* Este é o primeiro de uma série de três sonetos. O segundo e o terceiro são marcados por números: I e II e, só no final do terceiro, aparecem a data e a assinatura. São manuscritos, a tinta preta, em duas folhas iguais de papel pautado, medindo 11 x 32,7 cm. Até o verso 8, do segundo poema, o manuscrito está registrado na primeira página, do verso 9 em diante, na segunda.

1 Correção: acréscimo de crase. No manuscrito "igualó-me a flor e a bruma".

Tristez, a lembrar os rostos,  
 Sou clade a lembrar, sa'clama!  
 como um exproto ao sol. Bosto  
 a linha cl'zta, t'is colona...

E' um areaus, um exproto,  
 abries a amotu e a aids!  
 P'os na fonte eommonida  
 da Tende um seimar mais cl'os!

Com certo amther, que am'aus,  
 ree'clat um vago edyllio... e/f  
 e que a s'onha cl'vaz'aus!

O' fujidia chimira  
 da amirha ill'jus, no exilio!  
 que uno eoncaos t'irica...

## II

Tristeza, a lembrar seu rosto,  
Saudade a lembrar su'alma!  
como um cipreste ao Sol-Posto  
à<sup>1</sup> beira d'água, tão calma...

Tristeza, a...

Saudade a lembrar su'alma [...]

- 5 És um arcano, um segredo,  
abraças a morte e a vida!  
Pões na fronte comovida  
da Tarde um cismar mais cedo!...

- 10 Com certa mulher, que amamos,  
recordas um vago idílio<sup>2</sup>...  
e que a sonhar divagamos!...

...amamos [...]

...vago idílio [,]

Ó fugidia quimera  
da minha ilusão, no exílio!  
que meu coração tivera...

... no exílio [...]

... coração tivera...

1 Correção: no manuscrito "a beira", na transcrição acrescentei crase.

2 A palavra "idílio" foi reformulada a lápis.

«Afulgir na penumbra,  
 pelo outeiro do meu gerir;  
 nuena roça que deslumbra...  
 que foi aos berços ao nascer.

Aristocráticos e frus,  
 como a haste da Tainha,  
 resvala flúvia e tyalim;  
 nuena a corde de Bellim.

Sou o arço de um arcebispo,  
 avião viflumbre de epítro...  
 joia de um viflho em delirio.

Dúbia clariga em ríthi,  
 como um dissonante exenútho...  
 queda <sup>na</sup> lúps floreci!...

9/17  
 7

Alda Tainha

## III

<< A refulgir na penumbra,  
pelo outono do meu ser;  
numa rosa, que deslumbra:  
que foi meu berço ao nascer!

5 Aristocrático e fino,  
como a haste da Tristeza!  
resvalo flébil e hialino,  
num acorde de Beleza!

...Tristeza [,]  
... hialino [;]  
num acorde de...

10 Sou o vago de um escrínio,  
áureo vislumbre de espelho...  
jóias de um brilho em declínio.

... o vago de...  
áureo vislumbre...

Dúbia clareza em rubis,  
como um diamante vermelho...  
que na ilusão floresci!... >>

que <na> ilusão...

917

Alda Trigueiros<sup>1</sup>

1 Aparece o pseudónimo feminino: "Alda Trigueiros". A letra, embora mais arredondada, tem características da grafia de Ernani Rosas.

# Alma Perdida

Tá-se pôr a Lusa ... escuruica,  
parecia o desperado civilat!  
fo'la economia da terra que malha ...  
a olia, que in c'fôrta des'c'rupt, ...

Antão, parti fôrta da guerra fôrta  
fôrta a morte era d'ra. Si fôrta ...  
juncta a si, a terra fôrta que v'ria,  
fôrta: pr'p'nta fôrta - fôrta a terra e v'ria!

Pongem, ch'bror assim a terra fôrta ...  
Respondem-me: (n'ô ob'ido de fôrta ...)  
ch'bror a terra a terra fôrta e v'ria!

Como o P'itor na mulher v'ria v'ria!  
v'ria a terra, fôrta fôrta fôrta ...  
a terra fôrta que a terra fôrta v'ria  
2/7/11

Ed. P'itor

## Alma Perdida

la-se | pôr a Luz | ... escurecia,  
 | parecia | o crepúsculo evocar!  
 [p'la harmonia da tarde] que morria...  
 [o dia, que ia agora descansar...]

- 5 Então [,] parti través da névoa fria  
 fui à morte na | dor | em Ti buscar <...>  
 junto [a si uma] fonte ||, || que corria [,]  
 fixei [:] perguntando-lhe com o olhar!

- Por que, choras assim uma saudade [...] -  
 10 Respondeu- | Me | : (não choro de saudosa...)  
 | choro | a [paz de] meu [sonho e] mocidade! || ... ||

Como o Poeta na mágoa ando embalada [!]  
 como é vã toda | Vida | ||| silenciosa <...>  
 na | Quimera | que em mim vive exilada <?>!...

... o Poeta na mágoa ando embalada!

917 <Rio>

<E. Rosas>

\* Soneto manuscrito, a tinta vermelha, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. É uma versão do soneto "A uma alma perdida", transcrito à página 108.

Amor, amável harmonia,  
por montes, fontes, sombras de tálamo;  
o expulso pallido flor,  
como um sorbo de mystica austeridade...

Tive o baptismo triste de Bellini  
e a minha alma belva <sup>ca</sup> a morte;  
uma fonte bebida minha deusa,  
Tua culpa e expulsa da algibeia!

Pensei em toda alma que antecede  
o vago e opresso desejo de expressão  
~~que pela ausência de um amor~~  
que ~~para a ausência de um amor~~  
que ~~para a ausência de um amor~~

Amor é tudo que falta luz é ego  
Ainda <sup>nunca</sup> ~~trajei~~ de esmaço esse expressão  
~~de luz, de amor, de flama, de fogo~~

4/2 P. B.  
Saia de dentro do flama d'alguma coisa!

- Anoiteci, num vale d'harmonia,  
 por moitas, fontes, sombras de tristeza;  
 o crepúsculo pálido floria,<sup>1</sup>  
 como um sonho de mística incerteza...
- 5 Tive o batismo triste da Beleza  
 e a minh'alma bebera a nostalgia;  
 uma fonte evocou<sup>2</sup> minha devesa,  
 Tão calada e escondida da alegria!...
- 10 Pensei em toda alma que entontece  
 o vago e opresso anseio da expressão  
 que por escuridão nunca amanhece!...
- Assim é tudo que p'ra luz é cego  
 d'onde nunca<sup>3</sup> se emana essa expansão  
 Da Luz do Amor às flores d'algum pego<sup>4</sup>!
- 917 E. R.
- ... vale d'harmonia <,>  
 ... de tristeza [:]  
 ...floria <,>  
 ... mística incerteza...
- e a minh'alma | bebeu | <a>nostalgia;  
 Tão calada e escondida da alegria [...]
- ... toda alma que entontece  
 o vago e opresso anseio da...  
 que [pela] escuridão...  
 que por [intuição] nunca...
- ... que p'ra luz...  
 d'onde <nunca> se emana essa expansão.  
 [de] Luz ||; || [d'amor, de] flores [nalgum] pego! ||... ||

\* Soneto manuscrito, a tinta azul em papel pautado, medindo 16 x 23 cm. No verso da folha há dois quartetos, o primeiro datado de 915 e o segundo sem data. Os dois não possuem assinatura.

1 As alterações deste poema foram feitas a tinta azul, de tonalidade diferente daquela com a qual foi escrito o poema. Os versos 7, 11 e 12 foram alterados com a mesma tinta do restante do poema.

2 A palavra "evocou" é uma substituição. A forma anterior ficou ilegível.

3 A palavra "nunca" foi reescrita sobre a primeira forma, que ficou ilegível.

4 Este verso está escrito abaixo da data. A forma que aparece transcrita na margem está riscada, no corpo do poema.

Bom-dia-mex-Amor!

Bom dia meu Amor! Tudo tristeza...

a pouco andando ao sol, quando eu passava  
p'h' uma arvore, parou-me, que elle instrua  
em seguir-me com a vista na direita...

Quanta alma dispersa em natureza?

que, por augusto andar, apascentava

na sua sympathia, que em bello se

é romagem de vida, que tardava?!...

Mas, andando saído de alma serava

que julgaia distinto de meu ser,

seis-me, que linda fronte me fallava...

Exclama: com intento me prociava?

Falla! é o instante... para eu saber,

Tua gloria espiritual das amarguras!

Rio 9/17

É Amor

Bom - dia - meu - Amor!

Bom dia meu Amor! Tudo tristeza...  
há pouco andando ao sol, quando eu passava  
p'r' uma árvore, par'ceu-me, que ela instava  
em seguir-me com a vista na devesa...

- 5 Quanta alma dispersa em natureza?  
que, por ausente andar, apascentava  
na sua simpatia, que em beleza:  
É romagem da vida, que tardava?!...

... em natureza?

... sua simpatia, que...

- 10 Mas, andando saudoso de alma escrava  
que, julgava distante de meu ser,  
cismeï, que a linda fronde me falava...

...que <a> linda...

Exclamei: com intento me procuras?  
Fala! É o bastante... para eu receber,  
Teu fluido espiritual das amarguras!...

... me procuras?

Rio 917

E. Rosas

Cavallero do Sol

A Julia de Liffins

Misterioso cavallero de armadura

que as passas sob arestas com laços

o sol poente se levanta no calos

e a Febra de teu sonho de aventura

Daqui avante, com a tal

Talalena sublimada de brama

repercuti na tarde e no verno ebre

onde se avista a bruma curvada

do teu ar quistoso ao contadon

Pela estrada que trilho, vou passando

a ris e o riso e o último sol poente

do teu ar quistoso ao contadon

ed hors ase alhoar, flui e reflui

e sinto em omni egresso o poeta dentro

no iudicio caballero, que já foi

917

Cavaleiro do Sol<sup>1</sup>

A Júlio de Vilhêna

Misterioso cavaleiro, d'armadura,  
que ao passar sob arcadas com labores:  
o sol-poente celebra-te os valores  
e a Tebas de teu sonho de aventura...

5 Tu'alma sublimada de bravura<sup>2</sup>  
repercute na tarde a mornas cores;  
onde se avulta a brônzea curvatura  
do teu ar quixotesco aos contendores...

|| Donde vens tu, com est'aima ||

... ar quixotesco aos...

10 Pela estrada, que trilho, vai sangrando  
a ouro e neve o último sol-pôr...  
através da paisagem se esfolhando...<sup>3</sup>

A hora a se alhear, flui-e-reflui...  
e sinto em mim crescer o poeta – Amor...  
no medievo cavaleiro, que já<sup>4</sup> fui!...

... Amor [!]

no medievo cavaleiro, que...

917

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel pautado, medindo 11,5 x 33 cm.

1 O título está sublinhado com traço duplo.

2 O primeiro verso desta estrofe foi suprimido. Registre-o na margem à direita, porém, no manuscrito, permanece riscado, no corpo do texto.

3 Trecho mutilado, a folha havia sido rasgada e foi colada, sendo que a parte de baixo não ficou bem conectada com a de cima. A primeira letra da primeira palavra deste verso está ilegível. Optei por transcrever a palavra "através".

4 Supressão de vírgula, no manuscrito: "já, fui".

Chorai em loquago casto,

pelos rios euharmonias:

quitares - <sup>(caudas)</sup> ~~trios~~ de pranchas  
ao fundo das madragas

A pouco chorarem e a lua

no céu aparece lenta;

ã choram que me sublima

ã amã olmas, <sup>de</sup> ~~que~~ euharmonias

ã fues de amã mãia ...

clama fonte, o ritornello

no amã se perde a banda

como humana e sgronhas

nas as de Sep. estãlo! ...

os amã silencios

am tom amãdo e hãdo

vã pelã amã acordando

mãlã silenciosa! ...

O' protãdas quitares,

euharmonias e morfem ...

comitãdas e chimã,

de nãdas de setim ...

Umã cordã, deã de prãto,

de fãdas d'ostã - cabellã ...

de princãdas euharmonias

por d'ostãdas ritornello ...

- Chorai em lóbrego canto,  
 pelas ruas enluaradas:  
 guitarras – caudais do pranto,  
 ao luar das madrugadas<sup>1</sup>
- 5 A pouco choveu e a lua  
 no céu aparece lenta,  
 a chuva, que me insinua  
 é um'alma, que se<sup>2</sup> enrelenta<sup>3</sup>  
 à face da noite nua...
- 10 dum fonte, o ritornelo  
 na noite se perde e brando  
 como bruma se esgarçando  
 nas asas do Sete-estrela<sup>4</sup>!...
- Na noite silenciosa  
 15 um som esvaído e brando  
 vai pela noite acordando  
 n'alma silenciosa!...
- Ó prateadas guitarras,  
 embutidas a marfim...  
 20 consteladas a quimera,  
 sob as capas de cetim...
- Voam cordas, são de prata,  
 de fios d'astros – cabelos...  
 de princesas embaladas  
 25 por outonais ritornelos...
- guitarras - [harpas] | de | pranto,  
 ao [perdão] das ...
- ... lenta [:]  
 |à| chuva ...  
 ... que se enrelenta
- ... som esvaído e...
- n'alma silenciosa...
- ... prateadas guitarras,
- ...são prata [...]

\* Poema manuscrito, a tinta preta, em duas folhas iguais de papel pautado, medindo 11 x 33 cm.

1 A folha está manchada pela tinta da caneta, sobre a palavra "madrugada".

2 A palavra "se" foi suprimida, depois escrita novamente.

3 Palavra não dicionarizada. Seu significado pode estar relacionado com "relento".

4 No manuscrito: "Sep-estrela". Nos dicionários de língua portuguesa aparece: "Sete-estrela" como sinónimo de Pléiades.

O' guitarras praticadas  
e as notas gã dissonantes:  
e Lira dos secundos,  
quando n'agua ha brithons!...

Quando em mus a la gaden  
de lurr, d'ajou de chura,  
arden <sup>em</sup> pões estilledos  
e notas ~~como~~ dissonantes!...

917

Ó guitarras prateadas  
vossas notas são diamantes:  
a Lua das serenadas,  
quando n'água há brilhantes!...

vossas notas....

30 Quando em ruas alagadas  
de luar, d'água da chuva,  
ardem<sup>5</sup> poças estreladas  
de notas como diamantes!...

ardem <ser> poças...  
... notas como diamantes!...

917

---

<sup>5</sup> Acréscimo: "ardem <ser> poças" que não foi preservado no corpo do poema, uma vez que não comporta o significado, nem a métrica.



Erravas pelo mundo e um dia abrindo,  
a torre da minha alma desolada  
entraste e nunca mais de lá, saindo...  
passaste a errar por ela, descuidada.

... minha alma desolada  
... nunca mais de...

- 5 Custa-me desvendar no poema lindo  
a tua triste e misteriosa entrada:  
fazia luar... lá fora, ia florindo  
da morte a lua em lânguida mirada!...

- 10 Estranhei o teu gesto, se a morada  
onde<sup>1</sup> eu, da luz do dia me furtava...  
era da dor a lúgubre pousada!...

|aonde| eu...

Esperai o sol-poente escurecer<sup>2</sup>  
para sair com a luz, que agonizava...  
ir nas sombras da noite Te esquecer...<sup>3</sup>

Esperai [sempre, o tempo transcender-te]  
Esperai [sempre, o tempo transcender-Te]  
Esperai o sol-poente [fenecer]

||e|| ir nas sombras da noite [envelhecer-Te]  
ir | na | [noite quimérica esquecer-Te]...  
<e> ir nas sombras da noite Te esquecer <|>...

917

E R. R.

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Não possui título. O papel está mutilado e a última estrofe, bastante rasurada: algumas palavras riscadas e substituídas com a própria tinta preta e outras, a tinta azul. Abaixo do poema a estrofe foi reescrita, ficando assim:

Esperai o sol-poente fenecer  
para sair com a luz, que agonizava...  
e ir nas sombras da noite Te esquecer!...

1 O autor suprimiu o "a", de "aonde", a tinta azul.

2 As alterações deste verso foram feitas, parte a tinta preta, parte a tinta azul.

3 Idem.

Fala uma fogueira:

Nós somos fragmentos de pedras incandescentes  
também fomos de pedras... somos vida,  
Lançamos o espírito de Deus e admito  
que todas estas águas sejam vida  
de amor e vida de em toda parte  
quando a Deus não é um por um os mundos  
estranhos pelas correntes lamacenta  
arrastando as águas e as bruxas negras  
nao se seja... e a vida  
d'alma.

pleno de amor e a vida de toda a vida...

Nós somos fragmentos de pedras incandescentes,  
de lajotas do templo de Jerusalém...  
Lançamos as almas do tempo, e a vida de todos  
entre o infinito da terra e a terra munda...  
onde <sup>coisa</sup> nada a natureza humana  
de almas evangélicas do Eterno...

Quando o amor e a vida de todos os lados  
para o amor e a vida de toda a vida...  
por um simples gesto de vida!  
principia a vida de todos os lados...  
que venha a vida de todos os lados!

por outros... a vida de todos os lados  
de um simples gesto de vida...  
mesmo a vida de todos os lados!

Fala a vida de todos os lados:

Temos tantos sofrimentos... a vida de todos os lados...  
Temos a vida de todos os lados...  
vida de amor, que vida de todos os lados

## Fala uma frágua:

- Nós somos fráguas de pungir inerte  
também temos desejos... somos vida: ... vida [,]  
Sonhamos c'o'a ascensão da Lua e cremos  
que toda terra e águas sejam seios  
5 de amor e piedade embora pétreos  
orando a Deus e aos céus por nós os nômades  
errantes pelos montes benfazejos  
marrando às águas e as ervinhas mansas marrando às águas...  
nosso desejo d'alma<sup>1</sup> e piedade ... desejo <d'alma> e ...
- 10 pelos<sup>2</sup> homens e águas deste mundo!... pelos ||os|| homens...
- Nós somos fráguas de pungir inerte,  
há lágrimas em torno da paisagem...  
Somos a alma do tempo, a hora e o espaço  
entre o infinito de Astros e as trevas mudas...  
15 onde ressoa a [-----] harmonia ... a [rítmica] harmonia  
das almas evangélicas dos Édens...:
- Onde vivem e amanhecem novas vidas  
para o amor e bondade deste mundo...  
por um simples destino de pureza!  
20 princípio de manhã – aurora de ouro...  
que começa a raiar e não termina!  
... amanhecem novas vidas  
por um...
- por sermos<sup>3</sup> apenas pedra para a vida  
nem sequer arvoredo, nem [----]...  
neste deserto d'alma do Universo!  
25 Fala o jorro das fontes: neste deserto d'alma...  
Somos tântalos sôfregos Anseios...  
temos ânsias, desejos insaciáveis...  
sede de amor, que nada nos consola ... sôfregos [----] Anseios...

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em duas folhas de papel pautado iguais, medindo 11 x 33 cm. Na margem superior das duas folhas está anotado, respectivamente, "3" e "4". Todo o poema está bastante rasurado e manchado com a tinta da caneta.

1 A expressão "d'alma" é uma substituição. A forma anterior foi apagada.

2 Supressão do artigo "os" em "pelos os homens".

3 A letra "p" havia sido escrita depois de "sermos". Foi apagada, deixando vestígios.

Temos pois as pedras e a terra e o ar  
e a água, como os ácidos e os gases ...  
e as outras coisas que são flores!

São todos os ácidos e os gases  
e os outros que são a terra e a água  
de um modo extremamente perfeito ...  
e a terra e o ar e a água e as coisas  
e as outras coisas que são flores.

Salvem os ácidos e os gases: Todos

Os ácidos e os gases e os outros  
e os outros que são flores!  
e os outros que são flores, e os outros ...  
e os outros que são flores e os outros ...

Os ácidos e os gases e os outros  
e os outros que são flores, e os outros ...  
e os outros que são flores e os outros ...  
e os outros que são flores e os outros ...

Os ácidos e os gases e os outros  
e os outros que são flores, e os outros ...  
e os outros que são flores e os outros ...  
e os outros que são flores e os outros ...

Os ácidos e os gases e os outros  
e os outros que são flores, e os outros ...  
e os outros que são flores e os outros ...  
e os outros que são flores e os outros ...

7/7

E. P. S.

temos seios de pedra e a terra é dura  
 30 e seca, como as áridas charnecas...  
 onde nada germina e não floresce!

Seus lábios têm a ávida volúpia  
 nos beijos com que a terra traga a água  
 de um rio estremunhado percorrendo...  
 35 toda extensão de um prado com matizes  
 de uma excentricidade exuberante.

Falam as trevas mudas: Soneto

Nós somos fráguas de pungir inerte  
 não temos corações, somos de gelo!  
 igualamo-nos a Judas, ao pesadelo...  
 40 sem brio é o nosso sangue e fogo verte...

Nossas raízes brotam dos avernos  
 do fundo de um vulcão, há muito extinto  
 vivemos do éter não<sup>4</sup> de estranho instinto  
 do poente rubro de perpétuo inferno...

... éter <não> de ...

... poente rubro de perpétuo inferno...

45 Há no Letes sonolento de queixumes  
 que banham os nossos pés de água fremente<sup>5</sup>  
 e em tédio a nossa vida<sup>6</sup> se resume...

... água <fremente>

...nossa [---] <vida>se resume ...

Cativos subir os montes procuramos  
 desvendar o porvir nunca encontramos  
 50 solução p'ros mortais indiferentes!

4 Depois da palavra "não" havia outra, que foi apagada, deixando apenas vestígios.

5 No lugar da palavra "fremente" havia outra que foi apagada.

6 A palavra "vida" é uma substituição, no lugar havia outra que foi apagada

Falamos de Paulo

Vis, quem in istis mundi...  
 et dicitur in...  
 et sic se...  
 et amor...  
 e sempre...  
 al...  
 que...  
 e...  
 A...  
 a...  
 a...  
 e...

os...  
 de...  
 e...

que...  
 e...  
 e...  
 do...

e...  
 e...  
 e...  
 e...  
 e...

17 E. ...

Falam as fráguas<sup>1</sup>

Nós somos as irmãs gêmeas das areias,<sup>2</sup>  
 as livres das montadas, as Sulamitas  
 de seios pétreos e para agudas ânsias  
 de amor e de desejo!  
 5 e gêmeas dos pinheiros isolados  
 alpestres monge de cismar sombrio;  
 que nos planaltos<sup>3</sup> preguem a humanidade  
 o Lume e a paz, o amor e a piedade!  
 A angústia da soidão, a prece aflita,  
 10 à voz do vento nossa herança antiga  
 às tragédias do ocaso em bronzes e ouro  
 e a velhice da noite...  
 os sermões do mar e as Litanias  
 do vendaval às portas dos invernos  
 15 e da nossa velhice,...  
 que uma das matas a longínquas Eras,  
 Dos séculos que ultrapassam as selvas densas  
 e as nomas cordilheiras onde<sup>4</sup> as águias  
 do gênio moram! moram!  
 20 e onde<sup>5</sup> o estatuário do escultor da natura  
 lavrara em nosso seio de amargura  
 toda agonia da passagem argiva  
 de um Deus p'los areais, Selvas, Searas,  
 de Deus e Amor p'la graça concebida  
 25 desse Pã eternal de tantas Eras!...

... gêmeas das areias.

o Lume e...

... [minha] herança...

... tragédias do ocaso em bronzes e ouro

... Eras [...]

... que ultrapassam as...

... <a> onde ...

... gênio moram!

... [cinzel] do escultor...

lavrara em...

917

E. Rosas

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Na margem superior à direita da folha, há a anotação: "2A". Todo o poema está muito manchado pela tinta da caneta.

1 No manuscrito está "Falm", optei por transcrever "Falam". A palavra "fráguas" está circulado e ao lado há uma outra palavra, um tanto quanto ilegível, que pode ser: "Penhas".

2 Rasura em "das areias". Há muitas rasuras em todo o texto por manchas de tinta, que não serão ressaltadas em nota.

3 Correção: planautos > planaltos.

4 Correção: no manuscrito "aonde".

5 Idem.

Parangias do Ideal...

Oh! meu amigo do meu coração,

Amante da minha memória...

meu verso é uma sugestão tua!

Oh! amigo - amado...

pelo olhar sentimental dos meus dias!

Oh! Louros poitões, que se enchem com

tu perfume...

Oh! as cupículas, pudoroso rubor,

Oh! Hér e Sol... Justiça do Luxo!

Oh! minha filha, e ao mesmo tempo

meu...

essa impressão em nome da memória

meu...

que é o teu ser ideal à semelhança da minha

sugestão,

quasi ditada em iluminação do Poeta

...

Oh! Bigaria, Oh! Luxo, opulente interior em  
da memória a perder-se entre objetos

exóticos...

Oh! ideal de Argenté, voluptuosa fantasia

onde tudo é distinto a perder-se em nuvens

...

Oh! fênix do Cachibó, andando e deslizando

à nossa identificação, em corpo de um fênix!

Labris pelo ar é subir e respirar

É um cygne de Opio na água do argenté...

Oh! sugestão idealista... efeito de intuições...

à forma, meu perfume de uma adivinhação

fim!

## Fantasias do Ideal...

Oh! louca musa do meu coração,  
 – Amante da minha memória...  
 meu verso é uma sugestão tua!

- Oh! sempre-amada...  
 5 pelo olor sentimental dos meus dias!  
 Oh! Loucos poetas, que se envenenam com teu perfume...  
 Oh! Luz crepuscular, pedrarias<sup>1</sup> rubentes,  
 oh! flor do Sol... Gavota do Luar!

- Oh! minha filha, e ao mesmo tempo irmã...  
 10 dessa impressão sonâmbula da memória  
 que é o teu ser ideal à sombra da minha sugestão,  
 quase diluída na iluminura do Poente...

...memória ||.!||

quase diluída na...

- Oh! Bizarria, oh! Luxo, opulento interior  
 da memória a perder-se entre objetos exóticos...  
 15 Oh! irreal de Ambiente, voluptuosa penumbra  
 onde tudo é distante a perder-se em nevoeiro...

... interior ||...||

- Oh! fumo do Cachimbo, subindo e descrevendo...  
 à nossa imaginação, um corpo de mulher!  
 lúbrico pelo irreal a subir se resvala  
 20 É um cisne de Ópio na água do ambiente...

... se resvala

Oh! sugestão idealista... efeito de interiores...  
 à hora, num perfume de uma saudade ou fim!

Oh! sugestão idealista...

... ou ||.|| fim!

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em duas folhas de papel pautado, medindo, a primeira, 11 x 33 cm e a segunda, um pequeno fragmento com 11 x 7 cm. Todo o poema está bastante manchado pela tinta da caneta.

1 Há um provável lapso do autor ao escrever "pedrarias", palavra que foi corrigida para: "pedrarias".

da passejem, seu irmãos e seu por ella

Amigos,

Amigos pela cidade de uma bella enfermaria

7/2

J. Rom.

da paisagem, que amamos e que por ela erramos,  
Levados p'la ebriez<sup>2</sup> de uma beleza enferma!...

... ela erramos.

917

E. Rosas.

---

2 O poeta utiliza-se da palavra "ebriez", o mesmo que "embriaguez" ou "ebriedade", estes dois últimos, os termos que se encontram mais comumente dicionarizados.

Mas se a natureza da natureza  
Para por a vida, a natureza  
Parasitica ou parasitica, a natureza  
a lampada da vida que  
a natureza a natureza a natureza  
a natureza a natureza a natureza

Então, para a natureza a natureza  
a natureza a natureza a natureza

Para a natureza a natureza a natureza  
a natureza a natureza a natureza

Porque a natureza a natureza a natureza  
Responde a natureza a natureza a natureza  
a natureza a natureza a natureza

Como o poeta a natureza a natureza  
a natureza a natureza a natureza

## ["Mágoa d'Ausência" Soneto]

la se pôr a luz [,] escurecia [...]¹  
 Parecia o crepúsculo evocar [,]  
 [a lâmpada do ocaso que jazia,]  
 e a hora ||.|| que ia agora repousar [...]

- 5 Então parti ||:|| |'través| da névoa fria²  
 fui [em busca da causa, que a cessava]  
 junto, [agora] da fonte que corria [,]  
 [perguntei-lhe a razão por que chorava?...]

- Por que choras assim <,> uma saudade?³  
 10 Respondeu-me <:> (não choro de Saudosa <!>)  
 |choro| a [aurora da minha] mocidade ||!||...

Como o Poeta na mágoa ando [enganada]⁴ [,]  
 como é vã toda vida ||!|| silenciosa <?>  
 na⁵ |Quimera| que em mim vive exilada!...

<Rio> 917 ||.||

[Vinha a noite a descer, escurecia.]

Então <:> parti...  
 fui a [causa na dor em Ti buscar,]  
 fui em busca [do ---- que me ----]  
 fui em busca [do Bem que em ----]  
 junto, [já de uma] fonte...  
 [fixei, perguntando-lhe com o olhar!]  
 ...assim [?] uma saudade[...]

ando [embalada],

[p'la] Quimera...vive [embalada]!...

\* Soneto manuscrito, parte a tinta azul, parte a lápis, em folha dupla de papel pautado escrita frente e verso, medindo 10,7 x 16,5 cm. Na frente está a parte inicial do poema, até o verso 5. No verso da folha, do verso 6 em diante. Este soneto é uma versão do soneto "A uma alma perdida", transcrito à página 108. Aqui as alterações foram anotadas.

1 A segunda opção deste verso, transcrita na margem direita, no manuscrito está acima do título, a lápis.

2 Esta estrofe foi reformulada no verso da folha, a lápis.

3 Alteração na pontuação, a lápis.

4 Alteração a lápis, sobre a primeira opção a tinta.

5 Idem.

## Alpinba Tsjoetsu

Não sou estivo tanta fadiga de,  
nem braco de terras por cultivar...  
tanto a aparência brida e magra  
de paisa sem abertura e de parta...

Não fide de tanta amargura de  
sem um livro de oração pra acorrer...  
tantum não sou alpinba de fadiga de,  
onde os anos à noite são prós...

Tua um mixto de lã e de Jesus,  
ora e fadiga de com o livro de oração...  
aquele de de prós de seu lã...

Tanto de em alto o livro de oração de fadiga,  
prós de em lã de oração e muito de oração...  
elle de fadiga de fadiga de aquelle de oração!

5/17 Rio

E. R. R.

## [Minha Tristeza]

Não sou estéril terra fatigada,  
nem bravo torrão por cultivar [...]  
tenho a aparência [lívida] e magoada ||, ||  
de paisagem nevoenta a despertar...

... a aparência lívida...

- 5 Não ||sou|| gélida terra amargurada  
sem um horto silente [p'ra] se orar...  
também ||, || não sou [alpestre] alpendurada,  
onde ||, || as aves à noite vão pousar [...]

- 10 Sou um misto de Pan e de Jesus,  
sou a saudade ||, || em olhos montanheses...  
[ausência do] crepúsculo ||, || sem luz!...

ausência do crepúsculo...

Tenho <bem> alto o olhar da minha fronte [,]  
pouso-o na luz [dos astros] e muitas vezes...  
|Ele| [desce] à soidão |daquele| monte!...

917 Rio E. Rosas

---

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,7 x 33 cm. É uma versão do poema da página 106. Na mesma folha há outro soneto, intitulado "A Sombra do meu Eu!", datado de 917 Rio, assinado por E. Rosas, que inicia na frente e termina no verso da folha.

Ohona Saloni dos sardin e dos flou  
anda lã na unave, a trãsa opalina!  
que a tanto a vir e lãis o poenti me pallina  
e da pombra esfilla o segredo dos cõps

Ohona Saloni, já, nas bojeignos bonn  
bailando sobre alguerr, que se apayr coma a morte,  
como os andieis mis clãum crime, que si adivã  
lãvam em toadã de lã, que <sup>vã</sup> ~~esce~~ de out i morte!

Tãquã Saloni dos leõs rãis de edãria!  
que a mim humicãisã e idealizã o artista  
pelo condã, que tem em to delãis, dãria!...

que, magis apleto apane da amãria  
do siblãis o thar, <sup>culãisã</sup> ~~ambisã~~ spilla,  
donde fulge a ambicãõ e omã amã pãstã aressilla

Morena Salomé dos sárdios e das flores  
anda ler na nuance, a tristeza opalina!  
que a tanto a ouro e lírio o poente me alucina  
e da sombra constela o segredo das cores

e da sombra constela o segredo das cores

- 5 Morena Salomé, já, nas longínquas horas  
bailando sobre alguém, que se apagou com a morte,  
como os indícios vis d'um crime, que as auroras  
lavam em toadas de luz, que vão de sul a norte!...<sup>1</sup>

Morena Salomé...

... que [vem] de sul [e] norte!...

- 10 Trigueira Salomé dos leões ruivos da Núbia!  
que a mim humanizaste e idealizaste o artista  
pelo condão, que tens em teu delírio, dúbria!...

Trigueira Salomé dos...

... mim humanizaste e... artista |...|

que, mágico reflete através da ametista  
do sibilino olhar, enfeitado<sup>2</sup> espelho,  
onde<sup>3</sup> fulge a ambição como um poente vermelho...

... [misterioso] espelho,  
[d'onde] fulge ...

917

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Não possui título.

1 As alterações deste verso foram feitas a tinta verde.

2 Substituição a tinta azul.

3 Idem.

Nunca mais olhar quebrado  
nas olheiras, cor de lúrio:  
lubi esse luar velado  
das pupilas do martyrio...

Foi numa tarde distante  
clara expulso sem fim,  
que do banda do levante  
A tarde chorou offem...

Nunca mais olhar mojado  
vi nos mythes attivas  
e houve um lúrio dobrado

Pela hora vespertina...  
Nunca mais, Ah! nunca mais...  
...Ouvici, expim, d'ho!

9/17

C. R. Rios

Nunca mais olhar quebrado  
 nas olheiras cor de lírio:  
 vivi esse Luar velado  
 das pupilas de martírio...

- 5 Foi numa Tarde distante  
 dum crepúsculo sem-fim,  
 que da banda do Levante  
 A Tarde chorava assim...

- 10 Nunca mais olhos magoados  
 vi nas místicas retinas  
 choverem lírios dobrados

Pelas horas vespertinas...  
 Nunca mais, Ah! nunca mais...  
 Ouvirei<sup>1</sup> suspiros, d'Ais!...

Nunca mais, ah!...  
 ... suspiros, d'Ais!...

917

E. R. Rosas.

---

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 16 x 23 cm. Não possui título. O mesmo soneto foi transcrito por Ana Lize Brancher, com poucas alterações.

1 Supressão de vírgula indevida: "Ouvirei, suspiros..."

Ornal aude a exprimita cum spectat floribus  
de aere sterilis pluviosae omnia recitata,  
unde as flores fuerunt in aere monti pallida...

Quando o espírito do mar port-se a <sup>de</sup> mágica do dia  
e fundil-os com a neve no alva de amarela,  
tão ser florescência avoca um perdão de Deus!

Rio 9/17

E. P. M.

O mal anda a espreitar sua espectral viuvez  
de uma estéril planície em gelo recortada,  
Onde as flores fanaram e a noite é palidez...

... noite é palidez...

5 Quando o espelho do mar pôr-se à margem dos céus  
e fundi-los com amor no alvor da madrugada,  
teu ser florescerá como um perdão de Deus!

... à margem dos céus

Rio 917

E. Rosas.

---

\* Fragmento de um poema manuscrito, a tinta azul, em um recorte de papel pautado, medindo 11 x 11 cm.

Oute no arde a esperar tua espera minha,  
de angustia plangeis em jôo ventada...  
Onde as flôres morrem e a morte é pallida!

Quando o espírito do mar por-se a navegar no seu  
a fundil-ois com auro no ar do machado,  
to se flangeira como um peccado de Deus...

117

O [outono] anda a espreitar [tua] espectral viuvez  
 de uma<sup>1</sup> estéril planície em gelo recortada [...]  
 Onde as flores [morreram]<sup>2</sup> e a noite é palidez [!]

...viuvez ||,  
 de |um| estéril...gelo recortada...

5 Quando o espelho do mar pôr-se às margens dos céus  
 e fundi-los com amor no [ardor] da madrugada,  
 teu ser florescerá como um perdão de Deus [...]

Quando <o> espelho... às margens dos...

|| Rio || 917

|| E. Rosas. ||

---

\* Fragmento de poema manuscrito, a tinta azul, em um recorte de papel pautado medindo 13 cm x 10 cm. Este fragmento é uma versão daquele transcrito à página anterior, aqui as alterações foram ressaltadas.

1 A alteração na palavra: "um" > "uma" foi feita a tinta azul, de tonalidade diferente daquela com que foi escrito o poema.

2 Correção: morrera > morreram.

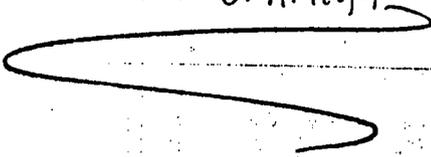
Perdi-me... Toda alma surgiu em avulsos  
Sombra de Luz em corpo de Alvo e Negro,  
a minha alma é um pasado, um engelo  
Em saídas de a legenda disse Oris...

Tactis em densa noite de Beliza,  
piso de incerto azul falso solo de anil;  
meu no Oris... luz em um de glumbrã,  
é sardina em perfume de penumbra!...  
é um solist d'Amitt dentro de espelhos...  
Toda alma do Agil avai-se em Lis,  
em um se em Ojo e sonho de harmonia...  
É alvar do dia amarelo e azul!

Que si amichy mãos cuis secham ether!  
Obs, autoest de ptoho je, anis, frais, em  
que sombra de mundo a tenet!

917

E. R. Rosa



Perdi-me... Toda uma ânsia me revela<sup>1</sup>  
Sombra de Luz em corpo de olor vago,  
A Minh'alma é um passado, que cinzela  
Em saudade a legenda desse Orago...

... me revela

5 Tateio em densa noite de Beleza,  
piso de incerto um falso solo de umbra;  
encarno Orfeu: o luar que me deslumbra,  
é um soluço d'Amor dentre asperezas<sup>2</sup> !...

Tateio em densa noite...

... Orfeu [...] ... deslumbra [...]  
é [surdina em perfume de penumbra]!...

10 Toda Alma do Azul esvai-se em Lua,  
nimba-se em Asa e sonho de harmonia...  
É alvor do dia uma rosa nua,

... de harmonia...  
...nua [!]

Que as minhas mãos cruéis sonham colher!  
Mas, ao tocar desfolha-se, mais fria,  
que a sombra de meus dedos a tremer!...

Mas <,>ao tocar | desfolham-se | , mais fria [...]  
que <a> sombra de meus dedos a...

917

E. R. Rosas

---

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 16 x 23 cm. Não possui título. Há uma versão deste poema transcrita por SOARES e VARELLA, op. cit., p. 35, da plaquete "Certa Lenda Numa Tarde" e outra, por MURICY, op. cit., p. 39.

1 A maioria das alterações do poema foram feitas a tinta vermelha e a palavra "revela" recebeu um acento agudo, no segundo "é".

2 A segunda opção deste verso é escrita a tinta vermelha, na linha imediatamente abaixo do verso 8, que foi riscado, no corpo do poema.

Pimenta:

Não sei o nosso modo,  
nosso amor e nosso amor?  
Pinda longa da compilha,  
seidosa montão de vida: n.

Não sei o que seja a  
o vida, que já vivemos?  
o seidosa parte o amor,  
como a vida, que nos amamos!

947

E. P. 10

## Rimas:

Não será a nossa vida,  
 nossa alma e nosso amor?  
 linda jornada comprida,  
 saudosa manhã de alvor?...

- 5 Não será uma saudade  
 a vida, que já vivemos?  
 a saudade passa a amar  
 com o amor, que nos amamos!...

...saudade ||,||

... que já vivemos ?

... passa a amar ||,||

917

E. Rosas

---

\* Poema manuscrito, a tinta vermelha, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Acima, na mesma folha, há outro poema, sem data.

Rimas:

Sobre os olhos de um parque  
e das brisas com seixos;  
e montes em o mesmo jardim  
das brisas de Karimé...

Tus olhos vir de ometista  
visitam com a minha tristeza;  
olhos de uma son de la  
de uma extensa natureza...

Tiveste a poder divino  
do futuro e de Sybilis;  
angustiar tens olhos.

## Rimas:

Sobre as olivas de um parque  
a lua boiava e na cisma:  
a noite era o argivo prisma  
das ruínas de Karnak!...

- 5 Teus olhos cor de ametista  
noivam com a minha tristeza:  
eivados de uma Saudade  
de uma estranha natureza...

eivados de...  
... estranha natureza...

- 10 Tivesse o poder divino  
do faquir e da Sibila:  
engastaria teus olhos

Tivesse |, | o...

... teus olhos |, |

---

\* Poema manuscrito, a tinta vermelha, em duas folhas iguais de papel pautado, medindo 11 x 32,5 cm. Na mesma folha, acima deste poema, há um "Soneto", datado de 917, sem assinatura.

no sinêja d'olmo tranquilla...

Bailadas das luas do mundo  
das sigras d'ouro, as estrelas:  
tambeun baila en outros mundis  
o mito, como alma de fada

Podije en choscor as mozas  
que en tanto em mim incantadas  
pavores de bicho de estalho  
debio, a aguar a vida ...

Bella - se as gestamento  
e alaias de pino:  
sur do conque ... paiton  
olha o meu presenya securo!

Cita e amor: e tão discreto!  
mais subtil, talvez, que a morte:  
sem movimento securo  
discreto de alma em capitulo!

Cita e amor: e ainda todo!  
e parte do meu encanto  
no seu disco subtilizo,  
a diferenca do meu quebrado!

9/7

E. P. Silva

no ômega d'alma tranqüila...

Bailado do Luar dormente  
das silvas d'oiro<sup>1</sup>, às estrelas:  
15 também bailam nestas noites  
o vento, com a alma da gente

das silvas d'oiro...

Pudesse eu chorar as mágoas  
que trago em mim incontidas  
povoar-se-ia de estrela  
20 do rio, a água dorida...

que |eu| trago...

Calou-se do sentimento  
o alaúde divino:  
sua dor cansou... pairou  
sobre o meu pressentimento!...

o alaúde divino:  
... dor cansou... pairou

25 Crer e amar: é tão discreto!  
mais sutil, talvez, que a morte:  
num movimento secreto  
dos sonhos d'alma em coorte!...

sutil, talvez, que...

30 Crer e amar: É a vida toda!  
a pedra dos meus encantos:  
no seu disco sibilino,  
a cisma do meu quebranto!...

Crer e amar: É a vida toda!

... |sibilo, |

917

E Rosas.

1 A não atualização da palavra "oiro" para "ouro" foi para manter a musicalidade da estrofe. Ver: "Bailado", "bailam", "noites".

Senhora da lua

Senhora da lua!

diligência sua,

agitação do ether,

de países celestes

de auroras e doentes,

placenta do mar...

Odeu - chionis,

de inverso e sublimar,

soneto do luar!

O' agoa donde

de um se alinda,

O' dia florda!

mullois dejejo

de eam obreum,

~~umendo do luar~~... qu'issossem nem hejo...

O' curva infinita

dos arhos no azul...

O' formas de seios,

na renda esplendente

de ~~possem do luar~~... route do luar...

O' ritos sagrados,

dos arhos ~~insignias~~, ~~possentor~~

sonambulada dos...

Tierras de estrelas

espannias, frites,

## Senhora da Lua

- Senhora da luz!  
delíquio<sup>1</sup> da neve,  
aquário do éter,  
de peixes celestes  
5 de um brilho cadente,  
p'la água do mar...
- Ó Lua – quimera,  
de incenso e neblina,  
sonata do luar!
- 10 Ó água dorida  
de névoa se alando,  
ó asa fluida!...
- nubloso<sup>2</sup> desejo  
da carne obscura,  
15 que errasse num beijo...<sup>3</sup>
- Ó curva infinita  
dos astros no azul...  
ó formas de seios,  
na renda esplendente  
20 da noite do sul...
- Ó ritos sangrentos,  
dos astros poeirentos,  
sonâmbula dor...
- Teares de estrelas  
25 espásmicos, tristes,
- aquário do éter,
- [errando ao luar...]
- da [sombra do azul] ...
- dos astros [longínquos],
- Teares de...  
|espásmico <,> triste | <,>

\* Poema manuscrito, a tinta preta, em duas folhas iguais, de papel pautado, medindo 11 x 33 cm.

1 Palavra reformulada a tinta azul.

2 A palavra "nubloso" é uma forma sincopada de nublado. Ver o adjetivo "nublado".

3 A segunda opção deste verso foi escrita na margem, a tinta azul. O verso 15 foi riscado, bem como as outras alterações do poema foram feitas com a mesma tinta azul.



que espectram<sup>4</sup> bruxedo...

Ó penhas – sfinges,  
da noite e da lua!...  
que o sono da carne

30 à noite tressua...

Memória das coisas,  
que a fonte da vida  
um ai exalou...

Ó últimos beijos  
35 da Lua nos vidros,  
que a névoa estagnou!...

Saudades, que a morte  
deixou no postigo  
num beijo com a lua...

40 Bem haja comigo!...<sup>5</sup>

917.

... sfinges <,>

... lua [...]

à noite [o ardor]...

... da vida

um ai...

... nos vidros.

Saudades <,> que...

... lua [!] ...

<Bem haja comigo!...>

[918]

4 Correção: espectra > espectram, para efeito de concordância. O próprio autor corrigiu os dois adjetivos do verso anterior, acrescentando-lhes a marca de plural, mas o verbo do verso 26 havia ficado no singular.

5 Este último verso é um acréscimo, a tinta azul. A data aparece rasurada, na mesma linha do último verso, da seguinte forma: "917. Bem haja comigo!...".

## Senhõra do Lira

Senhõra da luz,  
chicória da mar,  
agüeiro do ether's  
de peixes celestes  
de um britho cadente,  
Plu água do mar:

O! Lira - quimira  
de incenso e netlun,  
- Sonata do Lira!...

O! água do rida  
de mên se abundo,  
O! água elida!...  
nabioso desejo  
de some osteria,  
que erasse um beijo...

O' curra infivita  
dos setis no azul?  
o' dormos de civis  
na tunda exlendente  
da noite do' azul!...

O' ritmos empuntes  
- dos astros pozicuntes  
jornalistas do' azul!...

Taxes de estella,  
- expasivos e tristes  
que espetam amida...

Senhora da Lua<sup>1</sup>

- Senhora da luz [,]  
 delíquio da neve,  
 aquário do éter ||, ||  
 de peixes celestes  
 5 de um brilho cadente,  
 p'la água do mar [:]
- |Óh| <!> Lua-quimera ||, ||  
 de incenso e neblina,  
 – sonata do |Luar|!...
- 10 |Oh| <!> água dorida  
 de névoa se alando,  
 |Ó| asa fluida!...  
 |neb'loso| desejo  
 de carne obscura,  
 15 que errasse |num| beijo...
- Ó curva infinita  
 dos astros no azul  
 ó formas de seios ||, ||  
 na renda esplendente  
 20 da noite do sul <!>...
- Ó ritos sangrentos ||, ||  
 – dos astros poeirentos<sup>2</sup> ||, ||  
 sonâmbula |Dor| <!>...
- Teares de estrelas <,>  
 25 <-> espásmicos, tristes ||, ||  
 que espectram bruxedo...

-Sonata do...

de névoa se...

neb'oso desejo

...azul ||

da noite do...

Ó ritos sangrentos

- dos astros poeirentos

Teares de...

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em duas folhas de papel pautado, medindo, a primeira, 10,8 x 33 cm e a segunda, 11 x 19 cm. Todo o poema está bastante manchado pela tinta da caneta.

1 Há uma cópia deste mesmo poema, nas páginas 137 e 138. As alterações do primeiro poema foram feitas com a mesma tinta com que foi escrito o segundo e aqui já fazem parte do texto definitivo. Todas as alterações estão aqui ressaltadas.

2 A palavra "poeirentos" foi escrita no lugar de outra, apagada. Há vestígios que indicam ter sido a mesma palavra substituída no poema anterior: "longínquos".

Oit' pentas - Ifigénia  
da morte com um son,  
que e como de saue  
à unido - tuncia...

Memória das cruzas,  
que a fonte da vida  
nem ai expalou!...

O outros filhos &  
de um m uido,  
que a vida estruou!...

Pensando, sem o aviso  
de um no postigo  
nem fijo com a lina  
Um fijo com nifo!...

9/7

G. P. P.

|Óh| <!> penhas – |Sfinges| ||,||  
 da noite e da lua [,]  
 que o sono da carne  
 30 à noite tressua...

...lua [...]

Memória das coisas,  
 que a fonte da vida  
 num ai exalou <!>...

Ó últimos beijos  
 35 da lua nos vidros,  
 que a névoa estagnou!...

... beijos [!]

... a névoa estagnou!...

[Penumbras, que o acaso]  
 deixou no postigo  
 num beijo com a lua  
 40 Bem haja comigo!...

... que o acaso

917

E. Rosas.



Sinto meu ser tremer, como a água fria  
 ao Luar, num jardim – Sonho-de-Ninfas!  
 e a noite a delirar –<sup>1</sup> áurea agonia,  
 de iriada água de Luar p'las linfas...<sup>2</sup>

... a delirar <-> áurea...  
 [duma] iriada água [d'ouro-] Luar [nas] linfas...

- 5 Sonho perder-me Lírio, nessas tranças  
 aureoladas das fontes, que nasciam!...  
 e deslizam cismares e lembranças  
 que iam morrer além, como viviam...

...que nasciam!...  
 e | deslizavam | [beijos de esperanças]  
 e deslizam cismares e...  
 ... como viviam [!]

- 10 Pensei beijá-las, ser o rastro d'Elas,  
 Ser a canção saudosa que desliza...  
 Bebendo<sup>3</sup> a luz dos Olhos das Estrelas!...

...desliza [,]  
 | Beber | a luz...

Correr em vão e ter seu mesmo Fim!  
 Ser irreal espelho onde agoniza  
 esparso Olor, idílico jardim!...

Correr em vão || | e ter seu mesmo Fim! |... |

917

E. R. R.

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 16 x 23 cm. Não possui título. Há uma versão desse poema, transcrita por SOARES e VARELLA, op. cit., pp. 35/36, fazendo parte da plaquete "Certa Lenda Numa Tarde" e outra, por MURICY, op. cit., p. 39.

1 O travessão foi acrescentado, pelo autor, a tinta vermelha.

2 As alterações deste verso foram feitas a tinta vermelha.

3 Alteração na palavra: beber > bebendo, a tinta vermelha.

Soult

Crepusculo opetru! Oculo ali ven...  
Vireem como do Poente, am vau am...  
meca, caudal de vryz e p...  
fue, am signul de am...  
Mal, esti a shyar, velam, se...  
do ar, coris, fu v...  
Chorando fin...  
chorando fin...  
chorando fin...

~~Oico, aliu, am...~~  
Reprisa a...  
Rio a... a arlar...

O' Bando a...  
ren...  
Com...  
917

dispar...

## Soneto

Crepúsculo espectral! O vento aí vem...  
 Descem como do Poente uns vãos rumores,  
 rouca caudal de vozes e pavores,  
 que um sinal de ruína traz d'Além...

... e pavores,

5 Mal, está a chegar, velam-se as cores  
 do sol, como, que ouvir a ventania;  
 Mas se longe inda vem, parece o dia,  
 chorando fria cinza sobre ardores...

... a chegar, velam-se...

10 Ouço-o, além, inda mesmo vindo perto!  
 Represa a soar, no longe, rudemente...  
 Rio aéreo a rolar pelo deserto...

Ouço-<o>, além, [sua voz, se já vem] perto!

... a rolar pelo | Deserto | ...

Ó Bruxo a maldizer a minha sorte!  
 vem ler nesta paisagem (o que há de ingente...)  
 Em sonho e dispersão<sup>1</sup>, dilúvio e morte!....

Em sonho e [tentação:] ...

917

\* Soneto manuscrito, a lápis, em papel sem pauta, medindo 16 x 23 cm.

1 Alteração feita a tinta vermelha.

Soneto

O' Amphion à sombra em augis abindo  
A biva em vira nasce do levante!  
Edyllicas de floes à luz haurindo  
em sotilezas de lavor radiante!

Edyllicas à Luz, Almas Radiantes...

Contraste em telas mysticas a Tarde,  
Aurea e pallida lampada de Sirius ---  
Rosa expulsa e que, o olho não anda,  
Uze e anôtilos em colorido, o Empyrio!...

O' Tintu d'alegris que és tristega!

~~O' fave amarelada, o mistalga!~~

O' comovida euz de mistalga!...

Teo mysteis concebe-te em Belleza ...

O' nebulosa amaria do Poente,  
Magis do cor em beijo d'alehemia --- ...  
Alargi! do auro desejo o corpo argente!...

917

Desejo do cor, a Tarde

Concebe-te em mistalga: -  
aurea de magis mistalga  
no prax de fin-do-dia!...

## Soneto

- Ó Ânforas à sombra em ânsia abrindo  
A boca em ouro e nácar do Levante!  
Idílicas de flor's à Luz haurindo...<sup>1</sup>  
em sortilégios de lavor radiante<sup>2</sup> !
- 5 Contraste em telas místicas à Tarde,<sup>3</sup>  
Áurea e pálida lâmpada de Lírios...<sup>4</sup>  
Rosa crepuscular que, o olor não arde,  
Unge e [-----] em colorido, o Empíreo!...
- 10 Ó Tintas d'alegria que és Tristeza!<sup>5</sup>  
Ó comovida voz de nostalgia!...<sup>6</sup>  
Teu mistério concebe-Te em Beleza...
- Ó nebulosa música do Poente,  
Mágoa da cor em beijos d'alquimia...<sup>7</sup>  
Ungi! do meu desejo o corpo ingente!...
- 917<sup>8</sup>
- Idílicas [à Luz, flores haurindo...]  
... radiante [...]
- ...Tarde [...]  
... de Lírios <...>
- ...Tristeza [,]  
Ó [face comovida, ó] nostalgia!...

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel sem pauta, medindo 15,2 x 21,4 cm.

1 A segunda opção deste verso foi escrita na margem direita, a tinta azul.

2 Pontuação alterada a tinta azul.

3 Pontuação alterada a tinta azul. Acréscimo de crase em: "à Tarde".

4 Pontuação alterada a tinta azul.

5 Idem.

6 A segunda opção deste verso foi suprimida (riscada) no corpo do poema.

7 A pontuação (reticências) foi suprimida, depois acrescentada a tinta azul.

8 Na parte inferior da página, após a data, há a seguinte estrofe:

Desejo da cor, a Tarde

Concebida em nostalgia:

unge de mágoa minh'alma

na graça do Fim-do-Dia!...



## Soneto

Paíra uma impressão de<sup>1</sup> morte  
na claridade noturna:  
o luar é mística urna<sup>2</sup>,  
de uma memória sem rosto!...

... [da] morte

5 Como lâmpada que à<sup>3</sup> noite  
acende<sup>4</sup> pela Tristeza:  
A lua é lume, que o açoite  
ao vento, dá-lhe clareza<sup>5</sup>!...

10 É lente d'alma, que Deus:<sup>6</sup>  
espreita o mundo<sup>7</sup> dos céus...<sup>8</sup>  
que, por distância d'anos

... Deus <:>

... céus [:]

... por distância d'anos

Ficara além do infinito...<sup>9</sup>  
como um mar, entre oceanos...<sup>10</sup>  
Toda su'alma, que fito!...<sup>11</sup>

... infinito [.]

... como [o] mar, entre oceanos [.]

... su'alma <,> [e seu grito]! ...

917

de Rosas Ribeiro

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel sem pauta, medindo 11,3 x 17 cm.

1 Alteração feita a tinta vermelha.

2 A palavra "urna" foi escrita com tinta azul, sobre outra, que ficou ilegível.

3 Acréscimo de crase.

4 A letra "a", de "acende", foi reescrita a tinta vermelha.

5 A palavra "clareza" foi reformulada a tinta vermelha.

6 Acréscimo dos dois pontos a tinta vermelha.

7 As palavras "espreita o mundo" foram reformuladas a tinta azul. A primeira palavra, na primeira opção, estava : "sprita".

8 Substituição da pontuação, a tinta vermelha.

9 Idem.

10 Idem.

11 O "s" de "su'alma" foi reformulado, a vírgula, acrescentada e a parte final do verso, suprimida, a tinta vermelha. Ao lado, com a mesma tinta vermelha, aparece outra opção para o final do verso "que fito". Além disso, a palavra "seu" foi corrigida a tinta azul, a mesma com a qual foi feita uma rubrica ao lado desse verso.



## Soneto

Todo homem feliz anda iludido  
e os abismos beirando à escuridade;  
vendô em cada mentira, uma verdade,  
que se veste de luz o seu sentido...

... beirando à escuridade;  
... uma verdade,  
... o <seu> sentido...

- 5 Vai como noite, no ignorar, que a aurora  
vem de um riso de Deus e de que o dia  
é um vislumbre do olhar entre a demora;  
Dum regresso de vida à luz sombria...

Vai como noite, no...

... regresso de ||luz|| vida...

- 10 Mal sabe, que p'ra além das suas Horas  
Sonhos há, que engrinaldam as vãs auroras  
e o espírito<sup>1</sup> de Deus moldura em tela...

Sei<sup>2</sup> que são formas vagas<sup>3</sup>, inconstantes....  
Espírito, que o humor nunca revela  
e no mistério passam cogitantes!...

... que são formas vagas, inconstantes [!]  
Espírito, que... revela ||, ||  
e no mistério passam cogitantes!...

917.

\* Soneto manuscrito, a tinta vermelha, em papel pautado, medindo 11 x 32,5. Há outro poema, que inicia na parte de baixo da mesma folha e termina no seu verso, intitulado "Rimas", datado de 917 e assinado por E Rosas.

1 Correção: espito > espírito.

2 Supressão de vírgula em: "Sei, que...".

3 Percebe-se a influência de Cruz e Sousa. A expressão "formas vagas" encontra-se no poema "Antífona", de *Broquéis*.

# Tantalo de Las Quémicas

( "Soneto de Alafuz"

Foi á boca de noula que es bogado  
este tardio livro de seisnadas,  
da visão porem - as formas reveladas,  
como consolo para os meus peccados...

Em o meu certimento comarido t'ellu acerta de expor me nadas  
incorporando-se em minha harmonia como a t'ellu a t'ellu de minha vida,  
e elevando-se ás alturas de alguma reconcepção de espiritual belliza  
para ensinar p'la cor de algo sentada...

Rio Boca de Novela 9/11

Occiso exalto em forma de minha  
deusa afastada inflexão silenciosa  
que se olvidaria de praizagem...  
Longo H

## Tântalo de Las Quimeras ("Soneto de Abertura")

Foi à boca da noite que esboçando  
 esse tardio livro de cismares,  
 da visão foram-se as formas revelando,  
 como consolo para os meus pesares...

... para os meus...

5 Era o meu sentimento comovido  
 encamando-se em mística harmonia  
 e elevava-se às ânsias da alegria  
 para esmaiar p'la cor de algo sentido...

encamando-se em...

10 O ocaso envolto em bruma era miragem  
 dessa afastada infância silenciosa  
 que se olvidava ao longo da paisagem...

...ao <longo> da...

E ele ascende de enferma natureza  
 como o sutil aroma de uma reza,  
 na concepção de espiritual beleza!...

Rio Boca-da-Noite 917

---

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em folha de papel pautado medindo 19,8 x 16,4 cm. As palavras estão manchadas pela tinta da caneta. Há uma plaquete com o título deste soneto, transcrita por Ana Lice Brancher. Este poema não faz parte da plaquete.

## Teu Destino

Ante o poeta velou-se a sua face,  
o seu rosto cubriu amidaeeu:  
um raio de iligãd'po' mais, que p'p'le...  
não illumina o c'eu, que sempre eu!...

Veia' seu ódio conu'tido em chãmm'o,  
o seu amor em larm' de um m'leãd'...  
as l'ng'ras que em si, tristi, de uma  
c'eu' ondas l'm'tais, que sempre eu!...

Seu front' ter' r'igos profundos,  
Seu cubio terã' n'angeas i'one'ndas...  
e o n'ando orleu'or' (as que s'ão d'ant'is!)

Elle, a p'ac'eri' d'ant'as em tr'ist'is...  
numa est'ella taluz, entã' as dist'ant'is...  
para assistir a morte de seus p'it'is...  
917.

E. Rojas.

## Teu Desdém

Ante o poeta velou-se a sua face,  
o seu verbo sublime emudeceu:  
um raio de ilusão por mais que<sup>1</sup> passe...  
não ilumina o céu, que escureceu!...

...a | tua | face,  
o | teu | verbo...  
... mais ||, || que...

- 5 Verá seu ódio convertido em chamas,  
o seu amor em lavas de um vulcão...  
as lágrimas que em si, triste, derrama  
serão ondas brutais, que erguerão!...

Verá | teu | ódio...  
o | teu | amor...

- 10 Sua fronte terá rugas profundas,  
Seus lábios terão náuseas iracundas...  
e o mundo volverá (ao que era d'antes!...)

| Tua | fronte terá rugas profundas,  
| teus | lábios...  
... mundo volverá (ao...

Ele<sup>2</sup> aparecerá banhado em brilhos...  
numa estrela talvez, entre as distantes...  
para assistir a morte de seus filhos!...

917.<sup>3</sup>

E. Rosas.

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em folha de papel pautado, medindo 11 x 33 cm.

1 Correção: no manuscrito "por mais, que", na transcrição, supressão da vírgula indevida.

2 Supressão da vírgula em: "Ele, aparecerá..."

3 A data pode ser 919, pois os algarismos "9" e "7", na grafia de Ernani Rosas, às vezes, podem ser confundidos.

## Tersos

Por uma tarde mística e arrebolada  
de augúrios contínuos das fadas,  
os céus se abrem como nos magnânimos  
veste elegia anímica do mundo!

É a terra erguendo os braços de sobras ardens  
como lagymos d'alma e de perdão,  
o sol futura fogo imitil e ard,  
<sup>anuncia</sup> co'aba o, mite de Deus!...

É o Deus brado de espas do alto de um monte,  
dentro a paisagem arde no mais grave e oético,  
o um pintoal curvado lido a frotu  
a apatidão de Deus por amittido...

É Deus atolando a alma de terra,  
perdida em este abstratido,  
que pela morte até de morte um certo  
de relatar um lugubre perdido!  
Pro 9/7 F. R. S.

## "Versos"

Por uma tarde mística e aureolada  
de sugestivo cântico das fontes,  
os choupos reزارão com voz magoada  
verde elegia anímica dos montes!

verde elegia...

- 5 E a terra erguendo as mãos de sarças aos céus  
como lágrimas d'alma e de perdão,  
o sol deitará fogo inútil e vão  
e o mundo será só, noite de Deus!...

... terra erguendo as...

...e vão ||,||  
e o <mundo> será...

- 10 E o Luar há de se erguer do alto de um monte,  
dando à<sup>1</sup> paisagem um ar mais grave e sério  
e um pinhal curvará lívido a fronte  
à<sup>2</sup> aparição da Luz do mistério...

...e sério ||,||

- E Deus absolvendo a alma da terra,  
perdoará seu ser arrependido...  
15 que pela noite irá de monte em serra  
desabafar seu lúgubre gemido!...

... seu ser arrependido [,]

Rio 917

E Rosas.

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,8 x 33 cm.

1 Acréscimo de crase.

2 Idem.

Harria à beira de um lago  
um palácio de cristal:  
onde toda a noite a lua...  
divaga à noite, lírio...

A  
Aventura  
dos  
Rojos.

Aboravaui duas princesas,  
duas noas em botões!  
duas estellas, no espaço...  
deixando de augefícios:

Erão tam lindas, tam bonitas,  
744 parvulas de um lirio,  
a omeidade estalava  
de um fronte de martirios!...

Nadi vam por outro o lago  
tambem de jesus mas...  
~~almas~~ Almas jovens de fornicijos,  
de palácios ridicos!...

Cartão em como lédice  
Um espirito em jesus  
contra me como lédice!  
jesus, mas fornicijos, mas a me  
de mptal. or. sem jesus em vinde!...

Uma tarde, em linda hora,  
a estrada do Poente estivo:  
um carro d'ouro esportivo  
a mais usen, que se via...

A Aventura das Rosas<sup>1</sup>

- Havia à beira de um lago  
um palácio de cristal:  
onde toda noite a lua...  
divaga triste, lillial<sup>2</sup> ...
- 5 Moravam duas princesas,  
duas rosas em botão!  
duas estrelas, no espaço...  
dois sorrisos da amplidão:
- Eram tão lindas, tão brancas,  
10 que<sup>3</sup> pareciam de um lírio,  
a suavidade exalava  
de um poente de martírio!...
- Nadavam por sobre o lago  
também dois cisnes irreais!
- 15 Almas gêmeas de princesas,  
de paladinos ideais!...
- Um espirituoso gnomo<sup>4</sup>  
contou-me como ledice!  
que, essas princesas, havia  
20 de raptá-las sem que eu visse!....
- Uma tarde, em linda hora,  
à entrada do Poente estava:  
um carro d'ouro esperando  
a mais moça, que sonhava...
- divaga triste, lillial...*
- <que> pareciam...*
- Nadavam por sobre...*
- ||irmãs|| Almas...  
de paladinos ideais!...*
- ||Contou-me como ledice||*
- ... princesas, havia ||...||*

\* Poema de doze quadras, manuscrito, a tinta azul. Está disposto em duas folhas, seis quadras em cada. A disposição e o aspecto do material são iguais: papel pautado, medindo 11 x 32,5 cm. Na margem superior à direita estão anotados os números "1" e "2", respectivamente.

1 O título do poema está na margem esquerda, escrito a tinta vermelha. A palavra "Aventura", tem a letra "V" maiúscula.

2 O poeta prefere a forma "lillial", neologismo fundado na etimologia da palavra a que se refere: "lírio" do latim *lilium*. Existe, dicionarizado, o adjetivo "lirial".

3 Acréscimo a tinta preta.

4 O verso suprimido era o primeiro desta quadra e aparece no texto riscado. Depois passa a ser o segundo da quadra.

~~o Lenda de um Conto... 91~~

que nasce do sul, do oriente,  
linde príncipe monarca,  
vambal-a fora leu-a,  
a algum tempo serri-ciu!...

a mais velha suspirava  
em seu ninho de ramos,  
qua o acentuati perfumina  
lá, das tardes silenciosas...

E veio, esse realioso  
jardim, fuma alguns se deu...  
vestido deiro e se trer,  
com uma espada de Lene...

Levou-me as duas príncipes,  
Pois de um lindo jardim!  
que descehce em a Bellisa...  
d'algo príncipe, fasmim!...

E nunca, mais soube d'Ellas...  
as voltas, as antigos liço:  
os cyprus, já, rmo riricam  
seu montes rmo tnham estubler!...

Se soube, depois, mais tarde...  
que os ramos também suspiram:  
aque as <sup>cyprus</sup> <sup>Castela</sup> <sup>hallu</sup> <sup>trm</sup> <sup>seu</sup> <sup>seu</sup> <sup>seu</sup>...  
para sempre em um de cium!...

918

E. Rossi.

25 que viesse do sol, do Oriente!  
lindo príncipe moreno,  
roubá-la para levá-la,  
a algum templo sarraceno!...

... Oriente [.]  
... moreno [!...]

A mais velha suspirava  
30 em seu mirante de rosas,  
que o ambiente perfumava  
lá, das tardes silenciosas...

E veio, esse malicioso  
gnomo, que as almas seduz...  
35 vestido dourado e cetim,  
com uma espada de Luz...

Levou-me as duas princesas,  
Rosas de um lindo jardim!  
que desconhecem a Beleza...  
40 d'algo príncipe, jasmim!...

E nunca, mais soube d'Elas...  
ao voltar, ao antigo lago:  
os cisnes, já, não viviam  
e as noites não tinham estrelas!...

45 E soube, depois, mais tarde...  
que as rosas também morreram:  
e que as cítaras, que assim falavam...<sup>5</sup>  
para sempre emudeceram!...<sup>6</sup>

E soube, depois...

e que as [harpas], que [tocavam]...  
para sempre emudeceram!...

918.

E. Rosas.

<sup>5</sup> As alterações deste verso foram feitas a tinta vermelha.

<sup>6</sup> Na margem superior da segunda folha, havia sido escrito, em vermelho, um suposto título, que foi suprimido (riscado): "A Lenda de um Cantar..."



## "A filha de Herodias"

Ó Bailarina, ó mariposa inquieta!  
 aljofrada da gama do sol-pôr:  
 És nume, Salomé, ágil goleta,  
 Nenúfar a singrar do lago à<sup>1</sup> flor!

... soi-pôr [...]

- 5 Espectro errante de um cometa absorto,  
 após a bacanal saturniana!  
 onde os nardos têm ócio de mar-morto  
 e ergue-se a Lua irial, sibariana<sup>2</sup>!...

- 10 Chovem do céu os raios de uma aurora  
 sobre o seu corpo de âmbar e colmado,  
 da via-Láctea que a sua alma enflora!

... alma [oiora!...]

Numa auréola de Luz e alegoria...  
 esvaindo-se em brilho estremunhado  
 para a glória do mal que Te irradia!...

esvaindo-se ||em ópio|| em...  
 ... que <Te> irradia!...

Rio 918 E Rosas

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em folha de papel pautado, medindo 10,7 x 33 cm. Há duas cópias desse poema, sendo que a outra é intitulada "A filha de Herodias" e apresenta algumas alterações. Como o segundo poema é datado de 934, não será transcrito, uma vez que minha coleta é em ordem cronológica. Trago-o, então, no anexo 2.

1 Acréscimo de crase.

2 A palavra "sibariana" não é dicionarizada. Deve se referir ao adjetivo "sibarita".



Adeus! óh fonte magoada,  
Fonte, que choras, sem termo:  
Quero ouvir-Te à madrugada,  
Voz de saudosa do Ermo!...

... fonte [cantante],  
Fonte ||, || que choras ||, ||...  
[Alma de uma alma imigrante,]  
...de [--- ou] do | ermo | [...]

918

E. Rosas.

---

\* Uma quadra manuscrita a lápis. Foi reformulada e, depois, reescrita a tinta vermelha, em papel sem pauta, medindo 12,5 x 22 cm. Transcrevi o texto reescrito, mostrando as alterações em relação ao texto a lápis, na margem à esquerda.



- Ai, vem chegando o inverno p'ro<sup>1</sup> meu gosto...  
tempo das horas que divago em mim,  
ao vê-lo, tenho a sensação do oposto  
sofrimento, que vai no teu<sup>2</sup> jardim...
- 5 O outono traz-nos<sup>3</sup> sempre, algum desgosto,  
rosas subindo pelo varandim...  
Horas do anuviar pelo Sol-posto...  
assoma à lua,<sup>4</sup> o cheiro do jasmim!...
- Ai vem chegando o inverno sugestivo!  
10 a quadra em que o Amor convalescendo,  
vem vestido de gelo ao sol esquivo...<sup>5</sup>
- Dias vazios de ventura e olvido,<sup>6</sup>  
Mal alvorecem, vão-se anoitecendo...<sup>7</sup>  
Na apoteose vaga do sentido...<sup>8</sup>
- ... inverno |p'ra| meu...  
... no teu jardim...  
O outono [nos traz] sempre...  
... anuviar pelo Sol...  
||e à noite, a lua, e, cheiros de || jasmim!...  
...lua <,> o cheiro...  
a quadra em...  
[em murmúrios e queixas ao meu Ouvido!...]  
[vem de cabelo branco ao sol esquivo...]  
Dias [sonoros] de ventura e olvido <,>  
... vão <-se> [entristecendo]...  
[e os sinto muito além do meu sentido!...]  
[e os sinto para além do meu sentido!...]  
Na apoteose [de igual] sentido...

1918

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel pautado, medindo 12 x 32,5 cm. Não possui título e foi reformulado a tinta azul.

1 Alteração feita a tinta azul.

2 A palavra "teu" foi reformulada a tinta azul.

3 Alteração com base numa anotação numérica, a tinta azul, sobre as palavras "nos" e "traz", 2 e 1, respectivamente.

4 Acréscimo de crase e vírgula a tinta azul em: "à lua,".

5 O verso 11 foi suprimido (riscado), a tinta azul, a mesma com a qual foram escritos dois outros, na margem inferior da folha, possíveis opções para o mesmo verso. Mantive o verso riscado, no corpo do poema, uma vez que a opção do autor não está clara.

6 As alterações deste verso foram feitas a tinta azul.

7 Acréscimo do "-se" a tinta azul. Na margem direita está a palavra "entristecendo", que provavelmente substituiria "anoitecendo", porém essa opção não está clara.

8 O último verso foi bastante rasurado ora a tinta preta, ora a azul.

# Angelus

Unge-me a vossa oração  
a graça da vossa mão  
todo meu tom e voz  
que é para mim a fogueira

de impropriedade e mistério  
para a fé e a certeza  
do vosso sermão e throno  
que é a minha existência...

Unge-me a oração da tarde  
num infinito desejo  
de quem se ergue e medita  
além da vida... num tempo

Flora mistica da vida  
- unção de graça e luz  
de um outro feto... Tristezas  
e uma luz agridoce...

Tela e oles coloridas  
de orvidas e felleira  
placenta de luz divina  
na alma de natureza...

Como um bálsamo celeste  
que nos cura e consola  
e um fronto d'uma existência  
põe uma luz, que unifica...

## Ângelus

Ungi-me a vossa oração  
a graça da vossa mágoa  
todo meu bom coração  
que é para nós uma frágua

- 5 de imperfeição e mistério  
para a fé e contrição  
do nosso sorriso etéreo  
que é a minha extrema-unção<sup>1</sup> ...

... do nosso sorriso...  
...a minha extrema-unção...

- 10 Ungiu-me a oração da tarde  
num infinito desejo  
de quem se ergue e medita  
aureolada... num beijo

Ungiu <-me> a...

aureolada [de ensejo]...

- 15 Hora mística da reza  
– unção de graça e louvor  
de um olhar fito a Tristeza  
e uma luz unvida à cor!...

- 20 Tela a óleo colorida  
de suavidade e beleza  
pia unção da luz diluída  
na alma da Natureza...

pia unção da...

Como um bálsamo celeste  
que nos suaviza e consola  
e na frente d'alma agreste  
põe uma luz, que aureola...

que nos suaviza...  
... d'aima agreste

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em duas folhas iguais de papel pautado, medindo 10,8 x 32,8 cm. Na primeira folha, na margem superior, à direita, está anotado 1º e, na segunda, na margem superior, à esquerda, 2º.

1 Correção: extremunção > extrema-unção.

Alcyon, que i' l'entiga  
 Luz, que nasceu da penumbra  
 que em outra conexão nasceu  
 que em meu pensamento ligou...

Tingem pallida, que o dia  
 abri na festa do sol-protó  
 e tempo myna a alegria  
 n'Al-Maria do foto!...

Até quinta! que o dia  
 abri na festa de Luz!...  
 f. tingem como efedua  
 a distancia, que Taurina!...

Am. Maria do S'is  
 de meus portos a Tordina  
 como uma estella vizinha  
 na s'irma do offu. S'is!...  
 918. F. R. P.

25 Alegria, que é tristeza  
Luz, que nasceu da penumbra  
que em meu coração ressumbra  
que em meu pensamento reza...

Virgem pálida, que o dia  
30 abre na hóstia do sol-posto  
e tem por mágoa a alegria  
n' Ave-Maria do gosto!...

n' Ave-Maria...

Ave quimera! que o dia  
abre na hóstia da Lua...  
35 trazendo como Agonia  
a distância, que tressua!...

||e|| |trazes| como...

Ave-Maria dos céus  
de mãos postas à Tardinha  
como uma estrela sozinha  
40 na ogiva dos olhos Teus!...

na ogiva dos olhos [mêus]!...

918.

E Rosas.

Paiada melhor alente  
do jilão sem o estallo ...  
trinken bilum gustos amidos,  
o gordo, mais alente da gente ..  
7/8 E. Pass.

Bailado do Luar alvente  
das silvas com as estrelas...  
também bailam nestas noites,  
o vento, com a alma da gente!...

... com <a> alma...

918

E Rosas

---

\* Uma quadra manuscrita, a tinta vermelha, em papel pautado medindo 10,8 x 32,5 cm. Abaixo há um "Soneto", datado de 918 Rio, assinado por E Rosas.

# Asigleira do No' de

Ho' o meito, que se espêta em non ce minto estrito,  
i' ombra do'ra azul, que li' por mim jeia...  
e como se ostruim me o'it, o'icando o'feto  
i' tuas susce'ões, que visitor. Se am dia...

Morás na' nam casita i' margem de o'fina,  
ort a luncão de um e'cu de omellas de apito...  
floris um' mo'ital o' bura do'ra do'ito,  
que no' florit de luz pelo jardim de erguia...

O'it, flunkado fuvia e' o'it. A conquista  
por o'it mim possando em b'ixo f'ullad  
o dia a apulor se em b'ora de om' b'ita...

Panson men o'ro e'it' o'it' do mundo  
equipant se o'itiana i' de'ndencia o'it'...  
de um f'u de l'imo o'it' ; que se b'osom jo' b'udo...

9.18

EPSON.

## Ceifeira do "Nada"

Há muito, que Te espero em meu caminho estreito,  
à sombra d'hora êxul, que lá por mim jazia...  
e como acostumei-me a errar, cismando afeito  
às tuas sensações, fui visitar-Te um dia!...

... sombra d'hora êxul...

- 5 Moravas<sup>1</sup> num casebre à margem da agonia,  
sob a bênção de um céu de amarelado aspecto...  
floria um roseiral à beira<sup>2</sup> do teu Leito,  
que no florir da luz pelo jardim se erguia!...

- 10 O Sol fundeado havia a cores de conquista...  
por sobre mim passando em roxo funeral  
o dia a sepultar-se em hora de ametista...

O Sol ||, || fundeado havia a cores de conquista...

Pensou meu coração exilado do Mundo  
equiparar-se à<sup>3</sup> ruína e decadência astral...  
de um feudalismo atroz; que se tornou jucundo!...

... à ruína e....

... tornou jucundo!...

918

E Rosas.

\* Soneto manuscrito, a tinta vermelha, em papel pautado, medindo 10,8 x 27 cm. Na margem superior, à direita, há o número "1°".

1 No manuscrito está "morasvas", considerei lapso do autor e transcrevi "moravas".

2 Acréscimo de crase em: "à beira".

3 Acréscimo de crase em "à ruína".



Cheia - de graça<sup>1</sup>

[(Elegia de Mistério)]

Quando faz Luar na terra  
 – é que na lua também:  
 fez-se dia no poente...  
 Rosa douro pelo Além!...

5 Corpo d'ausência e Tristeza<sup>2</sup>

A Lua rosa de Lume  
 etérea (rosa) de beleza<sup>3</sup>  
 onda fluida de perfume...

... e [bruxedo...]

|| reflexão de || etérea (rosa) <de beleza>  
 [na água] fluida de || um || perfume...

Numa água d'anil, brandas<sup>4</sup>

10 Duas rosas desmaiadas  
que se miram ao mesmo espelho<sup>5</sup>  
rosa do<sup>6</sup> céu é lua<sup>7</sup>

... mesmo [tempo]

|| Lua do céu ||, rosa do || ar || .céu e lua

Rosa de Lume, que esparge  
 o perfume da saudade!

15 dos seus cabelos dourados  
cheia-de-Graça e Bondade!...

Maria tem por ogiva  
 a hóstia da Lua-cheia:  
 e por altar a candeia

## 20 – d'alma plena, que a alumia!...

Por lampadário uma estrela  
 por unção de graça, o luar!<sup>8</sup>  
 por Mistério a noite toda  
 que [---] seu<sup>9</sup> olhar!...

que [—] seu...

918.

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,8 x 32,8 cm. A folha está bastante mutilada e com muitas rasuras. Na margem superior está anotado: 1º.

1 Correção: Cheiça-de graça > Cheia-de graça.

2 No manuscrito, a princípio, este seria o verso 6. Está indicado, porém, como "1º" e entre parênteses. A letra inicial da palavra "corpo" estava, então, em minúscula. Coloquei em maiúscula, conforme as outras estrofes.

3 O acréscimo do verso 7 foi feito a tinta azul, de tonalidade diferente daquela com que foi escrito o poema. As palavras "reflexão de" estão riscadas no corpo do poema.

4 O verso 9, a princípio, estava como 12, depois foi indicado com "1º" (da estrofe). A inicial maiúscula foi uma alteração, baseada na indicação do autor, dessa mudança de ordem. Estava minúscula a palavra "numa".

5 Alteração a tinta azul de tonalidade diferente da primeira.

6 Sobre a palavra "céu" há outra, ilegível.

7 Entre as duas estrofes foram acrescentados, a tinta de tonalidade diferente da primeira, dois versos:  
 uma no céu, outra n'água  
 A reza de um céu vermelho.

8 Há manchas de tinta sobre as palavras "por" e "luar", deste verso. Já no título apareceu essa cor, na alteração feita.

9 A palavra "seu" foi reformulada a tinta azul de tonalidade diferente da primeira.

Clarividência

Extranda correspondência  
do vento e monólogo;

Palavras, que o pensamento,  
não pode ao ar entregar!

Não sei de que ventos me vieram  
nem em dia a luz de vida  
que <sup>quis</sup> amadurecia do futuro...  
flora a alma com melida?

A que fins bate o meu dorso?  
a que fins deu o meu  
que se eu não sei de  
nada, onde desgracia?

Depois o tempo deixou-se  
tão frígido e o luar...  
Eram anos e anos os quartos,  
que se iam a flor de luar...

Esse de bracos, que é tão terno  
de um oitavo janela,  
que se em alma e pié se em,  
dentro, de um modo como estrela?

Omni res latens do vento  
uns versos, que Deus ditava:  
ou já posto, o pensamento  
a sua origem exultava!

## Clarividência

Estranha correspondência  
do vento a monologar:  
Palavras, que o pensamento,  
não pode ao ar enviar!

- 5 Não sei de que ventre escuro  
vim um dia à luz da vida:  
em que hora do futuro...  
flore<sup>1</sup> a alma comovida?

... ventre escuro

em <que> hora...

- 10 A que céus bateu meu fado?  
a que praia deu a nau...  
em que eu ia desviado  
pelo sonho desigual?!...

Depois a terra elevou-se  
tão trigueirinha ao luar...

tão trigueirinha...

- 15 Eram seus seios os montes,  
que subiam à flor do Mar!...

E ao debruçar-me à tristeza  
dessa altíssima janela,  
que há na alma e põe no céu,

E ao...

- 20 dentro, de um nicho uma estrela...

... estrela [!]

Ouvi ocos lábios do vento  
uns versos, que Deus ditava:  
cuja frente, o pensamento  
a sua origem exaltava!...

cuja frente...

\* Poema manuscrito, a tinta vermelha, em duas folhas iguais de papel pautado, medindo 11 x 32,5 cm.

1 No manuscrito "flore". Esta forma verbal, gramaticalmente, não existe, pois o verbo é defectivo.

addormenti i janelle  
que on dia, nato co cui fidele  
onde certa lin. tu estrellu,  
e on in b' alma manovra ...

E' oum rigo, quem on vide  
aura janelle filin;  
fioron pra sempre trite ...  
ati, que tornu o colto ...  
18. E. P. R. A. D.

25 Adormeci à janela  
que meio perto ao céu ficava:  
onde certa linda estrela,  
a minh'alma namorava...

E ouvi dizer, quem na vida  
30 numa janela ficar:  
ficará p'ra sempre triste...  
até, que tome a voltar!...

918.

E. Rosas.

Erreparado

reparado

Mulheres no reino a história do povo  
o reino julia papilla o reino a história  
Lembra os séculos orientais de luz e de  
Qual obra no reino do Opio de um poeta

Uma guarda a justiça e a beleza da América?  
deusa deusa e tentos a luz da história  
Outros têm felizes da Terra para justiça  
e um livro de setim dentes a história da

Os livros de São João em osseute  
esfido da alchimia o reino da justiça  
sua obra a multitudes dos séculos de

Os suportes em mãos são ditantes Justeça  
sua história - Illegião, o reino da justiça  
em o tempo superior no Reino da justiça  
Rio: 9/18 Uma no Reino

## Crepúsculo

Mal fenece no ocaso o Lótus do poente  
 como fulva pupila orlada de violeta,  
 Lembras gemas orientais de luxúria dormente  
 Qual aroma viver no Ópio de um poeta...

Lembras |as| gemas... luxúria dormente

- 5 Umam guardam a saudade e a dúlcida Quimera  
 dessa noite a tentar a lua levantina,  
 Outras têm fulgor da Tarde peregrina  
 e uns laivos de cetim dentre a noturna hora!...

- 10 As opalas à Luz são Íris na corrente  
 efeito da alquimia sob a água fremente...  
 girando a multidão das cores irreais!...

Os sárdios e os rubis são distantes Tristezas,  
 ametista – Ilusão, capricho de princesa...  
 Que o tempo sufocou no Pó das bacanais!...

... capricho de princesa...

Rio 918

Ernani Rosas

---

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,6 x 32,8 cm. No verso da folha há o poema "Caricatura", anotado: Rio 947 e assinado por E. Rosas. Há, também, uma quadra sem data e sem assinatura.

70  
a  
Fronde

A Bellis

6

et bellis i o limbo uento

Biras de liras e liras

que no espirito allendme

de pag e de espua in mto

o horto de dur e pado

ade i no de espua in mto

como se pedo e nome

no espua in mto

et aurora

et aurora

et aurora e aqua flor de horto

et aurora e aqua flor de horto

sompe inconstante co. no. ac.

sompe inconstante co. no. ac.

o dia tem espua de ciencia

o dia tem espua de ciencia

o dia e o espirito inerte

o dia e o espirito inerte

de meu filosofo horto

de meu filosofo horto

que vido no jardim de horto

que vido no jardim de horto

pro. no. ac. de horto

pro. no. ac. de horto

o dia

o dia

o dia

o dia

A Torde

A Torde

A Torde e como limbo horto

A Torde e como limbo horto

triste avim tempo e espua in mto

triste avim tempo e espua in mto

de cum ad me partem e spua

de cum ad me partem e spua

nao vido no jardim

nao vido no jardim

A Torde

A Torde

A Torde e como limbo horto

A Torde e como limbo horto

triste avim tempo e espua in mto

triste avim tempo e espua in mto

de cum ad me partem e spua

de cum ad me partem e spua

nao vido no jardim

nao vido no jardim

A Torde

A Torde

A Torde e como limbo horto

A Torde e como limbo horto

triste avim tempo e espua in mto

triste avim tempo e espua in mto

de cum ad me partem e spua

de cum ad me partem e spua

nao vido no jardim

nao vido no jardim

"O Livro" No. 10 Cantos

"Da Raiz  
à  
Fronde"<sup>1</sup>

- A Beleza:  
A beleza é o lume oculto  
que no espírito acendeu:  
Mistério da dor sepulto,  
5 como um<sup>2</sup> segredo morreu!... como <um> segredo...
- A aurora  
A aurora é uma flor de esperança  
sempre inconstante ao nascer:  
Não tem corpo de criança,  
10 Nem alma p'ra envelhecer!...  
O dia  
O dia é o espírito incerto ... o espírito incerto  
de um filósofo bizarro:  
que sonha um jardim deserto,  
15 p'ra volúpia de um cigarro!... que sonha um...
- A Tarde  
A Tarde é uma linda moura,  
triste noiva, sempre à espera!  
de um sol que partiu e agoura  
20 não voltar mais galera!... não voltar ma<is> galera!...
- A noite  
A noite é velha rainha  
destronada, ao desamparo:  
traz ainda o manto raro  
25 emperlado<sup>3</sup> da Tardinha!...  
O caixão  
Negro berço que seguiste<sup>4</sup> Negro berço...  
para a última jornada:  
o berço não é mais triste,  
30 quando chega a hora esperada!...

\* Poema manuscrito, a tinta preta, em papel pautado, medindo 10,9 x 32,8 cm. O texto está bastante rasurado e na margem superior, à direita está anotado o número 1º. No verso da folha há o poema "Do berço ao túmulo", sem data.

1 O título foi escrito a tinta azul.

2 Acréscimo feito a lápis.

3 A palavra "emperlado", no manuscrito, apresenta um apóstrofo: "emper'lado". A correção foi feita uma vez que não há uma síncope que deva ser marcada.

4 O verso 27 foi riscado e ficou ilegível, ocupando uma linha do poema. Passei a contar como 27 o verso 28 e assim os outros, subsequentemente, foram antecipados em uma linha.

Da Lary  
à  
Frisca de

A Bellis: - O Tumbulsi...

A bellis i o luma vulto Binas de lisin e dorus,

que no spirito accendm... de fog e de espasmo tonica

estadio de dur apolto... ode i mocha vicia e flos...

como se prest. unum!... nasce se fil. sup. e d. tonica

A anion... 11 f... e...

et aurins e aima flor de spinas... E.P. B...

sompe inconstante co. nascer

ato tam esp. de alicanca,

Nem alia pin. en vltura

O dia... e...

O dia i e spirito incerto... e...

de um filosofo b... e...

que vltura um jardim deserto,

pin. vltura de um vltura

A Tarde... e...

A Torde i aima l... e...

triste moim... e...

de aum... e...

nao vltura... e...

A vltura... e...

A vltura... e...

tragainda o amato raro

O vltura... e...

A vltura... e...

o vltura... e...

quando chep e pora... e...

quando chep e pora... e...

"O Livro" Moim Cantar

O Túmulo:  
Berço de lírios e dores,  
de paz e de esquecimento:  
onde irão da vida às<sup>5</sup> flores,  
35 e o meu<sup>6</sup> perfil macilento!...

e o |seu| perfil...

918.

E.R.R.

"Do "Livro" Meus Cantares"

---

5 Acréscimo de crase.

6 Acréscimo a tinta azul.

"Lombo de um Thorupha"

"Sivagaes"

"Eidh de 'do Ocio"

(Teyos) de N. Lues (E. Ros)

Sivagaes

A mente encarcasua avinda alma nos as

de lhas, um

e a lousa que se bebos e ethe de sua lua,

e lauear-se depois a tãvi, <sup>as</sup> ~~que~~ <sup>cor</sup> ~~cor~~

da

e virgir em as seu corpo avelli dade cime!

O seu sia dihorval de clie de setim

dotme a vida do alio na serbe em que illi

essõma

Poisã asa de Luotr - fulena do jardim,

si salix de um joranim odoranti ~~adõma~~ ... 1

Uma Lin de serfo anda a lombra angucio;

pe no acil tiles de am bot empavido h

quistõno...

gates de distros na terra e lous pelos unicos;

avobos no que que; forentes no que que!

de outros a entomna <sup>Waves</sup> ~~factos~~ de Tristiga

desajante avolapr no <sup>Waves</sup> ~~sumas~~ de vnde que,

ãmos de insecto a flor; e <sup>Waves</sup> ~~quõ~~ e o dia

como o vento a de jãr as <sup>Waves</sup> ~~magas~~ de infinito!

Tu, avos lorbolita ...

que e lã adajãrã <sup>Waves</sup> ~~albitrante~~ <sup>Waves</sup> ~~pedicã~~ ...  
de lumborã <sup>Waves</sup> ~~mensur~~ <sup>Waves</sup> ~~indõmita~~ <sup>Waves</sup> ~~scõita~~,

## Divagações

- A noite encarcerou minh'alma nas estrelas,  
e a louca quer beber o éter dessa Luz,  
e lançar-se<sup>1</sup> depois à treva, que a constela  
e cingir-me ao seu corpo aveludada cruz!
- 5 O seu seio hibernal declive de cetim  
dorme a vida do olor na Tarde em que ela assoma  
ao cálix de um jasmim odorante redoma...  
Pousa a asa do Luar – falena do jardim.<sup>2</sup>
- Uma Lua de certo anda a lembrar ausências;<sup>3</sup>  
10 põe no azul tules de âmbar impávido de mistério...  
gotas de Astros na terra e luar pelas ameias;  
auroras no que fui; poentes no que sou!  
E versos de outonais bardos<sup>3</sup> da Tristeza...  
desejando volver às<sup>4</sup> Lamas de onde veio,  
15 amor de inseto à flor; as árvores e o dia...  
como o vento adejar às margens do infinito!
- Tu, serás borboleta...  
que à luz adejará rebrilhante, indecisa...  
deslumbrando meu Ser indômita, secreta,
- ... estrelas [...]  
...que <a> constela  
Paira <a> asa do Luar - falena do jardim [,]  
... outonais [poetas] da Tristeza...  
... rebrilhante, indecisa  
deslumbrando meu ...

\* Poema manuscrito, a tinta vermelha, em duas folhas de papel pautado, de igual tamanho: 10,5 x 33 cm. Na margem superior, à direita das folhas, encontram-se, respectivamente, os números "1" e "2". Na folha "1", acima do poema há a seguinte anotação: "Sonho de um Nenúfar"

"Divagações"

"Cidade do Ócio"

(Versos) de N. Luzo (E. Rosas).

Na folha "2", abaixo desse poema, há um outro, sem título, com o número "1" anotado no início, também de estrofes irregulares. Não possui data, nem assinatura.

1 Correção: lancar-se > lançar-se.

2 O autor alterou a ordem dos versos 7 e 8, marcando o verso 7, com o nº 2 e o verso 8, com o nº 1.

3 Todos os acréscimos do poema foram feitos a tinta azul. Correção: bardo > bardos.

4 Acréscimo de crase.

Assim, como a andorinha é feita, a seriedade  
de há de LBL ajuda a por fim a justiça  
é muitas de uma vida...  
até, um o sol para a terra abençoada!  
918 Rio E. P. 05.

20 assim, como a andorinha à teia, escravizada...  
debate-se e se esfalfa e por fim agoniza  
às malhas de uma rede...  
até, que o sol penetre à torre abandonada!

... agoniza ||.||  
às malhas de...

918 Rio

E. Rosas.

## Élegio do Oeíso

Manchas de rubro, oh! Sol o linha que a alma igne...  
doixas triumphal e azul, onomteceus e vida!  
sua face de espírito em fogo adormecida,  
doce de a fractura illuzão. do mundo à terra en-  
tigue...

Tudo é triste... Anotale a vida da sua fronte!  
os anjos, que se fixam, com um propósito de morte!  
São anjos de cristal, não são jélio transparente...  
refletidos em luz do vento que os explora!

O oeíso e constellar o abito de sept. Estrelas  
de coroa com a pureza, que megem me fulminam,  
si sa vida, um omel. meam. que o capello...

Estrelas como montes diante e por cima  
e a luz, que vi partir não é o mesmo pedregal...  
com que o espírito espectral da morte se illumina  
Rio 978 "Boca da Vontade" ...  
L. Rosas

## Elegia do Ocaso

Manchas de rubro, oh! sol a linha que a alma segue...  
 douras triunfal o azul, anoitecendo a vida!  
 áurea face de Espelho em fogo adormecida,  
 dando a fátua ilusão do mundo à treva entregue...

dando a... ilusão [-] do...

- 5 Tudo é triste... Anoitece a nave do sol-poente!  
 as nuvens, que se esgarçam em projeção vermelha:  
 são nimbos de cristal num golfo transparente...  
 refletidos na luz do sonho que as espelha!

Tudo é...

- 10 E o ocaso a constelar o albor de Sete-Estrela<sup>1</sup>  
 se acorda com a paixão, que a<sup>2</sup> mágoa me fulmina,  
 se da vida, esse mal nevara-me o cabelo...

... que <a> mágoa...  
 ... da vida, esse...

Atravesso uma noite hiante e peregrina  
 e a luz, que vi partir não é o mesmo pesadelo...  
 com que o espelho espectral da morte se ilumina!...

... é o mesmo pesadelo [!]  
 ... espelho espectral da...

Rio 918 "Boca da Noite"  
 E. Rosas

Rio 918 "Boca...

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Há, entre as estrofes, duas linhas em branco, marcadas por pontos.

1 No manuscrito há um ponto final depois de "Sete-Estrela.", que foi eliminado em função da seqüência do período, no verso seguinte.

2 O acréscimo do "a" foi feito a tinta vermelha.

# Encantamento

« Ah! si não fosse o sol eu não seria  
bella!  
Seria apenas uma perna, noute sem  
astros...  
Com que volúpia <sup>sei</sup> sinto ser viva  
di uma estrella  
e o meu corpo ~~aliscar~~ os proprios  
alabastros!

Invejam meu semblante as ruivas  
pedrarias,  
Nos meus olhos e espelham os

~~meus, annos, se is...~~  
Magnetiso com o olhar, do mar  
as ardências,  
Beijos que em mim se evadem  
ao choque dos rubis!...

Reude na mansidão, a voz de  
alguem, me encanta  
Quasi, uma emarcação do ceo que  
se evapora  
de uma porta fatal, que nunca se  
levanta!

Creara o fado, a lenda e o sonho  
feneccendo,  
Resurgira o misterio e o mal de  
quem lá mora  
minha gloria será num prato florescido  
do...»

## Encantamento

<< Ah! se não fosse o sol eu não seria bela!  
 Seria apenas uma erma noite sem astros...  
 Com que volúpia sei ser irmã d'uma estrela                   ... volúpia [sinto] ser...  
 e o meu corpo ofuscar os próprios alabastros!

5 Invejam meu semblante as ruivas pedrarias,  
 Nos meus anos se<sup>1</sup> espelham os meus anéis senis...  
 Magnetizo com o olhar, do mar as árdentias,  
 Beijos que em mim se esvaem ao choque dos rubis!...

Rude na mansidão, a voz de alguém me encanta...  
 10 Quase uma emanção do céu que se evapora  
 de uma porta fatal, que nunca se levanta!

Criara o fado, a Lenda e o sonho fenecendo,  
 Ressurgira o mistério e o mal de quem lá mora  
 minha glória será num prado<sup>2</sup> flôrescendo... >>

918.

---

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel pautado, medindo 11 x 32,5 cm. Há uma mancha de tinta sobre as duas últimas palavras, dos dois últimos versos. A data está sublinhada.

1 O papel está danificado, no local das duas palavras assinaladas. Transcrevi: "anos" e "se", baseada nos vestígios deixados no texto.

2 No manuscrito está, claramente, "prato". Transcrevi "prado", considerando um lapso do autor.



## "Estranha Musa"

Não sei, que algo sobrenatural  
 desceu do empíreo e que luar vivi?...  
 Que fosse o luar, o sonho que perdi  
 Quando sonhando andei pelo ideal!

... sonho [em que me vi,]

... ideal [?]

5 Era o véu de um luar que se esparzia,  
 Que friamente, nela se desfez,  
 como zainfe lunar que se diluía,  
 quimera que se quebra de uma vez...

| É | o véu...

10 Era um ermo palácio a sete-Salas,  
 cujas portas à treva se entreabriam...  
 a Deus, ao vento, ao nada que se cala?...

... ao [---] que...

Passei por elas, sem as despertar...  
 Que estranho olhar de sombra me seguiam  
 teu silêncio magoado com o Luar!?

918 Rio E. Rosas

---

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,8 x 23,6 cm. O poema está bastante manchado pela tinta da caneta.

Coro - bômo!

Todo bomein felice ainda illudido,  
Nos olhos lidando a escuridade...  
sendo em cida mente alma sentada,  
Com o arde de Deus ao seu sentido...

Tô, como a visão em oprimido, que ainda  
deu de um riso de Deus e de que o dia,  
é um vislumbre do outro entre a penitência  
de um regresso de vida à Sua sombra!

Nel este, que pra além dos seus olhos,  
Sombra de, que angustia de um ao seu sentido  
o depósito a Deus atribuído em tela...

Se, que em oprimido e iludido, incerto...  
deposito, que o tempo que se vai,  
e no tempo passam os minutos  
718 1/2  
L. J. P. P.

[Exo-homo!]<sup>1</sup>

Todo homem feliz anda iludido <,>  
 [Dos] abismos beirando à escuridade [...]  
 vendo em cada mentira ||, || uma verdade,  
 | Que | se veste de | Luz | [ao] seu sentido...

- 5 Vai <,> como a noite ||,|| no ignorar, que || a || aurora  
 vem de um riso de Deus e de que o dia <,>  
 é um vislumbre do olhar entre a demora ||;||  
 [de um] regresso de vida à Luz sombria [!]

- 10 Mal sabe, que p'ra além das suas [horas] <,>  
 Sonhos há, que engrinaldam as vãs auroras  
 e o espírito de Deus [aureola] em | Tela | ...

Sei que são formas [fluidas]<sup>2</sup>, inconstantes...  
 Espírito, que o humor nunca revela  
 e no [Silêncio] passam cogitantes ||!...||

... revela ||,||

[918] ||.|| < Rio

E. Rosas>

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,8 x 33 cm. É uma versão do "Soneto" transcrito à página 145.

1 Não identificada referência à expressão "Exo-homo". Por outro lado, à página 64, há uma anotação do poeta, que se refere a "Ex-Homo". Ver anotação, abaixo do poema "Convalescente Romântico".

2 Pode-se ressaltar a intertextualidade do poeta simbolista, leitor e admirador de Cruz e Sousa. Em "Antífona", poema de *Broquéis*, encontramos: "Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...".

# "Flaut"

(Duas almas)

Poros, Liga casual da mesma espécie,  
Almas-filhas da virgem matrisca...  
apenas, designais, por ascendência!

Humilde condição em ser tãto...  
6ª Janeta Lópis, que transpõe  
no seu ser várias lecturas...  
de algo, puzera...

Que <sup>em</sup> onim, me confundes outros ante a fúria  
e chizas a pensar omni somão,  
como o outro do outro, or de acm mltde...

Não me atreves minha orlido!  
~~longo tempo a ser a dona de...~~  
me eloquência de tua oratória...

O' que a l'alma, que abito ante a orna  
Troni de alta abelha, que a mente...  
nessa rage a somão, pela oratória  
dove pauto crepesculo, que tãto...

Como Lutera, nunca fãta a orna  
distuda a tua vida por ornação,  
os surjir do Luro, qual mltre em fl.  
hã...

Somolento do Luro de am que panto  
em ornação da puzão pela ornação a orna  
do Sept-Ornação, que panta de ornação

Então, que os ornação de Tãto...  
os ornação hãto a ornação de Ornação-Tãto...

## "Fanal"

(Duas almas)

Somos Liga carnal da mesma essência,  
 Almas – filhas da virgem natureza...  
 apenas, desiguais por ascendência!

Humilde condição em ser tristeza,  
 5 Ó santa Solidão, que transparece  
 no suave revoar de algo, pureza...

... revoar [das tuas preces]...

Que a mim, me infundes medos ante a prece  
 e chagas a parar meu coração,  
 como as ondas do vento, as de uma messe...

Que &lt;a&gt; mim...

10 Não me abandones minha solidão!  
 longínquo sermão à hora aérea  
 na eloquência da tua exaltação...

Ó minh'alma, que choras ante a séria  
 Visão de alta aleluia, que anoitece...  
 15 nessa vaga ascensão, pela matéria  
 desse fundo crepúsculo, que teces...

Como Lutina, numa barra aérea  
 distende a tua rede por encanto,  
 ao surgir do Luar, qual musa em fêria...

20 Sonolento do olor do seu quebranto  
 da noite da paixão p'la chaga acesa  
 do Sete-Estrela, que gelou de espanto

... Sete-Estrela, que...

Embora, que nas dobras da Tristeza  
 os astros rumam à noite da Outra-Vida,

---

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em duas folhas iguais de papel pautado, medindo 10,7 x 32,8 cm. As folhas estão marcadas com os números: 1 e 2, em seqüência, na margem superior, à direita. Há algumas manchas de tinta da caneta, no texto.

cracina de amestecare fellicina

Descrierea agăriei în câmpul primăverii  
trăiește din octombrie până la sfârșitul decembrie  
cu un buchet de buchetă și un număr de frunze  
și are frunzele în frunzele amestecate...

Toda cu ouă de

Știrii de apă pe apă și formă  
dentă de apă de apă de apă de apă  
am. Stabilitate de apă de apă de apă,  
ouă de apă de apă de apă de apă!

Pho 818

E. P. 1911

**25 corados da mística beleza**

Dos céus azuis à campã prometida  
trarão no olhar um brilho de ventura  
e na fala a toada comovida...

... olhar [uma expressão dorida]  
... olhar [uma feição de reza]

30 Todo em névoa de êxtase e ternura  
dentre o sentido imaterial da Vida  
em 'Stalactites ocas de amargura,  
como Sombra de Luz que anda perdida!

[Cheios de ânsia] de...

Rio 918 E. Rosas

## Genêse!

Trinta alma enferma de uma libertação,  
De um do Torro ou idial Kristina!  
desse nome momento, que consisti  
o sangue altano e a oração portuguesa...

Alma! pela loucura de desgras...  
do fênis de conquista e de aventura!  
Que estais em a gente dessa base,  
a fênis de um do Torro ou idial Kristina!

Então, ou seja a dita, intimamente  
que uma alma enferma, que por desgras...  
E fênis de um do Torro ou idial Kristina!

Que importa, o fênis de um do Torro ou idial Kristina?  
ou o nome can, que dita - m'o do nome...  
E o mesmo que pulso no peito!  
Rio 418 E. P. 1111

## Gênese!

Minh'alma enferma de uma herança triste,  
 Que vem do Sonho da ideal tristeza!  
 dessa terra nevoenta, em<sup>1</sup> que consiste  
 o sangue [-----] e a mágoa portuguesa...

- 5 Heróica! pela herança da desgraça...  
 do Gênio da conquista e da aventura!  
 Que entristeceu a gente dessa raça  
 e fez de cada olhar uma hora escura!...

- 10 Embora, eu seja alegre, intimamente  
 queima meu coração, que por dever...  
 É pedaço da alma dessa gente!...

... dessa gente!...

Que importa, o barro vil, de que sou feito?  
 se o coração, que dera-m'o ao nascer...  
 Era o mesmo que pulsa no seu peito!

... ao nascer...

Rio 918

E. Rosas

---

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Abaixo do poema, há uma quadra a lápis, sem data e sem assinatura.

1 Correção: acréscimo de "em", em função da regência verbal.



## "Jesus de Nazareth"

de Antonio Luzo<sup>1</sup>

## Soneto

Tudo, que ao homem pertence é leve, supersticioso<sup>2</sup>  
 Tudo, quanto foi seu em lenda se estagnou!  
 o que vale a sua luz? se é fátua e se o cegou...  
 p'la mentira falaz de um brilho precioso<sup>3</sup>

... leve, supersticioso

... se &lt;é&gt; fátua &lt;e&gt; se...

- 5 As flores do caminho o vento ressecou,  
 há na sua tristeza um bosque nebuloso,  
 onde a Lua esvoaça o mocho que acordou  
 à margem do viver, esse álamo frondoso....

... vento [requeimou],

há na [nossa] tristeza um bosque nebuloso,  
 [a luz da] Lua [revive] o mocho...

... frondoso [!]

- 10 Ventura, por saber que a vida não é<sup>4</sup> isto!  
 entre os mais a passar ignorado e descrente,  
 arrastando essa cruz p'las vozes do imprevisto?

Irei a derramar mais Luz sobre o caminho!  
 e o luar do meu perdão é um bálsamo clemente...  
 para as chagas de quem peregrina sozinho!...

... mais [paz] sobre...

... mais &lt;Luz&gt; sobre..

... do meu perdão...

Rio 918

E. Rosas

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Por todo o poema há manchas de tinta da caneta. Abaixo desse texto, há o início de outro "Soneto", que termina no verso. Não possui data, nem assinatura.

1 Este título e o pseudônimo estão anotados na margem superior da folha.

2 Correção: "superticioso" > "supersticioso".

3 Correção: preciosos > precioso.

4 Supressão de vírgula em: "é, isto!".



"Lenda Bucólica"<sup>1</sup> Versos Inéditos de E. Rosas  
Rio 918 (Boca da Noite)

- Por entre acantos, sarças, penedias,  
sobre o limbo aspérrimo da encosta  
de ocasional e vã melancolia...
- 5 Obscura espécie veio à luz exposta  
da natureza êxul que se orgulhava,  
trazer ao seio os ser's que alimentava... [Obscuro gérmen] veio ...
- Havia tal amor e tal piedade,  
entre esses dois gêmeos inocentes,  
que pertenciam já, à<sup>2</sup> Eternidade...
- 10 Davam-se a conhecer ingenuamente,  
pelo sutil humor de suavíssimo  
espírito que paira docemente... | espíritos | que...
- 15 no madrugal de um cântico [---]íssimo  
através do silêncio perscrutando<sup>3</sup>  
o queixume de um timbre tenuíssimo... ... de <um> timbre...
- Que aos primeiros clarões se debruçando  
parecia calar sobre a aspereza  
a rouca voz do Nada [-----] ... ... clarões se debruçando  
... sobre [um abismo]  
...Nada [ritmando...]
- 20 Num coro pela noite e p'la Tristeza  
equilibrando às asas se abalança  
Sonho supersticioso<sup>4</sup> de princesa... ... asas [na esperança]  
Sonho supersticioso de [realiza,]
- 25 Decaída no olor da própria herança  
como de um Lírio de outonal pureza:  
abalara-se aos céus de uma esperança  
para fortalecer sua fraqueza!... Decaída no...  
como <de> um Lírio da...  
| abalaram-se | aos céus...

Rio 918 E. Rosas

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 33,2 cm.

1 A palavra "Bucólica" está sublinhada, com traço duplo.

2 Acréscimo de crase.

3 Correção: prescrutando > perscrutando.

4 Correção: superticioso > supersticioso.

Lições e Lua p'ra Jesus aubindo  
e retornando ao templo do silêncio...

Filha do monte, irmã da estrela d'alva,  
a mancha de alim-jumulo profundo...

Subit p'la mont', error entre os estallos,  
como a flor que flusca a lora do fuzilho  
como a sombra amarelento de um silencio  
na syncope de cetero dente o incenso...

Acredito que a sombra vem da lua  
a lua não é mais que sombra atulosa buquinosa  
atranssando corpos de nichiplos  
em estigmas de Luas outubros  
718 Rio E. Ross

Loas à Lua para Deus subindo  
e retornando ao templo do silêncio...

Filha da noite, irmã da estrela d'alva,  
à mansão de além-túmulo partindo...

- 5 Subir p'la noite, errar entre as estrelas,  
como a flor que fenece à hora do Ângelus  
como a sombra envolvendo-se em silêncio  
na síncope de círios dentre o incenso...

- 10 Acredito que a sombra vem da luz  
a luz não é mais que sombra luminosa  
atravessando corpos denegridos  
em esteiras de Luas nebulosas

... sombra [nebulosa] luminosa

918 Rio

E. Rosas

---

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 13,5 x 22,2 cm. Há uma quadra acima desse poema, datada de 919 e mais uma, no verso da folha, com a mesma tinta, sem data. Também no verso da folha, há um fragmento de poema, de 918 e outros dois de 932. A assinatura é de E. Rosas.

# Men. Mel. Me. - Quil

O archi. Mel. Me. Quil do seu other de  
pinderno

sondug-me o estal jodim de uma outra

paixon, a sãta illugionel de um pais de Quimim,  
onde as coisas são têm e sem aspecto eterno!...

As oullinas, são i'thos; as oullinas são  
thas,

as oullinas são galeias; os legos são espetos...

de um se'nario de um se'nario  
onde f'ham brasis e uma estrada os est'has...

As oullinas em Oatormo lembram incantada  
para,

onde as oullinas são conchas e tra quithos de maris...  
quithos de maris e maris, onde se'nt de maris!

As oullinas se pomor f'esse a distor de mim...

o amigo é o ugetal do mundo em or de pinderno;

é um tentado e ri de o eterno que se, s'esse...

218 Rio E. Pind. (Ch. Lago)

As oullinas são conchas e de quithos de maris

As oullinas em Oatormo lembram incantada

onde as oullinas são conchas... e tra quithos de maris,  
de um triseu oullinas em oullinas de se'nt de maris.

## Meu - Mal - Me - Quer

O arqui - Mal - Me QueR do seu olhar de inverno  
 conduz-me o astral jardim de uma áurea primavera,  
 à rota ilusional<sup>1</sup> de um país de Quimera,  
 onde as coisas não têm o seu aspecto eterno!...

... um país de...

- 5 As colinas, são ilhas; as montanhas muralhas,  
 as nuvens são galeras; os lagos são espelhos...  
 os poentes litorais de um cenário vermelho,  
 onde florem<sup>2</sup> rosais e uma estrada os atalha...

... montanhas muralhas,  
 ... são galeras; os lagos...  
 os <poentes> litorais de um cenário vermelho,  
 ... onde rosais e... os atalha ...

- 10 As neblinas no Outono lembram encantada praia,  
 onde cirros são conchas e há quilhas de navios...  
 quilhas d'ouro de nuvens, onde o luar desmaia!<sup>3</sup>

... onde <o> luar...

As casas e o pomar ficam a distar de Mim...  
 o musgo é o vegetal do monte em ar de inverno;  
 é um tântalo a vida a eternizar-se, assim!...<sup>4</sup>

[e a vida se eterniza em tântalo p'ra mim]

918 Rio

E. Rosas. (A. Luzo)

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. O título inicia a tinta vermelha e termina a tinta azul. Há uma mancha da tinta vermelha, sobre o título.

1 Neologismo "ilusional", com o mesmo sentido de "ilusório" ou "ilusivo", as duas formas que se encontram dicionarizadas.

2 Não existe, gramaticalmente, a forma verbal "florem", pois o verbo é defectivo.

3 A terceira estrofe foi reformulada, abaixo do poema, da seguinte forma:

As neblinas são conchas e há quilhas de navio  
 As neblinas no Outono lembram encantada praia,  
 onde cirros são conchas... e há quilhas de navio,  
 de um brigue viajor em nimbo que se espraia

4 A segunda opção deste verso foi escrita logo abaixo da última estrofe. No verso da folha onde está o poema há um terceto, possível versão para a última estrofe do poema:

As casas e o pomar ficam a distar de mim;  
 o musgo é o vegetal do monte em ar de inverno  
 o chão junca-se em flor's e a vida é um jardim!...

918 Rio

E Rosas.

A minha intrusão quicôse icidível  
o desejo sem mim ouço, retêl...  
tôma-se de um sistema impendível  
para passá-la, para assim perdê-la

Abra o estivo nem de novo desparta-la...  
módica-me a toea o a phese, pto seu nexo!  
e um rio de Liba a inquieto-la,  
quima a carne lubica o so siso...

Nunca airtjeu a tendôna e frante,  
falice o perpendente inserção-me...  
e restêtar a por que fucira a instante...

É ludo a airtjeu por fim quicôse!  
por esta airtjeu que tobriga airtjeu-me,  
que impendida o meu castello ubido...  
9/15.

Minha intuição quedara-se ideável<sup>1</sup>  
 e o desejo sem mim ousa<sup>2</sup> retê-la  
 toma-se de um sistema imponderável  
 para possuí-la... para assim perdê-la

[A minha] Intuição | queda-se | ...  
 ... ousa <, > retê-la...

para possuí-la... para...

- 5 Mas o Amor vem de novo despertá-la...  
 morde-me a boca e as frases são sem nexo!  
 e num cio de Leoa a inquietá-la,  
 queima a carne lúbrica o seu sexo...

morde-me a boca e as frases são...

- 10 Numa vertigem aterradora e hiante,  
 parece o pensamento incendiar-me...  
 e restituir a paz que havia há instante...

E tenho a sensação que fui queimado!  
 por esta chama que te obriga amar-me,  
 que incinerara o meu castelo alado!...

... meu castelo alado!...

918.

---

\* Soneto sem título, manuscrito a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 20 cm.

1 O autor faz alterações no poema e recompõe algumas letras deste verso, com tinta azul, de tonalidade diferente daquela com que escreveu o poema.

2 Supressão da vírgula em: "ousa, retê-la".



## [Musa Psíquica]

Não sei, que algo sobrenatural <,>  
 desceu [ao] empíreo e que luar vivi? ||...||  
 Que fosse o luar ||, || o sonho que perdi <,>  
 Quando sonhando andei pelo ideal!

desceu [por mim] e...  
 ... sonho [em que vi],

5 Era o véu de um luar que se esparzia,  
 Que friamente ||,|| nela se desfez [...]  
 como zainfe <—> luar <,> que se diluía,  
 | Quimera | que se quebra de uma vez [!]

Era [a —] de...

como zainfe-luar...  
 ... se [apaga] de...

10 Era um ermo palácio [aos quatro-ventos!]  
 cujas portas à treva se entreabriam ||... ||  
 [e uma fonte rezava o seu lamento]...

... portas [p'ra] treva se entreabriam  
 ... lamento [!]

Passei por elas ||,|| sem as despertar [!]  
 Que estranho [amor] de | sombras | me seguiam  
 no silêncio magoado com o Luar | ?! | ...<sup>1</sup>

no silêncio [enviado p'lo] Luar?!...

| Rio 918

E Rosas |

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado medindo 10,8 x 32,6 cm. Há manchas da tinta da caneta pela folha. É uma versão do soneto "Estranha musa", transcrito à página 168.

1 O verso 14 foi reescrito na margem inferior.

# Noite de los Quinientos

Não a illugão a margem do Silêncio  
penice e brado out a luz suspensa  
paise a man do silencio de se e noutro lado...

A Noturnidade auctora condensa  
em si a origem nua de Si mesma  
e, sobre a mesma illugão, o seu silencio

A illugão a os muros que a tantos  
da distancia consegue perdurar  
como a luz da longinqua de alis, a lésia!

Com a, sobre o contido do mundo  
e o tedio universal pelo infinito  
a a sombra em de se e a luz do seu  
som e noutro lado, a luz do seu silencio

Silêncio! Sua sombra a confundem  
dos montes se esportem no infinito  
e o alma de um, e o espirito de outro  
os corpos estão e silentes!  
e a luz de Si proprio...

A tinge sobre a estrela  
a claridade de alma já noutro  
e um noutro lado a luz do seu  
para o alma, que se fia e a luz do seu  
em  
para o seu melhor a luz do seu...

De illugão em illugão de quida em quida  
de outro em noutro ao tedio universal...

## Noche de las Quimeras

- Neva ilusão à margem do Silêncio  
fenece o prado sob a luz suspensa  
paira a nau do desejo e a noite o vence...      ... nau do ||silêncio|| desejo...
- 5 A Natureza se retrai; condensa  
em si a ânsia viva de Si-mesma...  
e, agora um verde incêndio a oiro<sup>1</sup> incensa!      ...verde incêndio a...
- A ilusão e os rumores, que a abantesma  
da distância consegue perdurar...  
como essência longínqua de algo, ou lesma!
- 10 Começa agora o cântico da noite  
e o tédio universal pelo infinito  
e a sombra vem descendo em fulvo açoite...  
sonâmbula, lavando-me o granito!
- Silêncio! Duas sombras se confundem...  
15 duas noites se apartam no infinito      ... apartam no infinito  
a alma de uma, é o espírito da outra,  
os corpos erram silentes!  
e cheios de Si-próprios<sup>2</sup> ...
- Atinge agora, nebulosa estrela,  
20 a claridade d'alma já voltara...  
num nebuloso adejo de ansiedade      ... ansiedade ||,||  
para alma, que anseia e vai de rastro,      ... de rastro [...] para <em> sonhos...  
para em sonhos beijar a asa astral...
- De ilusão em Ilusão de queda em queda  
25 de astro em noite ao tédio universal...      ... noite ao tédio...

\* Poema manuscrito, a tinta vermelha, em quatro folhas iguais de papel pautado, medindo 11 x 32,5 cm. Na margem superior, à direita, existe uma numeração: 1, 2, 3 e 4, em seqüência. Existe uma plaquete intitulada: "La Noche de las Quimeras" 918-945 (A. Luzo) E. Rosas, transcrita na dissertação de Ana Lice. Porém este poema, aqui transcrito, não faz parte da plaquete.

1 A palavra "oiro" não foi atualizada devido à musicalidade do verso. Ver a repetição do "i", em "incêndio a oiro incensa".

2 Correção: cheios de Si-próprio > cheios de Si-próprios.

non ambindo, ambindo o sicuti dicitur  
propter cum videri amicum peritiam

Mis, de se, sui, illos, munda, se, epistola  
e sed impondentis pro dicitur  
victoria anima della anima  
a. autem d. Deus, sua, anima, peritiam

Quoniam non videri, non sui sui son  
pro tempore fluidos, sui, epistola,  
vixi, unde, illa, et, sui, pro  
ambitudo, in, agis, in, in, in, in  
pari, in, orbita, videri, Deus, d. d. d. d.

Suggero, a. cur, d. Deus, peritiam, d. d. d.  
divinum, leg, u, quod, ante, ante, ante  
si, videri, dicitur, in, aliquem, in, in, in  
tota, elatus, dicitur, in, in, in, in

E' presens, de, leg, videri, videri,  
videri, videri, videri, videri, videri  
desiderio, se, videri, videri, videri  
videri, in, videri, videri, videri, videri  
corpo, d. Deus, videri, videri, videri  
videri, videri, videri, videri, videri

Son esto, pigo, videri, videri, videri  
videri, videri, videri, videri, videri

Son Deus! videri, videri, videri, videri, videri

vou subindo, subindo à escada Astros,  
para um novo caminho penetrar...

Mas, dá-se, que elas nunca se separam  
e são imponderáveis por destino:

30 acontece se uma delas vem à<sup>3</sup> Terra,  
a outra é Deus! Sua irreal presença...

Eu mesmo não a vi, mas<sup>4</sup> sei que sou!  
por tênues fluidos a sua essência,  
irei onde ela vá<sup>5</sup>, e sei, que vou  
35 arrebatado às asas da inclemência,  
para a órbita, onde Deus a olvidou!...

Eu mesmo não...  
por tênues fluidos...

Suponho-a ser de Deus presença d'alma,  
divina luz, a qual não dou certeza...  
se vem dela e de alguém ou, da Tristeza...  
40 toda clarividência sempiterna!...

É presença de luz, a vida a sinto,  
através de outro corpo, que pressinto  
desfazer-se num éter genial...  
vago em corpo de ausências de mental,  
45 corpo de Deus, carne irreal do espírito...  
insisto em desistir do que é banal!

... que pressinto  
... de ausências de...

Sou astro... piso estrelas e o Universo  
envolve-me em seu rastro peregrino...  
Encarno um verso d'alma sem medida  
50 habito os céus... Ó fonte astral de Luz  
vive por mim nessa presença, Deus!...

... em seu rastro...

[–] vive por...

Sou Deus! corpo mental... (Eu sei que o sou!)

3 Acréscimo de crase.

4 Supressão de vírgula em: "mas, sei".

5 A forma verbal correta deveria ser: irei onde ela for.

perque este es el primer libro de la serie  
y como es el primer libro de la serie  
de la serie de la serie de la serie

Seu effluu... Etiam...  
etiam... etiam... etiam...  
etiam... etiam... etiam...

Soluntate de sua...  
sua... sua... sua...  
sua... sua... sua...

Magis...  
magis... magis... magis...  
magis... magis... magis...

Quidam...  
quidam... quidam... quidam...  
quidam... quidam... quidam...

Abolitione...  
abolitione... abolitione... abolitione...  
abolitione... abolitione... abolitione...

Wahlrecht...  
wahlrecht... wahlrecht... wahlrecht...

porque sinto ascender-se est'aima triste  
e vivo nesse impulso por quem vou  
55 através do mistério que me assiste...

Sou Alma... Eterno Carma onde se eleva  
a vibração astral do meu desejo...  
as solidões sonâmbulas da Treva!...

a vibração astral do...

São rumores de um dia em transparência,  
60 uma ausência de vida, que supõe...  
a outra ser saudade e transcendência,  
aos fluidos de uma luz, que se propõe...

Mas, um luar, que além, surge agora atinge  
as solidões do cármico segredo...  
65 hipnotiza a cair o olhar da Sfinge,  
sob a luz das estrelas no silêncio...

O silêncio é uma voz que atinge ainda  
mais, que o espírito e o plano astral do Ignoto:  
o silêncio é uma voz por si já vinda  
70 à cármica garganta do ar, que voto...

... e o plano astral...

... cármica garganta do...

Desdobra-se por templos de mistério  
por nave d'astros onde o desejo usava  
o soluço do vento à névoa amorfa  
num corpo abstrato que se desenrola,  
75 dentre as Sfinges a se alojar no etéreo...  
onde um desdobramento principiasse

... à névoa amorfa

Desenvolvida corda do Sentido...

... do Sentido...

Muito perto do alma e thero mudo,  
poeta que dá os tons do Sarcófago  
e flor de Dam, e humilhação

E conta pela vida os desejos  
e conta pelo olho da saudade  
e como fonte d'alma o'ra o dia  
e o d'ylho aucto em verso etherio

Sibria se ou tosta no ar alba  
e que se a gente os desconhecidos  
e flor, que despertase o ser fluido  
e o thero aucto de que passam em influencia

No harmonia do céu, na vertice escuro  
de um sentimento a d'isto a d'isto  
e agora indelentes pela altura

Em direcção do fronto desfilando,  
vemo um Antimio no jugo de o'ra o dia  
a quietação a o'ra o dia a o'ra o dia  
de o'ra o dia a o'ra o dia a o'ra o dia

Estas posturas o summo sentimento  
e vibrações a o'ra o dia a o'ra o dia  
onde o som da ventura a o'ra o dia  
e o thero aucto de que passam em influencia  
918. L. P. 5

Muito perto da alma etéreo ouvido,  
portas, que dão às raias do Incriado  
80 e floresce por Deus, iluminado!...

...Incriado [ ... ]  
... Deus, iluminado!...

E canta pela boca do desejo  
e chora pelos olhos da Saudade  
e como fonte d'alma num adejo,  
a idílica canção em verso etéreo...

[na] idílica...

85 Debruça-se da torre da su'ânsia  
ergue-se a noite do "desconhecido":  
É flor, que despertasse ao ar fluido...  
Lótus azul do que passou na infância...

... da torre da su'ânsia  
... a noite do...

Lótus azul...

Na harmonia do céu, na noite escura...  
90 de um sentimento adusto requeimando  
as asas inclementes pela altura...

as asas inclementes...

Em direção<sup>6</sup> do poente desfilando,  
como um Outono longínquo se afastando...  
a quietação – nirvânica penumbra,  
95 da solidão da Luz em si ressumbra!...

Em direção...

... Outono longínquo se afastando  
a quietação - nirvânica...

E transportando o humano sentimento  
à vibração noctâmbula dos Astros:  
onde a carne da Noite já se [-----]...  
e o espaço é claro mar universal!...

918.                    E Rosas

---

6 Correção: direcção > direção.

O' Conceição de Amor e piedade!

Entre os Santos, mãe de Jesus:

Amplifici essa Mãe Immaculada...

Santificai o povo dessa casa!...

Rio 518

5 Ros

Ó Conceção de Amor e piedade!  
Eleita do Senhor, mãe de Jesus:  
Amparai essa triste humanidade...  
Suavizai o peso dessa cruz!...

Rio 918

E Rosas

Ó Concepção de...

---

\* Quadra manuscrita, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,7 x 33 cm. Há, na mesma folha, acima desse poema, outra quadra, datada de 952 e um soneto datado de 918, os dois assinados por E. Rosas.



Ó minh'alma, que ouviste<sup>1</sup>, e, hoje não crês  
na existência de Algo<sup>2</sup> que não amas?  
a que região subiste e te [-----]  
de estrelas contra a minha insipidez!...<sup>3</sup>

na existência [do sonho] que...

- 5 Por que fases e floridos caminhos,  
passaste até chegar a esse Nirvana?  
por que metamorfose sobre-humana<sup>4</sup>  
chegaste à<sup>5</sup> perfeição dos teus espinhos?...

- 10 Sonhei-te para além de escuros dias,  
dentre a hora, que lágrimas, desfia,<sup>6</sup>  
e para além dos séculos floriste!<sup>7</sup>

dentre | as horas |, que || as || lágrimas, | desfia |,  
<e> || que || para além dos séculos | floristes | [...]  
| E | [sob o pó] dos séculos floriste!

Confiei-Te toda minha identidade  
e dentre a luz dos páramos sorriste  
com clemência p'la minha ingenuidade!...

Fiz-Te a minha indistinta confiança.  
Fiz-Te a minha secreta confiança  
com [----- da] minha...

918 Rio

E. Rosas<sup>8</sup>

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel pautado, medindo 10,8 x 28,2 cm. Não há título e todo o texto está bastante rasurado.

1 Correção: ouvistes > ouviste, de acordo com a concordância verbal do restante do texto.

2 A alteração deste verso foi feita a lápis e anotada na margem direita.

3 Abaixo da palavra "contra" está anotado "ante", a lápis. Não fiz a substituição, na transcrição, uma vez que não está clara a opção do poeta.

4 Correção: sobrehumana > sobre-humana.

5 Acréscimo de crase.

6 As alterações do verso 10 foram feitas a lápis.

7 As alterações do verso 11 foram feitas a lápis. A palavra "floriste" foi suprimida do corpo do poema, depois acrescentada. Ainda a segunda opção do verso foi escrita na linha abaixo, a tinta azul.

8 A assinatura, o local e a data foram escritos a tinta azul.



## O último - Ser - dos - Homens...

- Logo ao nascer fui condenado à morte  
Zeus ao condenar-me a essa existência,<sup>1</sup>  
tudo<sup>2</sup> levou-me até minha demência  
deixando da minha alma o vil recorte...
- 5 Por desigual e amarga contingência,  
ou natural dever sabendo à sorte  
Tornei à exígua forma do seu porte  
e apodreci à sombra dessa essência...
- 10 Escrito está na pedra do destino,  
no feudalismo rude das florestas,  
à mão nefasta desse deus divino...
- Que todo ser esquivo à luz suponho  
ser o arbusto que a morte ordena às gestas,  
Por isso eu<sup>3</sup> próprio condenei-me ao sonho!...
- [e o ser] ao... existência <,>  
... recorte <...>  
... contingência <,>  
ou natural dever...  
no feudalismo rude...  
... divino <...>  
... gestas [...]  
... condenei-[a] ao...

918

\* Soneto manuscrito, a tinta preta, em papel pautado, medindo 10,8 x 32,5 cm. A folha está rasgada ao meio. As palavras estão muito manchadas pela tinta da caneta e o papel está em estado precário. Abaixo desse poema há outro, que tem início na frente da folha e termina no verso. Não possui título, data, nem assinatura.

1 Todas as alterações do poema foram feitas a tinta azul.

2 Supressão da vírgula em: "tudo, levou-me".

3 Supressão da vírgula em: "eu, próprio".



Outro painel talvez haja sonhado...

inesperada sombra que eu te vi...

- 5 Eu amei a vossa alma dolorosa,  
Ó Visão, visão triste do Sol-posto!  
pela aparência<sup>1</sup> vaga e vaporosa:  
Éreis nossa "Senhora do desgosto"!...

... a vossa alma...

A taça do ideal é um mágico quebranto!  
fico às vezes a cismar no êxtase<sup>2</sup> do ocaso  
no teu palor grácil meu pálido amaranto

- 10 Os Zéfiros vesp'rais a superfície ondeiam<sup>3</sup> :  
e fazem<sup>4</sup> girar na aresta à luz da Lua-cheia,  
as regatas do luar pelo horizonte vago!

Os Zéfiros <vesp'rais> a...

918 Rio E. Rosas.

---

\* Fragmento de poema, anotado na parte superior de uma folha de papel pautado, medindo 10,8 x 33 cm. É manuscrito, a tinta azul. Na parte de baixo da folha há um soneto: "Tentação do meu Eu" e no verso, fragmentos de poemas a lápis e a tinta azul. Não há data, nem assinatura.

1 Correção: aparência > aparência.

2 No manuscrito "extasis". O autor deve ter preferido esta forma, numa referência à origem grega da palavra "ékstasis".

3 Correção: ondeia > ondeiam, observada a concordância "Os Zéfiros ondeim".

4 Correção: faz > fazem, observada a concordância "Os Zéfiros fazem".



Quando chega o luar à terra<sup>1</sup>  
 à lua chegava o dia:<sup>2</sup>  
 e as sombras da terra toda;<sup>3</sup>  
 dão sombras ao meio-dia!<sup>4</sup>

- 5 E o meio dia a sorrir  
 de ternura e de bondade:  
 tem sorrisos<sup>5</sup> de poente;<sup>6</sup>  
 e da manhã tem saudade!...

918.

Quando [bate] o luar [na] terra  
 [na] lua [batera] o dia:  
 e <as> sombras da terra toda <,>  
 dão sombras ao meio-dia <!>

tem [-----] de poente<,>

---

\* Fragmento de poema, manuscrito a tinta azul, em papel pautado medindo 10,8 x 32,8 cm. A folha está bastante mutilada e com rasuras. Na margem superior está anotado: 2º. Abaixo deste, há outro fragmento sem data e sem assinatura.

1 As alterações deste verso foram feitas a tinta vermelha.

2 Idem.

3 Idem.

4 Acréscimo da pontuação, a tinta vermelha.

5 Acréscimo a tinta azul, de tonalidade diferente da primeira.

6 Acréscimo da pontuação, a tinta vermelha.

## Regresso

Fui vendido aos dias os célos de Sibiria,  
as prisões cellulosas dessa Russia do Sinto...  
mundo e aqui ficou pela sua de miséria  
e o corpo, e que portou em favelas e jardins!

Ea sei, que ainda sofro, embora o alma entende,  
bõja cegado ao céu do seu pai distante,  
pai onde ha só fôrça; e a carne de viva nã  
afoga-se a tornar ao pó e a fria senda!

Das into floures e tou trancas semel,  
Oh! quando a eu anostã ottyl, maiste e Pobrista  
e anim cada ote mais mais Se Thomando  
pastel!

Que a miséria dos homens, o insolencia de Deus,  
o rádio amessãse o avontã do Supremista...  
o incendio universal ossim, como um torpã  
Pio 9/8

J. Romão  
Amari P. P.

## Regresso

Fui condenado um dia aos gelos da Sibéria,  
às prisões celular's dessa Rússia do Sonho...  
minh'alma aqui ficou p'la rua da miséria  
e o corpo, é que partiu em funeral suponha!...

- 5 Eu sei, que ainda soffro, embora a alma em lenda,  
haja chegado ao céu do seu país distante...  
país onde há só fel; e a carne delirante  
afoga-se a tremer no horror de fria senda!

- 10 Eu sinto florescer o teu rancor senil,  
Oh! mundo que mataste Abel, traíste o Cristo...  
a mim cada vez mais vais-Te tornando hostil!

Que a miséria dos homens, a insolência de Zeus,  
o tédio remessasse<sup>1</sup> a noite do Imprevisto...  
ao incêndio universal assim, como um troféu!...

Rio 918

E. Rosas  
Ernani Rosas

---

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,8 x 33 cm.

1 O verbo "remessar" é o mesmo que "arremessar".

# Ricordanza di un'Yvontud

Todo em religio de bono e bello  
e diante muntalma e toderie,  
nunca podesi tã triste ver o die  
despehote, se no algomo de Tristegh!...

Peris pã fins e toda essa gloria,  
calor de ventis e sua fenda fada...  
pã mat e mato e a vitid de tã pã  
lãtã mãm gãm de mãm!...

Reg, ois em fã pã mãm e ar glãm...  
altã em ois e mãm de mãm...  
Quadrantã mãm de mãm mãm!

Tãtãndõ a idia mãm de pãssã,  
mãm ois mãm, mãm de pãssã...  
mãm ois mãm de mãm de mãm...  
Pã 918 E. Pãssã (H. Pãssã)

Ricordanssa di mi Juventud<sup>1</sup>

Todo um relógio de horas de beleza  
adiantou minh'alma e todavia,  
nunca pensei tão triste ver o dia  
despenhar-se no abismo da Tristeza!...

- 5 Pensei pôr fim a toda essa agonia,  
calar de um rio a sua funda reza...  
parar o vento e a estéril natureza  
embebê-la num sonho de magia!...

... a toda essa agonia,

... reza...

embebê-la num...

- 10 Mas, não me foi possível, o ar gelava...  
alto, uma Lua a escuridão marcava,  
Quadrante imaginário à minha inércia!

Quadrante imaginário à minha...

Voltando a idéia às horas do passado,  
ao meu<sup>2</sup> ócio oriental, que o ópio da Pérsia...  
acorda-o das ruínas do Incrindo!<sup>3</sup>

... ócio oriental, que...

acorda-o das...

Rio 918 E. Rosas (A. Luzo)

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. Por todo o texto há manchas de tinta, deixando algumas palavras ilegíveis. Abaixo deste poema há dois tercetos, com a anotação: Rio 941, assinados por E. Rosas.

1 Optei por não alterar o estrageirismo preferido pelo autor.

2 As duas primeiras palavras deste verso ficaram ilegíveis por mancha da tinta da caneta. Foram deduzidas, a partir do poema da página 249.

3 Há manchas de tinta da caneta sobre as palavras "oriental" e "acorda-o", mas mesmo assim foi possível a leitura.

Rimas do Poente...

Já uma sombra no céu se adirindora,  
como fonte de lagrimas ardentes,  
onde um divino fogo amigava  
o o mouteer o outro da do poente...

Mas, como fosse o Luz, que despertara  
o infinito silencio da frustiga...  
indulgo expulso iniciara  
o seus primeiros passos de incertiga...

E, padeu ser no extremo profusia,  
que o dia foi em lairo de illugia...  
que a fonte imitando a noturna,

O mampiral, que a corda e o mampal!  
pagaes como o multi uja o dia...  
e, a lua uja o orl da mampal!  
9/8.

## Rimas do Poente...

Já uma Sombra no céu se adivinhava,  
como fonte de lágrimas ardentes,  
onde um divino fogo começava  
a anoitecer a estrada do poente...

- 5 Mas, como fosse a luz, que despertava  
o infinito silêncio da Tristeza...  
indeciso crepúsculo iniciava  
os seus primeiros passos de incerteza...

- 10 E, pude ler na estranha profecia,  
que o dia põe num laivo de ilusão...  
qual a fonte imitando a cotovia,

E o rouxinol, que acorda o coração!  
fazendo com que a noite veja o dia...  
e, a lua veja o sol da escuridão!

918.

---

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado medindo 10,9 x 32,2 cm.

Rouca e silencia sea illuao, que auzuna  
e olazpi a Teata de compoerir a riuo,  
que she trauxer a Guesa de ptoana ...

A Guesa que tou fhaidoz, oytilliro  
trauxer a teata dea Teata - Autmo  
ao que Teata o'um cando de muiro...

Tinge as flores com a teata de muiro  
sem ptoana com a teata de muiro ...  
sem ptoana com Teata e o Teata ...

Coopando as ptoana de aum Ptoana  
Teata de a Teata e olazpi de aum Teata  
Ptoana que Teata de Teata ?

A Teata de a Teata; a Teata  
Teata de a Teata de Teata - muiro

Ronda o silêncio na ilusão, que enfuna  
e aloira a Seara de um porvir divino,  
que lhe trouxera a Deusa da fortuna...

- 5 A Circe que tem fluidos sibílinos  
trará as tentações a Santo-Antônio  
ao ver Jesus num cândido menino...

Tinge as flores com as tintas do estramônio:  
sem partilhar com a lúgubre ceraúnia...  
sem partilhar com Judas e o Demônio...

... às tintas do...  
... a lúgubre ceraúnia...  
... com Judas e...

- 10 Escapando ao poder de um Pandemônio<sup>1</sup>  
Tem como a Lua o claustro de uma duna  
Ressumbra pelo Lodo da Lacuna<sup>2</sup>

A Natureza se retrai; condensa  
Em si o êxtase<sup>3</sup> [----] de Si-mesma

---

\* Poema manuscrito, a tinta azul, em papel sem pauta, medindo 22 x 16,5 cm. A folha está dobrada ao meio e os quatro lados, assim formados, estão escritos. Na frente, apenas dois versos, a lápis. O poema propriamente dito inicia no verso dessa primeira folha e ocupa outras duas, frente e verso, não possuindo título. Ao final, há um pequeno fragmento de um poema. As duas páginas centrais foram margeadas, a lápis. Dentro dessa folha dobrada, onde está o poema, há seis páginas, com três poemas datados de 952 e mais alguns fragmentos.

1 O autor preferiu o termo inglês "Pandemonium", embora exista o termo português "Pandemônio". Segundo *Aurélio*, do gr. *pan* + *daimōn*, neologismo criado por Milton, em *O Paraíso Perdido*.

2 No final do verso 12, está anotado o número "3".

3 No manuscrito "extasis".



- 15 a sensibilidade de algo ascensa<sup>4</sup>  
 como o brilho da Luz que a fátua [----]<sup>5</sup>  
 E Que de um áureo turíbulo derrama<sup>6</sup>  
 a ilusão e a faúlha da avantesma<sup>7</sup>  
 à distância que insiste perdurar<sup>8</sup>  
 20 como a ânsia da auréola de Si-mesma<sup>9</sup>

... a faúlha da...

Agora, a Luz as folhas faz brilhar:  
 um verde incêndio na alma se derrama  
 É de um sabor de vinho de encantar...

- 25 e a ilusão da faúlha em que se inflama  
 em distância azulada a nebulosa  
 o choupo reza ao pântano e declama<sup>10</sup>

e a ilusão da...

... azulada a ||rebrilhar|| nebulosa

| os choupos rezam | ||juntos|| ao pântano <e>...

- a Lua última estrofe silenciosa  
 cintila e encurva a mágoa do poema,  
 que é mariposa douro luminosa!...  
 30 que resvala embruxada a enfeitiçar!...

... mariposa <douro> luminosa!...

... a [se reservar]!...

- Em silêncio duas sombras se entrelaçam,  
 duas almas se abraçam no infinito...  
 A Luz de uma é o espírito da outra:  
 os corpos erram silentes...  
 35 na cisma de Si-próprios  
 e se confrangem em sensações de ópio!

Rio 918 E. Rosas

4 A palavra "ascensa" não existe dicionarizada. Deve estar relacionada ao verbo ascender.

5 No final do verso 16, está anotado o número "1".

6 No final do verso 17, há um "x".

7 No final do verso 18, está anotado o número "3".

8 No final do verso 19, está anotado o número "2".

9 No final do verso 20, está anotado o número "3", que está rasurado. Esta estrofe de seis versos não parece ser dividida em duas de três, conforme o restante do poema. Há, porém, toda uma marcação de números, o que aponta para a vontade do autor de reformulá-la.

10 Sobre o artigo "o", inicial do verso 26, está anotado o número "1".

Solome? Sorreto

Visão imaterial, que é fôr e que é misterio,  
Linha por dentro a malicia da cora!  
E ai' alme i' admira<sup>ção</sup> do tempo, e o que um ser  
valer, ou a cora<sup>ção</sup> nos fêloz algum maru<sup>to</sup>...

O' bôem de a embrozia, que fôr a sêculo,  
que a malicia de d'ous ou a angustia sêculo  
sem d'ime i' um d'outor de selva, e a l'ib'ia  
que a sêculo fôr a angustia que Temp-  
adma.

Que - Te com com os cofallos, em d'olucioz os  
brilados,

<sup>todo</sup> d'uma d'icento i' d'ol de fôrtoz que a sêculo,  
que a sêculo ou fôr dos sêculo e d'olados!

Que a sêculo a sêculo a sêculo a sêculo  
malicia a sêculo a sêculo a sêculo a sêculo  
adma...

A fôrtoz dos d'olados, que d'olado a sêculo!  
Rio 1/18 E. P. P.

## Salomé? Soneto

Visão imaterial, que és gelo e que és mistério,  
 lasciva por destino a maldição da carne!  
 tu'alma é um mar sem ritmo, talvez um cemitério,  
 talvez, meu coração nos gelos algum mame<sup>1</sup>...

... um <...> mar <sem> ritmo...

- 5 Ó boca de ambrosia, purpúrea do escrínio,  
 que a maldição de Deus caiu sangrando ess'alma!...  
 teu crime é um devastar de selvas, o assassínio  
 que suscita-me horror na angústia que Te ensalma.

... suscita <-me> horror...

- 10 Ouço-Te em som os crótalos, em dolências os bailados,  
 todo um encanto irreal de efeitos que incendeia,  
 seu íris o sol-pôr das rocas e rendados!

<todo> um...

seu íris o...

Que espada mutilou a mão que te esculpiu?  
 malditas<sup>2</sup> sejam a espada e a sedução que ateia...  
 A fúria dos dragões, que d'ouro o sol tingiu!...

... seja <m> a... que ateia...

Rio 918

E Rosas

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,9 x 33 cm.

1 O estrangeirismo foi usado para compor a rima. A palavra que se encontra dicionarizada é "marna", do francês *mame*, que significa calcário argiloso.

2 Correção: maldita sejam > malditas sejam.

Salomé?

O! Boileau, & Bartolote inquieta!

Cantharis de Puy plier d'une kaba...

Si amira, tubone, cipil, gubeta

ou sur de stime en tides, par alto, vado... 05/  
cubico el incard

Ozombu estranti de cum planda morte

spid a Buehman Saturnina

Quanda es magis timo de "mar-morte"...

ceogre se a l'au ocul' s'habriam!

No "Mar-merito" fulso de timo morte

fulgum o l'ind das Australitides

en tuoch de la ans l'ogis como cum planda!

Alm gnerpe o muros de Luceria

o ce eir de mont mja dos Sordos

Biche pulvato o pautus de Luceria

718

E. Rom

## [Salomé]

| Oh! | Bailarina, ó [borboleta] inquieta!  
 [banhada da luz flava de uma tarde...]  
 És nune, Salomé, ágil goleta [...]  
 [que em mar de aroma lúbrico se encarde]<sup>1</sup>

<que> em... aroma [ou tules, que alto arde...]

- 5 [Ó sombra] errante <,> de um [planeta] morto,  
 após a | Bacanal Satumiana | [...]  
 [Quando as rosas] têm ócio de | "Mar-Morto" | <...>  
 e ergue-se a Lua [azul] sibariana<sup>2</sup> !...

após a Bacanal...

... as rosas têm...

- 10 No "Mar-vermelho" fulvo de teu manto  
 fulgura a Íris das constelações...  
 e a tarde desce aos lagos como um pranto!

... o Íris das constelações...

... desce aos lagos como...

Têm síncope os nardos da Luxúria...  
 e ao vir da noite vaga das Soidões,  
 brilha palustre o pântano da Incúria!...

brilha palustre o...

918

E. Rosas.

\* Soneto manuscrito, a tinta vermelha, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. As duas primeiras estrofes são uma variação do poema da página 151, com alterações, que foram aqui ressaltadas. Na dissertação de Ana Lize Brancher, há outra versão (p. 56); faz parte da plaquete (Os Meus Abrolhos "À La Manière des Poetes d'Orphée") 915 a 946. N. Luzo (E. Rosas). Em *Poesias* de Ernani Rosas, 1989, há três poemas intitulados, respectivamente: "Salomé I", "Salomé II" e "Salomé III", sendo os três diferentes das versões aqui apresentadas.

1 As alterações deste verso foram feitas a lápis.

2 Palavra não dicionarizada, que deve estar relacionada ao adjetivo "sibarita".

## "Salomé"

1° Bailarina, ô barbaletta, inquitu,  
omulta da tua plama de unu roodu!  
2° oimiu, Salomé, ô jil, galita...  
om enor de oimiu oimiu, om alto oimiu!

3° multu ornulô de unu planeta murtu,  
opis o tuccha nel saturniana...  
onde o plômas tẽm dno de mar murtu!  
e erge-se o sua ogul, sybariana...

4° agas so longe de amthusa lua,  
ô sua branu pãu oclanalia...  
Sudorio expectatã e om oimiu fluetã!

Amorquado de extasis a Aljama enajã  
do sob'inglêsimo de seu corpo, oimiu...  
constellã de oijofãs e om fãgã!...  
Rio 5/8. E. P. m.

["Salomé".]

- |   |  |
|---|--|
| <p>Ó Bailarina, ó [borboleta] &lt;,&gt; inquieta[,]<br/>[envolta] da [Luz flava de uma tarde!]<br/>És nune, Salomé, ágil goleta [...]<br/>[em mar de aroma e véus, que alto arde!]</p>                  | <p>...ó <u>borboleta</u>, inquieta,</p>  |
| <p>5 [Ó noite] errante de um [planeta morto],<br/>após a bacanal saturniana [...]<br/>onde [as flores] têm ócio de mar-morto &lt;!&gt;<br/>e ergue-se a Lua [azul], sibariana<sup>1</sup>   !   ...</p> | <p>... e <u>véus</u>, que...</p> <p>... um <u>planeta</u> morto,</p> <p><u>onde as flores</u> têm...</p> |
| <p>10 Ó ciclo ao longe de nublosa Lua,<br/>ó Lua branca p'la melancolia...<br/>sudário espectral, que além flutua!</p>  | <p><u>Enervando</u> de êxtase a [Alegria] magia<br/>do arcangelismo do seu <u>corpo</u>, nua...</p>      |
| <p>Enervando de êxtase<sup>2</sup> a magia<br/>do arcangelismo do seu corpo, nua...<br/>constelada de aljófar's e ambrosia!...</p>  | <p><u>Enervando</u> de êxtase a [Alegria] magia<br/>do arcangelismo do seu <u>corpo</u>, nua...</p>      |
| <p>Rio 918.</p>   | <p>E. Rosas.</p>   |

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 11 x 33 cm. As palavras estão manchadas pelo excesso de tinta da caneta. As duas primeiras estrofes são versões do poema da página 151, cujas alterações foram aqui ressaltadas.

1 Palavra não dicionarizada, que deve estar relacionado ao adjetivo "sibarita".

2 No manuscrito "extasis". O autor deve ter preferido esta forma, em alusão à origem grega da palavra: "ékstasis".



## Saudades Outonais...

Alto arde a folhagem em pleno Outono  
 numa diáfana luz maravilhosa  
 luz, que encerra e recorda do Abandono  
 toda uma hora silente e misteriosa

... arde a folhagem...  
 ... diáfana luz maravilhosa  
luz, que [.....] e recorda do...  
 toda uma hora silente...

- 5 O dia adeja e a hora pousa ansiosa  
 sob as telas bucólicas do inverno  
 quanto anseio se vai pelo ar de airosa  
 emanção de sonho sempiterno!...

...a hora pousa...

- 10 Nunca chega a fixar esse delubro  
 de sombra e luz, de recordar divino  
 de horas rútilas, lôbregas de Outubro...

Desse cair de Outono peregrino  
 pela emoção de atávico lucubro,  
 fulgindo à luz as folhas de ouro fino!...

... atávico lucubro,

918 Rio E Rosas

---

\* Soneto manuscrito, a tinta azul, em papel pautado, medindo 10,8 x 32,5 cm. Todo o poema está bastante manchado pela tinta da caneta.

## Senhor de todo Luz

Adontem por flores de ensina  
o mistro, do que fôr no men reflexo ...  
sonnticas nãum potimo em que o dia

Sua tãmbem em sua surra, o que: ~~de~~ disposto  
de estrela de divino, prantando  
essa vaga harmonia de Amoroso ...

Adisinto-se por mim e atravessando  
os sonhos deste mundo e do Infinito,  
fazem o marfim do céu que ispi mentando ...

Men come <sup>trição</sup> ~~trição~~ e opura o ritmo  
~~acessíveis a compunção na jornada,~~  
nessa forma de expusendo benedicto ...

Lá, os rãos duas corubos pãla alvorada  
stingem o mesmo limiat de olvido ...  
e ba emita Luz pãra além nas micross!

Amber mantem stãnto, e sentido  
Opusti de uma tristi natureza ...  
fãto tão gran e paz fãto em diluado

O formoso no bromien Faistega!  
mas, si em meio do yoi da enãma estãda  
alguem retroceder porqu não hãta?

Seguiri a minha alma resignada ...  
para os portos de Ilorã que hãta e dãda ...